

José Geraldo Soares Damico

**“Quantas calorias eu preciso [gastar] para emagrecer com saúde?”
Como mulheres jovens aprendem
estratégias para cuidar do corpo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS), em cumprimento às exigências parciais para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa:
Educação e Relações de Gênero

Orientadora:
Dagmar E. Meyer

Co-Orientadora:
Dora Lúcia L. Oliveira

Porto Alegre
2004

AGRADECIMENTOS

Aos professores e às professoras do Departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação da UFRGS pela acolhida carinhosa e disponibilidade que em todos os momentos, desde minha chegada à escola, facilitaram a realização da pesquisa.

Às meninas que participaram dos encontros grupais e que tornaram possível este estudo, meu profundo respeito e afeto: valeu mesmo!

Aos/Às colegas professores e professoras do curso de Educação Física da ULBRA, em especial Mandarino, Pippi, Edmilson, Aniê e Da Costa. Aos/Às colegas e parceiros/as da Direção, Elisandro, Ivan, Cláudia, Thaíse, Tatiane, Luciana e Vanessa que me apoiaram e compreenderam meu momento. Ao Edu Merino, meu irmão branco, pela força e por acreditar em mim.

A Lia, minha mãe e ao Geraldo, meu pai; e aos irmãos Marcelo (sugestão da capa) e Flávio (*abstract* e leituras). Cada um, a seu jeito, colaborou e deu suporte para que eu conseguisse chegar até aqui.

Aos meus grandes amigos de coração Sérgio (coisas da informática) Dante e Marcelo, pelas valiosas leituras e apoio constante.

A Rose Meyer, a Tetê, que mereceria um capítulo à parte, pelo carinho, amizade, auxílio nos grupos e, sobretudo, pela escuta, sem a qual teria sido impossível concluir este estudo.

A algumas pessoas do Hospital de Clínicas, sem as quais eu não teria procurado outro campo de pesquisa.

Aos/Às colegas da linha de pesquisa, Luis Fernando, Gládis, Helena, Simone, Maria Claudia, Ivete e Sandra, pelo apoio e companheirismo sempre demonstrados.

Às colegas e amigas Graciema e Bianca, pela parceria afetiva e sincera que construímos nestes tempos. Ao amigo, vizinho e colega professor de Educação Física Alex Fraga, pelas muitas formas de incentivo para realizar esse trabalho.

Agradeço a atenção e disponibilidade dos/as professores/as Luis Henrique Sacchi dos Santos, Nádia Geisa de Souza e Ana Márcia Silva.

A Dora, minha co-orientadora, pelas sugestões precisas e pelo carinho com que sempre acolheu minhas inquietações.

De forma mais especial ainda agradeço a Dagmar Meyer, orientadora que, com competência, paciência e dedicação extrema me guiou neste estudo.

A Nalú, minha companheira, agradeço de modo particular, pela confiança e pelos muitos incentivos e apoios nos momentos decisivos do processo de escrita. Sua presença crítica e amorosa esteve presente em todo o percurso deste trabalho, que dedico a ela...

SONHO MÉDIO**Composição: Dead Fish*

Amanheceu mais uma vez,
É hora de acordar para vencer
E ter o que falar.
Alguém para mandar,
Uma vida pra ordenar,
Poder acumular e ai então viver
Viver e prosperar,
Mais nada a pensar,
Me myself and I,
E assim permanecer,
cred card e status quo
É tudo que penso ser,
Ilusão e questionar
O sonho médio vai
Vai te conquistar
E todo dia iremos juntos
Ao shopping pra gastar
Ter e sempre acreditar
Principio meio e fim
A hipocrisia vai vencer
Vou sorrir para você
Será uma festa em meio ao caos
E as pessoas feias se apagarão
Pois somos eleitos
Pelo menos achamos ser
Nossa raça é superior
Pois vou fingir ser daquela cor
Roberto Campos é o nosso gurú
E pra sempre seremos libras
Pra trabalhar,
Pra viver!
Não importa se meus filhos não terão educação
Eles tem é que ter dinheiro e visual
O sonho médio vai
Vai te conquistar,
Mentalidade de plástico e uma imagem a zelar.

*Esta música foi-me presenteada pelas participantes da pesquisa

CALEIDOSCÓPIO*Herbert Vianna*

Não é preciso apagar a luz
Eu fecho os olhos e tudo vem
Num caleidoscópio sem lógica
quase posso ouvir a tua voz
Eu sinto a tua mão a me guiar
Pela noite a caminho de casa
Quem vai pagar as contas desse amor pagão
Te dar a mão
me trazer à tona pra respirar
Quem vai chamar meu nome ou te escutar
Me pedindo pra apagar a luz
Amanheceu, é hora de dormir
Nesse nosso relógio sem órbita
Se tudo tem que terminar assim
Que pelo menos seja até o fim
Pra gente não ter nunca mais que terminar.

RESUMO

A presente dissertação resulta de uma pesquisa em que se discute como determinadas jovens escolares aprendem estratégias para cuidar do corpo, nos dias de hoje. Utilizo a abordagem da análise cultural, tal como desenvolvida pelos Estudos Culturais e de Gênero, que se aproximam do Pós-Estruturalismo de Michel Foucault, para examinar depoimentos de 18 mulheres jovens entre 13 e 15 anos, estudantes da 8ª série do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP/UFRGS). Esses depoimentos foram produzidos no contexto de discussões conduzidas em grupos focais, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise. Exploro as falas das jovens tomando como base os conceitos de cultura, discurso, gênero e poder, com o propósito de analisar os diferentes modos pelos quais o cuidado com o corpo é significado. Discuto quais são as práticas que as jovens privilegiam quando cuidam do corpo, que discursos se articulam para configurar tais práticas e, finalmente, como o gênero institui e atravessa as relações de poder/saber no âmbito destas formações discursivas.

As análises desenvolvidas permitem-me dizer que determinados atributos como a forma física e a aparência que ela revela são elevados a marcadores sociais importantes na classificação e na hierarquização dos estilos de vida contemporâneos. As estratégias para cuidar do corpo estão relacionadas com os desenvolvimentos tecnológicos, científicos ou mercadológicos que procuram lhes dar sentido. Além disso, as aprendizagens parecem resultar de investimentos num conjunto de estratégias direcionadas às mulheres (principalmente). Dessa forma, tais aprendizagens configuram, cada vez mais cedo um jeito específico de cuidado e controle destes corpos, relacionados à alimentação, às dietas, aos exercícios físicos e ao vestuário. A relevância das análises dos depoimentos em torno das questões do cuidado pode ser percebida nas muitas hesitações demonstradas pelas jovens nesses depoimentos. Em particular, quando pensam em cuidar do corpo - entre o fazer e o não fazer, entre o prazer e o risco.

Problematizações como essas são interessantes na medida em que desestabilizam a unidimensionalidade dos processos de se tornar mulheres e homens jovens. Sugiro, ainda, que pensar nas transformações no cuidado é problematizar o que se espera que seja cuidado, o modo de cuidar e, principalmente, o que efetivamente é objeto de cuidado. Enfim, a discussão da temática do cuidado permite pensar a mudança em nós mesmos na nossa sociedade.

ABSTRACT

This study is the outcome of a research work in which it is discussed how young female students develop strategies to take care and to relate to their bodies. I follow the cultural analysis approach, as developed by Gender and Cultural Studies – which is related to Michel Foucault's Post-structuralism –, in order to examine statements by 18 young women, aged between 15 and 13 years old. They are students of Colégio de Aplicação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP/UFRGS) at the 8th grade basic school or at the 1st grade high school. These statements were made in the context of focal groups' discussions. Such discussions were tape recorded and, subsequently, transcriptions were made for detailed analysis. Taking the concepts of culture, discourse, gender and power as a basis, I seek to explore the different ways by which body care is given a meaning. I develop the following questions: (1) which the preferred practices followed by the students are; (2) what discourses are applied to articulate such practices; and, finally (3) how the question of gender determines and cuts across the relations of power and knowledge in the context of these discourses. The analysis carried out allow me to say that certain attributes such as physical aptitude and appearance find their places as "social markers". Such markers become central in the classification and ranking of current life styles. Body care strategies are related to technological, scientific and marketing developments that strive to provide meaning to these strategies. Moreover, the evolution of knowledge appear to result from investments in an array of strategies targeting (mainly) women. Thus, at increasingly earlier stages, such knowledge frames a particular way of body care and control related to feed, diets, physical exercise and clothing. The relevance of the analysis of statements regarding body care can be foreseen by the many hesitations contained therein - when these youngsters consider whether or not to take care of the body, whether or not to undertake some actions, and to decide between either enjoying pleasure or running risks. Questions like these are interesting as they call into question the perception that the growing-up process is a uni-dimensional one. Furthermore, I suggest that to reflect upon the transformations in the body care process is to call into question what we expect to be taken care of, the way in which such care is conducted and, in particular, what is effectively the purpose of such care. In brief, to discuss the theme of the body care allows us to consider change within us in our society.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	9
1 MEMÓRIA DA PELE – UMA APROXIMAÇÃO	
TEÓRICO-METODOLÓGICA	17
1.1 Dos campos investigativos	17
1.2 (Des)caminhos investigativos.....	25
1.3 Um lugar de encontro: caracterizando o trabalho de campo	29
1.4 Corpo a corpo com as jovens – o procedimento de grupos focais	35
2 O CUIDADO COMO UM OLHAR SOBRE SI MESMA	46
2.1 As críticas instituindo um jeito de ser jovem	47
2.2 As críticas ao olhar sobre si mesmas	58
2.3 O olhar dirigido ao outro	74
3 CUIDADO E VIGILÂNCIA COMO ESTRATÉGIAS DE	
CONTROLE NA JUVENTUDE	82
3.1 Visibilizando discursos que transformam o eu	83
3.2 A família ensinando modos de ser feminina	89
3.3 Mirando o futuro.....	96
4 EU E OS OUTROS: OLHARES SOBRE A APARÊNCIA	103
4.1 Um olhar sobre o corpo feminino jovem: as dúvidas que pesam.....	104
4.2 O olho invisível que nos vê	113
4.3 O fato na foto: as revistas produzindo sentidos.....	126
4.4 Desigualdades visíveis: as diferenças espelhadas entre elas e eles	130
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE OS MODOS DE OLHAR	141
6 BIBLIOGRAFIA	149
7 ANEXOS	158

INTRODUÇÃO

Em uma entrevista de Mino Carta,¹ realizada em novembro de 2003 durante a Feira do Livro em Porto Alegre, perguntaram-lhe qual era sua opinião sobre a revista *Veja*. Ele respondeu que lhe dava pena ver uma revista que já teve muita importância e que já influenciou os rumos da vida política e econômica brasileira preocupar-se hoje com a gordura das leitoras. Mino Carta, de um modo irônico, expôs a realidade de grande parte das publicações brasileiras que hoje têm a preocupação de publicar artigos que focalizam o peso, a gordura e a forma do corpo do brasileiro, ou melhor, das mulheres brasileiras. O jornalista, de certa forma, incorpora um discurso intelectualizado e tradicional que defende que certos assuntos possuem uma hierarquia em relação a outros, como os relacionados com o corpo, que seriam de menor importância para a vida social.

Nestes tempos, emerge justamente dos meios de comunicação de massa, como as revistas, os jornais e os programas de televisão, toda uma discursividade sobre e para o corpo, contemplando modos de vestir, comer, exercitar-se, dançar e ouvir música. Todas essas práticas corporais constituem um conjunto de relações de saber-poder que se dirigem às múltiplas formas de ser e de estar no mundo.

Essa visibilidade que a mídia atual empresta às questões ligadas ao corpo não é nova, mas parece ser cada vez mais exigente, principalmente em relação às mulheres – e às mulheres jovens, em especial –, justificando as intervenções que devem ou podem ser realizadas para a manutenção de um corpo jovem para as mulheres adultas ou, ainda, uma aceleração para que as crianças se tornem rapidamente jovens e atraentes, o que torna necessários investimentos massivos no corpo.

Nesta dissertação, volto-me para uma discussão que focaliza algumas das relações que mulheres jovens estabelecem com seus corpos. Busco discutir as aprendizagens que determinadas jovens – estudantes – fazem e colocam em operação nos seus corpos como um dos possíveis resultados dos jogos de poder na sociedade contemporânea. Para isso,

¹ Mino Carta é jornalista e diretor geral da revista *Carta Capital*. Foi um dos editores-chefe da revista *Veja* durante os anos 80 do século passado, quando esta era uma das revistas de economia e política mais importantes do país. Essa entrevista foi reprisada no dia 24/01/2004 no Canal 36, TV COM, RBSTV.

realizei uma pesquisa cujo trabalho de campo envolveu a realização de discussões, em grupos focais, com 18 estudantes das oitavas séries do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio do Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eu estava interessado em conhecer as estratégias que essas jovens dizem utilizar para comer ou deixar de comer, para perder ou ganhar peso e tornarem-se ou manterem-se magras, como preocupações que dão sentido às suas vidas. O meu objetivo é discutir alguns dos modos pelos quais a cultura constrói e regula o corpo feminino jovem, permitindo que as jovens compreendam de determinados modos suas experiências e definam, assim, o que podem e devem fazer com o seu corpo.

A discussão que empreendo acerca dessa problemática ancora-se nos Estudos de Gênero que se aproximam do pós-estruturalismo e das teorizações de Michel Foucault, uma vez que essa abordagem permite pensar o corpo como um “construto sócio-cultural e lingüístico, produto e efeito das relações de poder” (MEYER et al, 2003, p. 26). Essa perspectiva opera rejeitando noções essencialistas e universais de homem e mulher apostando na multiplicidade e na conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue os corpos e sujeitos masculinos e femininos.

Adoto o conceito de juventude e o termo “jovem”, articulados aos conceitos de gênero e de cuidado, como sendo também construtos culturais que funcionam simultaneamente como produtos e produtores de determinadas convenções. A juventude não é uma categoria fixa, ou seja, as mudanças nos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil estão necessariamente vinculadas aos contextos sócio-históricos, produtos das relações de força da sociedade (REGUILLO, 2003, p 104), o que significa que “a expectativa em relação às idades se forma a partir de entendimentos específicos em cada época” (FRAGA, 2000, p. 54). Nessa direção, pode-se, então, considerar que não existe uma única juventude: na contemporaneidade, as juventudes são múltiplas, variando em relação a características de classe, de lugar, de raça/etnia e a um panorama variado que engloba comportamentos, referências, linguagens e formas de sociabilidade (MARGULIS, 2001).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que as mulheres jovens têm sido posicionadas como personagens centrais do culto ao corpo. Tal posição tem sido caracterizado por argumentos que descrevem as jovens (e a relação que estas estabelecem com seus corpos) como belas e sedutoras e, ao mesmo tempo, irresponsáveis, emocionalmente proble-

máticas e personagens principais de condutas e situações ‘de risco’, tais como gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, uso de drogas, desordens alimentares e sedentarismo.

Esse estatuto de ameaça a si mesmas e aos outros atribuído às mulheres jovens, evidenciado por muitos discursos médicos, psicológicos e educacionais, parece fazer eco aos discursos que colocam a “adolescência” como uma etapa da vida vivida do mesmo modo por todos os jovens, que seria ‘naturalmente’ conturbado e que se caracterizaria pela contestação em relação às demandas das gerações mais velhas, dentre outras coisas.

Em oposição a essa perspectiva, definir juventude em termos socioculturais implica pensar que ela “não é mais que uma palavra, uma categoria construída” e que “as categorias são produtivas, realizam coisas, são simultaneamente produtos de acordos sociais e produtoras do mundo” (REGUILLO, 2003, p. 106). Nesse sentido, a definição de juventude, tal como a conhecemos hoje, congrega discursos jurídicos, escolares e técnico-empresariais que afirmam que os/as jovens são sujeitos de direitos e desejos e, principalmente, consumidores/as em potencial.

Nessa configuração sociocultural, cada um dos espaços em que circulam os/as jovens, sejam os públicos ou privados, funciona como instrumento de visibilidade para se ver e ser visto/a, para consumir e ser consumido/a. Trata-se da transformação do sujeito da era industrial, do corpo disciplinado, produtivo e dócil descrito por Michel Foucault, no sujeito pós-industrial que “faz parte de diversas amostras, nichos de mercado, segmentos de público, *targets* e bancos de dados” (SIBÍLIA, 2002, p. 34).

Nesse contexto, os processos contemporâneos de construção dos corpos femininos jovens através das práticas corporais ou das imagens culturais em que tais práticas se apoiam constituem-se em preocupações centrais de muitas garotas. Miriam Adelman² (2003), com base em um estudo da historiadora norte-americana Joan Brumberg, que analisou cem anos de diários de jovens mulheres, argumenta, em relação a isso que:

² De acordo com as normas de redação científica proposta pela ABNT, nas citações deve constar o sobrenome do/a autor/a. Entretanto, optei por escrever por extenso nome e sobrenome, quando este é inserido pela primeira vez no texto, desde que a citação esteja no corpo do trabalho.

As meninas de outras épocas escreviam principalmente sobre os desafios do amadurecimento do caráter; hoje em dia, a preocupação central gira em torno da aparência física e da apresentação do corpo para os outros. Para essas meninas, a auto-estima parece depender muito mais do tamanho do nariz, da cintura ou das pernas do que da maneira que desenvolvem capacidades de relacionamento com o mundo (ADELMAN, 2003, p. 451).

No caso do corpo feminino jovem, este tem sido objeto de padronização, tanto em termos de tamanho (altura e largura) quanto em termos de forma (esbelteza, rigidez muscular e curvas) e “nesta construção, o que está em jogo são as energias e os recursos do corpo feminino, uma verdadeira batalha política” (ADELMAN, 1999, p. 451).

Nestes discursos, as noções de saúde, de bem-estar e de alimentação são constantemente renovadas e rearticuladas, instituindo formas de cuidado com significações distintas de prazer, de contenção, de resistência, de feminilidade ou de masculinidade. Nesse caso, determinadas práticas corporais passam a ser objeto de uma atenção constante, na qual o cuidado com uma alimentação tida como equilibrada, por exemplo, resultaria em uma aparência mais “saudável”, e exercícios físicos orientados seriam determinantes para uma “saúde perfeita”. Em suma, essas práticas vão compondo um estilo de vida “ativo”³ em que a auto-vigilância e a motivação são a ordem do dia.

A busca pela magreza, no caso das mulheres jovens, está dimensionada por processos culturais que constituem práticas corporais objetivadas em uma série de cuidados com o corpo. Em sua relação com corpos generificados, as garotas (mais do que os garotos) são educadas para exibir seu corpo de acordo com a moda, usando mini-blusas, calças e mini-saias de cintura baixa, biquínis fio dental, blusas de alcinhas, chinelos e tamancos de plataforma. Esses artifícios podem funcionar como pequenos constrangimentos, quando o corpo não está “adequadamente” preparado para exibir, por exemplo, uma barriga em “forma” ou um “bum-bum” arrebitado: “o modelo de beleza que deve ser alcançado resulta de um esforço, de um autocontrole do corpo, de uma educação cuidadosa, de uma certa predisposição para a tortura, de uma retomada bíblica” (SOARES, 2003, p. 16).

³ O estilo de vida “ativo”, ou a mudança no estilo de vida que resulte em uma vida ativa é um dos principais elementos do documento final da Conferência Internacional de Promoção da Saúde de Ottawa, realizada no Canadá, em 1986. A importância deste documento é de que nele se lançaram as diretrizes para as principais transformações na saúde pública, em sentido amplo, na maioria dos países. (PALMA et al, 2003, p. 26).

As práticas corporais, até a metade do século XX, eram orientadas para as mulheres com uma certa ambigüidade: de um lado, censuravam a falta de disposição física e moral para os exercícios físicos e, de outro, preveniam possíveis ousadias que uma vida mais voltada para fora de casa pudesse desencadear, como o afastamento das obrigações com a família e o lar. “Era necessário exercitar os músculos e limpar a mente, arejar a casa arejando o corpo na ginástica, porém sem ousadias. Arejar regularmente sim, mas não abandonar o lar” (FRAGA, 2002, p.57).

É somente a partir de 1960 que parece ocorrer um incitamento maior do que em períodos anteriores para que os indivíduos modifiquem suas condutas nesse sentido. Nas palavras de Michel Foucault:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 2002, p. 146).

Esses processos, que passo a caracterizar como sendo de controle e também de estimulação, têm nas atividades físicas um dos seus mais fortes instrumentos. Os exercícios físicos voltados para a melhoria da saúde e o conseqüente aumento de qualidade de vida foram os argumentos utilizados para sua massificação na década de 70 do século passado. No decorrer dos anos, outros valores foram agregados, principalmente o de aperfeiçoamento da beleza do corpo.

Os argumentos produzidos foram possíveis a partir do desenvolvimento de discursos científicos no âmbito da fisiologia humana, como os apresentados por uma corrente de especialistas que defende os exercícios aeróbicos, nos quais o corpo deve ser capaz de suprir a quantidade adequada de oxigênio de forma a manter a performance e, ao mesmo tempo, fazer a queima das gorduras. A partir daí, começa a ser produzida toda uma teorização para transformar lugares fechados em espaços onde se obtém um resultado fisiológico que leva à queima calórica e à diminuição de peso. As salas de ginástica e de dança proliferam e os clubes sociais e centros comunitários popularizam-se como espaços de cuidado com o corpo e de convivência.

Nesse contexto, ampliar o controle sobre o corpo envolve não só controlar o gasto energético, mas também o que é ingerido. A alimentação/nutrição para o controle do peso corporal penetra a mesma ordem discursiva da atividade física, visando o cuidado com a saúde e responsabilizando o próprio indivíduo pelo seu bem-estar e sua boa saúde. A incorporação de um estilo de vida que observe corretamente o manejo das atividades físicas torna-se uma obrigação, defendida por um conjunto de especialistas: médicos/as, nutricionistas e, principalmente, professores/as de educação física.

No entanto, apesar dessa ênfase na saúde e no corpo saudável, é possível dizer que as principais transformações ocorridas nos últimos 30 anos, no campo discursivo em que se insere a atividade física, são fundamentalmente de ordem estética.

Para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina, alertam as revistas femininas e masculinas, além de todas aquelas dedicadas à boa forma existentes no mercado. O autocontrole da aparência física é cada vez mais estimulado. Promete-se, entre outras belezas, um abdômen cheio de gomos salientes ou nádegas duras e livres de celulites caso o indivíduo se dedique a tal propósito e receba todas as informações fornecidas como um conjunto de obrigações (GOLDEMBERG; RAMOS, 2002, p. 22).

No caso, a gordura parece configurar-se, em relação às atividades físicas, como uma oposição à boa forma (*fitness*), quase significando uma doença a ser exorcizada ou extirpada. Na maioria das sociedades contemporâneas ocidentais, a forma física e a aparência que ela revela têm sido marcadores sociais importantes na classificação e hierarquização dos estilos de vida, bem como de ascensão social e afetiva, enquanto que a flacidez e a gordura vêm significando, sinais de indisciplina e falta de cuidado do indivíduo consigo mesmo.

Em minha perspectiva, pressupostos como esses fazem parte de estratégias intimamente relacionadas com as mudanças nos estilos de vida contemporâneos, com alterações situadas em novas formas de (des)controle dos corpos, impulsionadas muitas vezes por descobertas tecnológicas, científicas ou mercadológicas que procuram lhes dar sentido. Além disso, eles orientam aprendizagens que parecem resultar de investimentos num conjunto de estratégias direcionadas às mulheres (principalmente), configurando cada vez mais cedo um jeito específico de cuidado e controle com os corpos, delineados no âmbito de práticas discursivas e não-discursivas relacionadas às dietas, à alimentação, aos exercícios físicos e ao vestuário.

Alguns desses aspectos, que discutirei nos capítulos dedicados à análise, indicam que “os diferentes grupos sociais se distinguem uns dos outros não só pela posse de bens materiais, mas pelas suas formas corporais, pela sua conduta e modo de expressar-se” (LUPTON, 2000, p. 22).

Cabe salientar que, do ponto de vista educacional, ao tratar do processo de aprendizagens pelos qual determinadas jovens cuidam do corpo em nossa cultura, este estudo pode contribuir para a compreensão dos modos como as jovens pensam e controlam seu corpo. Essa relação entre educação e cultura fundamenta-se na idéia de que as práticas educativas articulam um conjunto de processos nos e pelos quais os indivíduos aprendem a se tornar sujeitos de uma dada cultura corporal. Neste estudo, isso inclui aquelas práticas que ensinam as jovens a conhecerem seu corpo e dele cuidarem de um determinado modo e não de outro, uma vez que tais práticas são, de alguma forma, ensinadas e aprendidas.

Minhas questões centrais de pesquisa podem ser sintetizadas, então, nas seguintes perguntas: **Quais práticas corporais têm sido privilegiadas por jovens estudantes do sexo feminino quando estas cuidam do corpo? Como essas jovens aprendem formas de cuidar do próprio corpo?** Outras questões desdobram-se das anteriores: **Que discursos se articulam para configurar tais práticas? Como o gênero institui e atravessa as relações de poder/saber no âmbito dessas formações discursivas?**

Para dar conta dessas questões, a dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro, denominei de “**Memória da pele – uma aproximação teórico-metodológica**” no qual apresento os campos de estudos, que, articulados, fundamentam a discussão dos capítulos de análise, bem como apresento os (des-)caminhos percorridos para a realização da pesquisa, o campo de pesquisa e o método de análise que utilizo. O segundo capítulo, chamei de “**O cuidado como um olhar sobre si mesma**” nele analiso a unidade temática do cuidado, a partir de uma máquina ótica, a qual depende de pequenos movimentos de torção, esperando visualizar os modos de ser jovem na contemporaneidade, tanto pelas observações dos outros ou pelo exame de si mesma, como pelo olhar dirigido aos outros. No terceiro capítulo, “**Cuidado e vigilância como estratégias de controle na juventude**”, o intento é analisar o cuidado a partir do mesmo objeto óptico anterior, só que a visibilidade se forma com a penetração de diferentes discursos que formam o sujeito e que são acionados pelas jovens quando se referem a si mesmas. No quarto capítulo “**Eu e os ou-**

tros: olhares sobre a aparência”, analiso as discussões produzidas nos encontros grupais a partir de uma torção no objeto óptico, que produz um movimento cambiante nas posições de sujeito que as jovens ocupam, de modo que não se vê o predomínio de uma dimensão do cuidado sobre outra, mas, sim, as dimensões como variáveis dos regimes de visibilidade.

1 MEMÓRIA DA PELE – UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 Dos campos investigativos

As teorizações dos Estudos de Gênero que têm se apoiado nas discussões de Michel Foucault preocupam-se, freqüentemente, com as questões de discurso, poder, saber, subjetividade e corpo articulados com sexualidade, raça/etnia, nacionalidade e geração. A produtividade dessas discussões pode ser comprovada na multiplicidade de publicações de livros e artigos ou, ainda, nas dissertações e teses nos diferentes programas de pós-graduação espalhados pelo Brasil que possuem linhas de pesquisa ou grupos interessados nessa área. Exemplos disso são os trabalhos de Sandra Andrade (2002) e de Márcia Figueira (2003), que abordam as representações de corpo feminino nas revistas *Boa Forma* e *Capricho*, respectivamente. As autoras demonstraram, por intermédio de diferentes análises de seções dessas revistas, como alguns veículos da mídia ensinam as mulheres a conduzirem seus corpos na direção de uma aparência mais adequada a estes tempos em que o sentido do olhar parece ter a primazia.

Esses estudos são multitemáticos e polifônicos e provêm de áreas diversas, como pedagogia, enfermagem, letras e educação física, o que demonstra o interesse e a pertinência de se estudar o corpo de forma articulada com gênero e educação. De modo mais amplo, os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero “têm mergulhado nos processos e artefatos culturais de seus povos, na cotidianidade de suas práticas de significação, na contemporaneidade de um tempo em que as fronteiras entre o global e o local se interpenetram e se modificam” (COSTA et al, 2003 p. 48). O caráter antidisciplinar das formulações contidas em cada um desses campos de estudos revela uma característica que freqüentemente se explicita em uma tensão desconfortável com outras disciplinas acadêmicas.

No contexto dessa perspectiva teórica, trabalha-se com uma noção de cultura que envolve um redimensionamento do conceito tradicionalmente presente nos estudos das ciências humanas e sociais, nos quais se enfatiza a cultura como o conjunto de valores e tradições que é mantido de geração em geração. Cultura, na abordagem dos estudos cultu-

rais inspirados nas teorizações pós-estruturalistas, é definida como um campo de lutas que envolve os processos de significação (SILVA, 2000) e,

Neste sentido, [ela] não é universal, nem está dada de antemão, mas é ativamente produzida e modificada, ou seja, poderíamos pensá-la como os processos pelos quais se produz um certo consenso acerca do mundo que permite que os diferentes indivíduos se reconheçam como membros de determinados grupos e não de outros. Isso significa entender a cultura como um processo arbitrário, uma vez que cada grupo pode atribuir um significado diferente e viver de forma diferente, um mesmo fenômeno ou objeto (MEYER, 2003, p. 11).

É esse conceito de cultura que permite teorizá-la como constitutiva do mundo social, localizada e, ao mesmo tempo, equiparada a diversas formas de conhecimento produzidas em diferentes locais, como a família, a escola e a mídia, por intermédio de discursos e práticas. Essa compreensão possibilitou-me tratar diferentes aparatos e “locais” culturais como possíveis instâncias de aprendizagens corporais. Não importa, nesses casos, se existe uma intenção de informar ou simplesmente entreter, já que, de alguma forma, assim também se produzem conhecimentos que podem dirigir as condutas das pessoas.

Nessa direção, a relação entre educação e cultura, que proponho se fundamenta na idéia de que as práticas educativas articulam um conjunto de processos nos e pelos quais os indivíduos aprendem a se tornar sujeitos também de uma cultura corporal. Na perspectiva desta dissertação, seriam aquelas práticas que ensinam as jovens a conhecerem e a cuidarem do corpo de um determinado modo, no contexto de processos educativos – intencionais ou não – em que elas estão envolvidas. Deste modo, ainda, “tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de aprendizagens” (MEYER et al, 2003 a) que incluem os conselhos familiares, os meios de comunicação de massa, o grupo de amigas/os e a escola, por exemplo.

A escola, nesse sentido, atua tanto como um centro gerador quanto re-produtor de relações de poder-saber de uma série de discursos. Alguns desses discursos que penetram na escola são autorizados e reconhecidos como produtivos para gerar as aprendizagens adequadas. Tais discursos provêm de fora do lugar-escola e, ao mesmo tempo, são incorporados por ela a fim de posicionar a saúde física como um projeto a ser construído e implementado. Podemos, pois, “ver a escola engajada na promoção de alguns desses meios e aprendizagens: modos ‘corretos’ de alimentar-se, de ‘postar-se’, de exercitar-se, de vestir-se, de expressar-se, para ficar nos exemplos mais simples” (MEYER e SOARES, 2004, p. 6).

Considero, aqui, que o corpo é um construto biológico-cultural que, no caso do modo como as jovens cuidam do corpo, é constituído por um conjunto complexo de aprendizagens culturais que o situam no entrecruzamento entre o que é definido como natureza (biologia) e como cultura. Com base nesse pressuposto, busco investigar como as jovens aprendem a conhecer e a cuidar do seu corpo para tornarem-se sujeitos de determinadas culturas corporais.

Nessa perspectiva, distintas práticas, produtos e espaços culturais são educativos na medida em que se entende que neles o poder organiza-se e exercita-se por intermédio de variados mecanismos sociais e tecnológicos. Os exercícios físicos, as revistas de boa forma ou de embelezamento e a televisão são considerados instâncias educativas e produtoras de significado (STEINBERG, 1997).

É nesse sentido que abordarei o culto contemporâneo ao corpo feminino jovem como integrando um processo em que se correlacionam diversas práticas discursivas e não-discursivas que prometem libertar esse corpo de antigas repressões ao mesmo tempo em que instituem outras – novas? – coerções. Um aspecto interessante é o modo como se apresentam tais pedagogias, que, diferentemente das estratégias pedagógicas escolares, reúnem uma variedade de recursos tecnológicos e econômicos, buscando atingir, por uma série de mecanismos de sedução e de emoção, o desejo dos indivíduos.

As colocações que venho fazendo não implicam que eu esteja negando, aqui, a materialidade biológica do corpo humano e suas expressões fisiológicas e anatômicas; com elas, estou apenas afirmando seu aspecto de entidade cultural da qual se desdobram ações que conferem sentidos às práticas cotidianas. Deste modo, trata-se de um corpo que só se constitui e significa como um corpo determinado na cultura. A materialidade biológica do corpo encontra-se implicada num conjunto de práticas cotidianas, seja da família, mídia, escola ou grupos de amigos, que, através de séries discursivas, nela instituem comportamentos, desejos, expectativas, pensamentos e marcas físicas que podem produzir um conjunto de significados que darão sentidos as nossas vidas. Essa imbricação entre o biológico (natureza) e o cultural ocorre através de múltiplos investimentos no corpo, os quais, em diversas redes de saber-poder, são vividos ora como mecanismos de coerção, ora como disciplinamento, ora como estratégias de controle, mas também, e principalmente, como liberdade, autonomia e prazer.

Sendo assim, a abordagem que utilizo neste estudo pressupõe que o corpo humano, no caso o das mulheres jovens, só adquire determinados sentidos no contexto de uma cultura que torna possível que eles sejam compreendidos e experienciados de formas determinadas. Uma dessas possibilidades de compreender e experienciar o corpo é o corpo projeto que

supõe um engajamento individualizado e intensificado sobre o corpo, um corpo deslocado do social e da cultura, que é de minha inteira responsabilidade. Um dos projetos de corpo mais enfatizados na atualidade é o da aquisição de corpos turbinados e saudáveis. Saudável como um enunciado ambíguo, onde se borram completamente as fronteiras entre beleza e saúde, entre humano e máquina, entre fenótipos e cosmética. (MEYER e SOARES, 2004, p. 9-10).

A noção de corpo projeto articula as questões deste estudo, considerando que ela sustenta um conjunto de intervenções que visa mudanças no comportamento individual de jovens mulheres, principalmente indicando estilos de vida e, conseqüentemente, hábitos que devem ser cultivados, dentre os quais se destacam, por exemplo, os exercícios físicos e uma dieta adequada. Assim, o corpo projeto é um construto contemporâneo, pensável, sobretudo, no contexto da racionalidade neo-liberal, como algo que pode constantemente ser aperfeiçoado, melhorado e modificado.

A doutrina neo-liberal nos países ocidentais tem como pressuposto fundamental a ênfase no individualismo e na tentativa de pôr fim ao *welfare state* (estado de bem-estar social) e o conseqüente desmantelamento das políticas universais de saúde, educação e assistência social, por exemplo. Com a ascensão do neo-liberalismo, a atenção em termos de cumprir as diretrizes da Carta de Otawa⁴ restringiram-se a intervenções para mudanças de comportamento individual, deixando de lado estratégias políticas populacionais de saúde (OLIVEIRA, 2001).

O neo-liberalismo penetrou fortemente na ordem discursiva ao responsabilizar os indivíduos pela manutenção de sua saúde e pelo cuidado com seu corpo de uma maneira geral. Segundo Dora Oliveira “a liberdade deve ser regulada pelos próprios indivíduos, os quais devem se comprometer em optar por um estilo de vida que respeite o código moral da sociedade em que vivem” (OLIVEIRA, 2004, p.4).

⁴ A Carta de Otawa é o principal documento elaborado na conferência da OMS em Otawa (1986) ela define a promoção da saúde como o processo através do qual indivíduos são capacitados para ter maior controle sobre e melhorar a própria saúde (OLIVEIRA, 2001).

A ampliação das políticas que centram suas ações em um estilo de vida cada vez mais ativo está conectada à progressiva responsabilização dos sujeitos pela sua boa saúde. Isto ocorre por intermédio de um conjunto de prescrições e orientações detalhadas que buscam direcionar os indivíduos para a adoção de hábitos alimentares adequados, prática regular de exercícios físicos e sexo seguro, entre outros. Exemplos disso são as campanhas de prevenção e promoção da saúde com relação ao sedentarismo, ao tabagismo, à obesidade e ao HIV/AIDS, que procuram promover mudanças de comportamentos, atitudes e práticas e que passam a ganhar destaque em prol de um estilo de vida saudável.

Lefèvre (1991 apud PALMA, 2003, p.18) lembra que a saúde tem sido crescentemente associada a bens de consumo que objetivam promovê-la, como os medicamentos, os seguros-saúde, os alimentos especiais, os exercícios físicos etc. O autor enfatiza, ainda, que, em uma sociedade baseada no mercado, a saúde só poderia ter sentido quando acoplada à doença e à morte, à dor, ao desprazer, à fraqueza ou à feiúra. A posição do autor tem sentido na lógica do mercado que conecta a saúde a tudo que é “positivo”, ou seja, a força e a beleza, enquanto que a doença agrega toda uma “negatividade”.

Pesquisas recentes têm concluído que 70% da população em diferentes países é sedentária, sendo que em São Paulo 57,3% dos homens e 80,2% das mulheres apresentam comportamento sedentário. Segundo esses mesmos estudos, “mais de dois milhões de mortes por ano são atribuídas à falta de exercício físico: 54% do risco de morte por enfarto” (FRAGA, 2002, p.14). Essas pesquisas apontam as mulheres como sendo as mais vulneráveis a uma série de doenças. Os subsídios encontrados nessas pesquisas têm norteado as políticas oficiais e também são incorporados pelo discurso da mídia. As duas instâncias, além de posicionarem os sujeitos masculinos e femininos de formas diferentes, incluem demandas distintas. Deste modo, cabe às mulheres mudarem suas práticas e educarem seus/suas filhos/as, alunos/as e pacientes para que reproduzam um estilo de vida aceitável. Estudiosos/as de gênero vêm criticando justamente “essa tendência internacional de posicionar e definir ações de promoção da saúde e prevenção de doenças como atribuições femininas” (MEYER, et al 2003, p.15).Elas e eles também argumentam que

diferentes instituições envolvidas na elaboração da nova recomendação global sobre atividade física e saúde apoiaram-se em alguns estudos, estimativas e evidências científicas para ‘esquematizar a figura lógica do inimigo’ da saúde americana, por extensão do mundo todo: aposentados,

afro-americanos e outras etnias minoritárias, pessoas com baixa escolaridade e, especialmente, mulheres (**inclusive as jovens**⁵). Por conseguinte, o homem branco, jovem, anglo-americano, com altos níveis de escolaridade e empreendedor constitui-se na ‘face amiga’ da atividade física moderada, naquele que por intermédio de uma ‘verdadeira’ ciência do movimento humano deve estar no meio de nós (FRAGA, 2002, p. 17, **acrésimo meu**).

Para David Castiel (2003), o objetivo dos programas de promoção da saúde é motivar posturas pró-ativas dos indivíduos com relação às questões de saúde por meio de cuidados de saúde não-institucionalizados. De acordo com o documento da Organização Mundial de Saúde (OMS), a promoção da saúde foi conceituada como o “processo de capacitar as pessoas a aumentarem o controle sobre sua saúde, aprimorando-a” (OLIVEIRA, 2001). A promoção da saúde, através de sua ênfase no individualismo, incentiva a busca de uma autonomia individual. Trata-se aqui do principal paradoxo das políticas de promoção à saúde: ter como meta a promoção da autonomia individual no tocante às escolhas em saúde e circunscrever a saúde a definições médicas, ou seja, podem-se e devem-se fazer escolhas, desde que sejam as corretas, do ponto de vista médico.

Portanto, em uma época de investimentos massificados no – e sobre o – corpo, quando são produzidos uma infinidade de aparelhos, roupas, publicações e remédios para a melhoria da aparência, da saúde e da qualidade de vida, as imagens das mulheres magras, que inundam os diversos veículos de divulgação, associadas aos possíveis riscos presentes nas estatísticas que correlacionam problemas de saúde e obesidade, funcionam como potentes estratégias de normalização do corpo feminino magro.

Silvana Goellner esclarece:

A cultura de nosso tempo e a ciência por ela produzida e que também a produz, ao responsabilizar o indivíduo pelos cuidados de si, enfatiza, a todo momento, que somos o resultado de nossas opções. O que significa dizer que somos os responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter (GOELLNER, 2003, p. 39).

Assim, os discursos da promoção da saúde, articulados a uma série de outros discursos como o publicitário, o familiar, o educacional e o do senso comum, parecem ter produzido condições para que as jovens participantes da pesquisa pudessem falar de determinados modos e não de outros sobre as relações que estabelecem com seu corpo. Isso

⁵ Um estudo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), no Rio Grande do Sul, afirma que as meninas teriam 2,35 vezes maior tendência ao sedentarismo do que os meninos (2002).

não quer dizer que quaisquer desses discursos sejam causas em si, mas que é neles que se constituem condições de possibilidades para que as jovens sejam posicionadas – e se posicionem - socialmente como normais ou desviantes.

Desse modo, a própria análise que empreenderei a partir do próximo capítulo conecta-se à temática dos estudos de gênero na medida em que as condutas das jovens parecem estar carregadas de sentidos de feminilidade e masculinidade. Esse campo de estudos opera privilegiando a discussão de gênero, tomando como base as abordagens que destacam a centralidade da linguagem na constituição das relações entre subjetividade, conhecimento e poder (MEYER, 2003).

Por meio das práticas de organização e regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos da vida cotidiana, os corpos são estimulados, treinados, governados e marcados pelas formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade. Nesse contexto, considera-se que gênero engloba

todas as formas de construção social e cultural implicadas nos processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aquelas construções que produzem os corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos femininos e masculinos. O conceito de gênero passa a focalizar exatamente o caráter construído dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres (MEYER, 2003, p. 7).

O feminismo pós-estruturalista tem problematizado, freqüentemente, determinadas perspectivas (feministas ou não) que apontam para a idéia de uma natureza ou de uma biologia que seria a origem das diferenças entre homens e mulheres, sobre a qual a cultura opera para produzir desigualdades. Em especial, problematizam-se as noções que defendem que determinadas experiências e desejos são autênticos do universo feminino e que tratam o corpo como uma entidade biológica universal (MEYER, 2003, p. 16).

No que se refere à noção de poder, os estudos de gênero seguem as elaborações de Michel Foucault, principalmente nos aspectos em que o autor discorre acerca da positividade do poder. Aqui, o poder não é somente força para submeter ou dominar, ou seja, poder repressivo, mas funciona como uma teia produtiva, permeando todo o tecido social ao formar discursos, produzir saberes e induzir ao prazer. Foucault afirma, ainda, que “o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em

cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca está apropriado como uma riqueza ou um bem” (FOUCAULT, 2002, p.183).

O gênero insere-se em um campo de poder/saber na medida em que interroga e desconstrói a naturalização dos corpos nas práticas sociais. Essa perspectiva do feminismo penetra nos campos de saber sobre o sexo, o corpo e o gênero, e a categorização binária do humano passa a ser uma identidade passível de dissolução, já que constituída em práticas discursivas e históricas. Segundo Foucault, tais práticas “(...) tomam corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas que as impõem e mantêm ao mesmo tempo” (FOUCAULT, 1989, p. 10).

De acordo com Nicholas Rose,

Certas formas de se conter, andar, correr, firmar a cabeça e posicionar os membros não são apenas culturalmente relativas ou adquiridas por meio da socialização de gênero, mas constituem regimes do corpo que buscam subjetivar em termos de uma certa verdade do gênero, inscrevendo uma relação particular consigo mesmo/a em um regime corporal, a qual é prescrita, racionalizada e ensinada em manuais de aconselhamento, etiqueta e boas maneiras e imposta por sanções bem como por seduções (ROSE, 2001, p. 44).

Também pode-se entender que as questões relativas ao corpo, ao gênero e à sexualidade “envolvem disputa de valores, de poder, de tipos de comportamento legitimados, de normas e de verdades” e que estes podem, pois, ser entendidos e problematizados “como um lugar de luta constante pela manutenção daquilo que cada sociedade define como estado de normalidade” (MEYER, SOARES, 2004, p. 7).

Para finalizar essa seção, quero me deter um pouco mais sobre a questão do cuidado, que é central para a seqüência deste estudo. A escolha pela expressão “cuidado” se justifica na medida que a mesma abrange uma série de dimensões afetivas e cognitivas dos indivíduos - o cuidar pode designar uma ação voltada tanto para o próprio sujeito como para o outro. No primeiro movimento, trata-se do cuidar de si no sentido de uma reflexão e uma ação sobre si mesmo; no segundo, o pensamento e o agir se voltam para o outro, sendo que algumas correntes filosóficas (como o positivismo) concebem o cuidar em relação ao outro como uma atitude altruísta, abnegada e desinteressada.

A argumentação que proponho, articulada ao campo dos estudos feministas, visa considerar o cuidado como prática histórica e cultural, evitando modelos explicativos e naturalizantes. O cuidado com o corpo, objetivado em um conjunto de práticas corporais que vão desde as escolhas das dietas, das roupas e da aparência como um todo, configura-se como um estilo, um jeito de ser aprendido e reaprendido de diferentes modos durante toda a vida. Concorrem para isso o alargamento das possibilidades tecnológicas, os dietéticos, os moderadores de apetite, os exercícios físicos e as cirurgias com fins estéticos. Outro fator que contribui para o cuidado com o corpo é a proliferação de imagens e discursos sobre a beleza corporal e cotidiano sexual e alimentar, articulados a uma preocupação cada vez mais freqüente com a saúde associada ao bem-estar corporal. As instâncias dessas aprendizagens podem ser variadas, como as artes femininas – passadas de geração em geração –, os ensinamentos no âmbito familiar, as conversas e críticas com amigas da escola, a busca do amor romântico, as diferentes matérias na escola, a publicidade e a mídia em geral.

Em seu conjunto, são esses os conceitos e campos teóricos que delimitam, então, o referencial teórico-metodológico que direcionou a investigação realizada, que apresento nas próximas seções. Essas noções e pressupostos atravessam todo o percurso da pesquisa, delineando, inclusive os riscos, as dificuldades, as surpresas e as alegrias que constituíram o trajeto de investigação que passo a descrever a seguir.

1.2 (Des)caminhos para a constituição de um *locus* de investigação

A ambigüidade que aparece no título da seção tem sentido no que considero ser a aventura de escrever uma dissertação, o que envolve desde a escolha do tema até as negociações institucionais necessárias para viabilizar o trabalho de campo: idas e vindas, tensões, frustrações e alegrias que permearam, não necessariamente nessa ordem, todo o percurso de elaboração deste estudo.

A descrição desse percurso pode ser desencadeada, por exemplo, por uma pergunta: que motivos poderiam levar um sujeito como eu – negro, homem e professor de educação física – a produzir uma dissertação de mestrado abordando uma problemática que atinge

principalmente as mulheres jovens de nosso tempo? Certamente podem ser várias as razões, inclusive aquelas que, como diz o poeta, “a própria razão desconhece”, mas tentarei dizer, aqui, daquelas razões que me são possíveis identificar no momento.

Como professor de educação física, venho trabalhando há mais de 10 anos em instituições de “saúde”. Contudo, no ano de 2001, quando já atuava como recreacionista no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), fui convidado a coordenar um grupo terapêutico com meninas em tratamento por anorexia no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).⁶

O convite feito foi seguido por uma orientação da coordenação da equipe para que o trabalho fosse implementado com o intuito de ensinar as meninas a realizarem uma mínima quantidade de exercícios que deveriam resultar em um menor “gasto calórico”. Isso já me levou a uma primeira percepção: para além da problemática “psi e médica” que estava implicada no trabalho com as jovens, vislumbrava-se, ali, uma dimensão educativa, estranha e próxima ao mesmo tempo, tanto para o professor de educação física quanto para as garotas. Estranha porque toda a formação do professor/a de educação física se dá no sentido de ministrar exercícios que proporcionem aos/as alunos/as a boa forma, o que, habitualmente, se traduz pela busca de exercícios que resultem em uma maior perda calórica. Dificilmente ocorrem situações profissionais como a mencionada acima, em que se busca a diminuição dos gastos energéticos nas práticas corporais. Próxima no sentido de compreendermos a educação física como uma disciplina⁷ que tem contribuído historicamente para controlar o corpo, direcionando suas atividades para a cooperação e a administração do corpo social.

A experiência vivenciada no CAPS foi um estímulo que me levou a querer compreender algumas das estratégias das quais aquelas jovens lançavam mão para controlar seus corpos. Por isso, o projeto de dissertação que apresentei para a qualificação indicava o CAPS do Hospital de Clínicas como *locus* de minha investigação.

⁶ O Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), nos meses finais de 1999, inaugurou o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que busca tratar, nos moldes de um hospital-dia, uma série de sofrimentos psíquicos. Em julho de 2000, começou o atendimento a meninas com transtornos alimentares, duas vezes por semana, inclusive com o grupo que este pesquisador coordenava.

⁷ Segundo Alfredo Veiga-Neto (2001) utilizamos “a palavra ‘disciplina’ para nos referirmos a duas ‘coisas’ que são aparentemente diferentes. Assim, essa palavra pode ser usada tanto na dimensão corpo – eixo corporal – quanto na dimensão conhecimento – eixo dos saberes” (p. 45).

Contudo, o projeto de pesquisa não foi autorizado pela chefia do Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência daquela instituição, e isso demandou não só a mudança de campo como também o redimensionamento das questões de pesquisa que apresentei naquela ocasião. Os argumentos para tal negativa nunca ficaram muito claros para mim; no entanto, bem mais tarde, depois da defesa do projeto de dissertação, cheguei a *insights* que, a meu ver, devem ser apresentados aqui.

Em primeiro lugar, essa experiência me fez lembrar de minha trajetória na educação física como profissional que atuava em atividades não muito comuns à área, como o trabalho ligado a clínicas e hospitais que tratavam de doentes mentais. Foram inúmeras as vezes em que me senti à margem tanto do campo da saúde quanto do campo da educação, sem saber onde buscar referências ou ainda como ser identificado, sendo inclusive questionado nos ambientes hospitalares. Como realizas teu trabalho? O que fazes? Por que aqui? Tive que demarcar lugares e posições, ao longo do tempo, entre fronteiras de saberes distintos, tais como a psicologia, a educação, a educação física, a medicina e a biologia, para buscar aquelas ferramentas que poderia utilizar para concretizar o desejo de contribuir para o tratamento de pessoas que estavam sofrendo.

Posso pensar, ainda, que algumas de minhas escolhas teórico-metodológicas e temáticas parecem ter causado certo desconforto naquele lugar-hospital: a de propor, por exemplo, a realização de uma pesquisa com uma temática tida como pertencente a outras áreas de formação que não as tradicionais de um professor de educação física, em que eu pretendia examinar prontuários, escutar as jovens e ainda registrar movimentos institucionais.

Aqui, refiro-me a uma tensão bastante atual e constantemente reatualizada nestes tempos de embates em torno da aprovação de um instrumento legal que pretende delimitar as prerrogativas da área médica no campo da saúde. Tais embates envolvem, também, as discussões sobre multidisciplinaridade *versus* interdisciplinaridade. A primeira define-se quando uma problemática é tratada por vários sujeitos, mas cada um tem seu campo de atuação bem específico. O segundo termo tem a ver com o modo de atuação do sujeito, quando este se situa na confluência de várias áreas do conhecimento. Apesar do debate sobre esse tema constituir-se em lugar comum na educação e na saúde, isso não tem significado uma alteração consistente na hierarquia entre as áreas de conhecimento envolvidas.

A medicina, por exemplo, segue no topo das posições hierárquicas entre as disciplinas e, inclusive, por meio de seus órgãos corporativos, tem tentado barrar iniciativas de equilibrar as relações de poder-saber nesses campos. Exemplos disso são as questões que envolvem a legitimação do diagnóstico de enfermagem ou situações em que a área busca tomar para si tarefas que anteriormente não eram suas, como tornar a prescrição do exercício físico uma exclusividade do ato médico.

Um outro ponto que também pode ser considerado aqui é que a maioria das pesquisas realizadas no HCPA se inscreve na tradição da ciência e filosofia positivista, o que, no campo das ciências biomédicas, se traduz, fundamentalmente, em uma dada forma de conceber a objetividade e racionalidade da produção de conhecimentos:

A medicina, a partir da ênfase quantitativa que vai predominar em todo campo científico, que busca a objetividade, o certo e o indubitável na investigação do real, passa a se dedicar ao fenômeno da doença com uma perspectiva ontológica e localizante, onde os mecanismos de causa e efeito e de etiologia única tornam determinantes e deixam fortes marcas na produção de conhecimento e na intervenção técnica de seus especialistas, até a atualidade (SILVA, A 2001, p. 18).

Ao propor uma pesquisa na perspectiva pós-estruturalista, assumo algumas posições de pesquisa que são críticas e que, de certa forma, desestabilizam esses modelos de pesquisa da área biomédica. Ao abandonar as grandes categorias – sujeito, razão, progresso e totalidade – e passar a operar com a dispersão, a fragmentação e a fluidez, o que se coloca em jogo não é a revelação de uma verdade última que explicaria o efeito preciso de alguma coisa, mas o modo como determinadas verdades produzem efeitos de saber-poder. Desta forma, saúde e doença, engordar e emagrecer não são conceitos fixos ou fenômenos traduzíveis *per se*, mas são tomados como construtos do pensamento, ou da episteme, que os elabora. Ao discutir o discurso científico, Foucault refere-se ao conjunto de saberes e práticas “que sistematicamente formam os objetos de que falamos” (FOUCAULT, 1987, p. 56). Posso dizer, apoiado nessa afirmação, que toda produção do conhecimento é interessada, que a pesquisa não é neutra e se materializa em ações bem concretas, como as que autorizam, ou não, o acesso ao campo de pesquisa, por exemplo.

Para finalizar esta reflexão retomo o que uma pessoa me disse, na ocasião em que me foi negada a autorização para que a pesquisa fosse realizada no HCPA. Segundo ela, eu poderia reagir a isso de, pelo menos, dois jeitos diferentes: como se tivesse tomado um

“soco na barriga”, e, nesse caso, minha reação seria a de baixar a cabeça, ou como se tivesse tomado um “chute no traseiro”, o que pode nos impulsionar para frente com mais força. Procurei refletir sobre esses fatos e, ao deparar-me com os resultados de minha incursão pelo Colégio de Aplicação, sinto-me, hoje, como quem levou um belo “chute no traseiro”, o qual, de certa forma, potencializou minha motivação para constituir produtivamente um outro objeto e campo de pesquisa.

1.3 Um lugar de encontro: caracterizando o trabalho de campo

A eleição do Colégio de Aplicação (CAP) como *locus* desta pesquisa deve-se a alguns fatores: um deles tem a ver com a sua ligação histórica com a Faculdade de Educação (FACED), já que foi criado na década de 50 do século passado com o objetivo de qualificação de alunos da FACED, inclusive tendo compartilhado durante vários anos o prédio onde hoje está a FACED, o que tem contribuído para que se realizem, no CAP, uma série de estágios e de estudos da Faculdade. Outro fator é que o CAP tem como forma de seleção para ingresso o sorteio público, o que, neste estudo, foi importante na medida em que seria desejável que a composição dos grupos fosse a mais heterogênea possível no que se refere à classe social.

Depois de pensar em algumas possibilidades, a escolha por realizar esta investigação no lugar-escola deve-se à compreensão de que importantes aprendizagens sobre o corpo ocorrem na escola ou nela se apresentam. Trata-se de um ambiente de vigilância constante, que absorve e veicula saberes como os da mídia e das academias, por exemplo, saberes que circulam no espaço escolar através de falas, gestos, movimentos e sensações, Nessa direção

A escola é um espaço de relações sociais e não somente um espaço cognitivo (...) a escola [é] tanto um local de encontro entre os jovens quanto um local que tem relações com a mídia e outros espaços culturais. Um aspecto importante é pensar que são nesses espaços educativos culturais e de lazer dos estudantes que transparece a posição que a juventude ocupa hoje na cultura (SOARES e SILVA, 2003, p. 138).

Por considerar dessa forma o espaço escolar, desde os primeiros dias em que passei a frequentar o Colégio de Aplicação fui fazendo observações interessantes: os corredores que levavam ao pátio interno, às salas de aula ou ao prédio central (aliás, não foram poucas as vezes em que me perdi); a movimentação frenética no intervalo dos períodos; as conversas de estudantes nas mesas do bar da escola; os namoros pelos cantos às vezes nem tão escondidos, as conversas amistosas com os colegas da educação física – até aqui, nada que meu olhar estranhasse ou não gostasse. A fama de escola “modelo” no meio escolar e sonho de pais e mães ali parecia materializar-se. O idealizado espaço de liberdade e de construção de conhecimento e, principalmente, de encontro, tinha ali, aparentemente, um exemplo a ser seguido.

Também minha relação com as jovens escolares pode ser descrita como um encontro, uma parceria necessária para o pensar, analisar e escrever este estudo. Elas desacomodaram-me, fizeram-me rir e surpreenderam-me. No lugar-escola, durante a realização dos encontros com as estudantes, senti-me muitas vezes como se fizesse parte dela e de seu grupo de professores de educação física. Outras vezes, parecia-me que os grupos de pesquisa que estava coordenando faziam parte de alguma atividade curricular no turno inverso. A sala onde os encontros aconteciam carregava as marcas recentes das aulas do turno da manhã no quadro negro; um boneco de chiclete era construído no mural no fundo da sala, como uma gravura em relevo; a sirene marcava a divisão dos períodos, acompanhando-nos e até, em muitos momentos, atrapalhando a gravação de nossas discussões no grupo.

“Vai ter aula do Zé hoje?” Uma professora me contava que as garotas seguidamente perguntavam isso entre si ou para ela. Tal pergunta indicava, por um lado, a tensão presente no interesse/desinteresse das estudantes nas suas idas ou não aos encontros e, por outro lado, o espaço do grupo percebido como um lugar de aprendizagem que me tinha como guia e condutor. No entanto, discutir no lugar-escola as práticas relacionadas com os hábitos alimentares e corporais – traduzidos por mim como os “cuidados com o corpo” – traz algumas implicações, algumas anteriores e outras posteriores a minha presença, pelas relações de saber-poder que, mesmo não intencionalmente, introduzi ou coloquei em movimento naquela instância. Apesar de considerar essa anterioridade difícil de ser demarcada, acredito, por exemplo, que, ao discutir com as jovens, pude acessar como se dão suas

relações com os outros, com os objetos, com os sentimentos, enfim, configurando o modo como se relacionam na vida.

As reuniões-convite que realizei para reunir participantes para minha pesquisa ocorriam nas aulas de educação física, as quais, para minha surpresa, eram separadas por sexo a partir da sexta série do ensino fundamental⁸. A aprovação da pesquisa seguiu os seguintes trâmites: Conselho do Colégio, Departamento de Educação Física e Serviço de Orientação Educacional (SOE). As maiores dificuldades que encontrei estavam ligadas às preocupações do SOE sobre como a pesquisa estaria abordando as desordens alimentares com as participantes, o que fez com eu tivesse de reformular o projeto que apresentei, além de ter que participar de outras reuniões para dirimir dúvidas.

Ao realizar investigações que envolvem vários encontros com muitas pessoas, é preciso elaborar uma engenharia bastante complexa. E, no meu caso, ainda sob o impacto dos problemas enfrentados no HCPA, procurei evitar ao máximo situações que pudessem inviabilizar a realização do estudo, aceitando o curto período que eu teria para motivar as alunas e os alunos a participarem do estudo, a sala que me foi ofertada e os horários disponíveis, por exemplo.

A seleção das participantes da pesquisa foi realizada em acordo com o Serviço de Orientação Educacional (SOE) juntamente com o Departamento de Educação Física (DEFI) através de reuniões em momentos distintos. Decidiu-se por utilizar as aulas de educação física, que ocorrem em turnos inversos ao restante das disciplinas, para realizar as reuniões-convite. De acordo com os interesses da pesquisa e influenciado ainda pela minha experiência com as jovens em tratamento no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), que, na sua maioria, tinham entre 13 e 15 anos, decidimos⁹ convidar as turmas de oitava série do ensino fundamental e as turmas do primeiro ano do ensino médio (na escola, estas são chamadas de nona série).

⁸ A justificativa dada pelos professores da área baseava-se em explicações do campo biomédico a partir do desenvolvimento e maturação física e das habilidades motoras, que seriam muito diferentes para os meninos e meninas a partir da sexta série. Portanto, as atividades deveriam ser escolhidas pelos/as alunos/as dentre as oferecidas, como atletismo, dança, ginástica e futebol para as meninas, enquanto que os meninos escolheriam entre basquete, handebol e futebol.

⁹ Discuti com os professores de educação física da escola quais séries e turmas poderiam ter maior interesse em participar da pesquisa.

Realizei três reuniões-convite com cada turma: a primeira para falar sobre os motivos da minha presença, os objetivos da pesquisa e demonstrar, através de manchetes de jornais e revistas, a atualidade e a visibilidade da temática; a segunda para enfatizar a importância que as participantes teriam para a realização do trabalho e também para esclarecer dúvidas a respeito dos procedimentos de pesquisa; e a última para explicar o “Termo de consentimento livre e esclarecido” (ANEXO 1) e a necessidade de que fosse assinado pela participante da pesquisa bem como pelo/a seu responsável legal.

Das 35 jovens interessadas em participar da pesquisa nas primeiras reuniões, restaram 18 (nove na nona série e nove na oitava série). A desistência foi motivada pelos horários propostos para a realização dos encontros, pela dificuldade com o transporte ou pelo fato de os/as responsáveis pelas jovens não concordarem com sua participação. Contudo, como o desenho prévio da pesquisa limitava a dez os/as participantes por grupo, as dificuldades contaram a favor para o prosseguimento do desenho da pesquisa. Das 18 jovens que iniciaram os grupos, duas desistiram ao longo do trabalho de campo em função de outras atividades (inglês e dança) no horário dos encontros. Segundo informações dadas pelas participantes, todas estavam na faixa de 13 a 16 anos e somente duas não eram alunas da escola desde o início do ensino fundamental.

Na primeira reunião-convite, uma das jovens disse que entendia por que eu estava me reunindo somente com as alunas (mulheres) e não com os meninos, já que elas realmente se preocupavam mais com o corpo. Respondi que gostaria de ampliar o grupo para meninas e meninos, mas que eu gostaria de saber o que elas achavam disso. A grande maioria das presentes disse que não gostaria da presença dos garotos, pois não se sentiriam à vontade para falar de coisas íntimas e delicadas na presença deles. Aceitei a posição da maioria e refiz a questão para as turmas de oitava série, quando obtive resposta semelhante.

As jovens que se dispuseram a participar foram então divididas em dois grupos, um com alunas das oitavas séries do ensino fundamental e o outro com alunas das nonas séries (como são chamadas as turmas do primeiro ano do ensino médio), para efeito da realização dos grupos focais. Os quadros a seguir trazem os nomes das participantes¹⁰.

¹⁰ Os nomes de todas as jovens são fictícios para preservar a identidade das participantes.

Quadro 1
Participantes do Grupo Focal – Nona Série

Ana Paula
Clara
Camila
Clarice
Denise
Diana
Flavia
Kátia
Suzana

Quadro 2
Participantes do Grupo Focal – Oitava Série

Amélia
Araci
Betina
Beatriz
Carla
Fernanda
Janaína
Silvia
Simone

1.4 Corpo a corpo com as jovens – o procedimento de grupos focais

Para o levantamento das informações que constituem meu *corpus* de análise, optei pela técnica de grupo focal, uma vez que este procedimento propicia e estimula a interação entre as participantes. O grupo focal é uma técnica de trabalho com grupos que gera informações qualitativas. Essa técnica é normalmente utilizada em pesquisas que objetivam explorar experiências, opiniões, preocupações, sentimentos, percepções e preferências das pessoas. Inspirada em técnicas de entrevistas não-direcionadas e técnicas grupais usadas na psiquiatria, a técnica de grupo focal foi originalmente aplicada em pesquisas de mercado e teve sua aplicação ampliada, recentemente, para o contexto da pesquisa em ciências humanas e sociais (OLIVEIRA, 2001).

A escolha do grupo focal justifica-se em decorrência de alguns argumentos, quais sejam: as entrevistas com grupos focais podem ser utilizadas em todas as fases de um trabalho de investigação; elas são apropriadas para estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos, ou quando se investigam questões complexas de aspectos relacionados a dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados. Ainda, como referem Kitzinger e Barbour, os grupos focais:

são muito apropriados para examinarmos como o conhecimento, as idéias, os relatos, a auto-apresentação e os intercâmbios lingüísticos operam dentro de um determinado contexto cultural. No grupo focal, os participantes da pesquisa criam um público uns para os outros (KITZINGER, BARBOUR, 1999, p. 04).

Além disso, aponto o fato de o grupo focal permitir a captação de zonas de conflito, contradições e tensões nas falas das jovens, o que contribuiu para potencializar a análise de discurso que empreendi com e a partir das discussões realizadas. No entanto, cabe destacar que utilizei para análise também uma série de falas individuais, porque entendo que elas só foram possíveis de serem enunciadas no contexto grupal, na medida em que as garotas se sentiram como se estivessem conversando entre elas, quase esquecendo que estavam sendo registradas pelo gravador ou até mesmo a minha presença.

Foram formados dois grupos com até 10 participantes, que presenciaram um total de seis encontros cada um, com duração de 1 hora e 45 minutos cada. Todos os encontros foram gravados para transcrição e análise, considerando o acordo firmado no termo de

consentimento livre e informado que todas as participantes e seus responsáveis assinaram. A agenda desses encontros foi previamente planejada, compondo um roteiro que considerou os interesses que eu tinha antes de começar a coleta de dados. Esse roteiro teve de ser flexibilizado à medida que as interações iam acontecendo ou quando a temática proposta não pôde ser suficientemente explorada.

Cada encontro foi dividido em quatro etapas¹¹. A primeira etapa, chamada de “atividade integradora”, tinha como objetivo preparar a discussão e descontrair o grupo. No primeiro encontro, durante a fase integradora, realizei uma explanação sucinta da pesquisa, agradecendo a presença das participantes e propondo uma breve auto-apresentação. Em seguida, foi proposto um tema para cada encontro, através de uma questão aberta, para iniciar o debate e solicitar a participação de cada uma das componentes do grupo. Na segunda etapa, podia utilizar, ainda, temáticas que haviam aparecido na etapa anterior (atividade integradora) e que deixaram de ser aprofundadas. No terceiro momento, havia o intervalo, com um lanche previamente combinado com as participantes. Na última etapa, ocorria a retomada das idéias discutidas anteriormente, e eram feitas sugestões de assuntos a serem tratados nos próximos encontros. Antes de finalizar o encontro, fazíamos uma pequena avaliação.

É importante observar que a investigação não deveria ocasionar ônus financeiro para as participantes em termos de despesas com deslocamento para o local dos encontros; caso essa situação ocorresse, eu subsidiaria tais gastos. Além disso, foi considerado oportuno que, durante os encontros, se realizasse um intervalo com lanches para as participantes, como um espaço de pausa entre a primeira parte das atividades e a segunda e também como forma de descontrair o grupo.

Durante as reuniões preparatórias, informei às participantes que, como precisaria de ajuda para cuidar do gravador para que eu pudesse me concentrar no que elas diriam, uma pessoa amiga, que se dispôs a ajudar, estaria presente. Disse-lhes que seu nome era Rose, que ela era “muito legal” e que eu esperava que gostassem dela.¹² Ao elaborar a agenda dos encontros (ANEXO 2), busquei focalizar as questões de pesquisa, bem como outros

¹¹ As etapas dos grupos focais foram inspiradas na forma como Dora Oliveira (2001) utilizou a técnica de grupos focais.

¹² Fui auxiliado por Rose Meyer (Mestre em Psicologia Social e Institucional - UFRGS) nos encontros, que me ajudou com o gravador e que, em alguns momentos, interveio nas discussões no grupo.

temas que, articulados à temática da investigação, pudessem responder aos objetivos deste estudo.

Para finalizar esta seção, cabe ainda contar um pouco das minhas impressões sobre as jovens. Não estava incluído entre as informações que busquei algum tipo de questionário de estratificação social ou algo semelhante, mas, a partir de conversas (não gravadas) durante o lanche ou do que meu olhar interessado e atravessado por minhas experiências conseguiu captar, permito-me essas impressões.

Pelo que foi possível perceber, as meninas provinham de classes sociais distintas. Afirmo isso a partir dos relatos de programas de finais de semana, do que contaram de seus hábitos de consumo e até mesmo do meio de transporte que utilizavam para ir à escola (se pegavam ônibus comum ou transporte escolar, se algum familiar as levava de carro ou se iam a pé). Com relação às profissões dos familiares, notei que estas variavam, havendo profissionais liberais, professores/as e pequenos/as comerciantes e donas de casa. Nesse sentido, cabe lembrar que, apesar de ser por sorteio a seleção de ingresso naquela escola, isso exige um certo grau de informação e organização em termos de acesso ao edital e em relação a datas e documentos, além do transporte de localidades mais distantes da escola, o que, de certa maneira, funciona como um filtro em relação às camadas populares.

Nenhuma das jovens participantes (JP) da pesquisa poderia ser posicionada como gordinha ou obesa; seus corpos, se não eram parecidos em função de diferenças anatômicas com relação ao peso e às formas, pareciam estar adequados aos ideais contemporâneos de corpo, ou seja, magras e atléticas. Nessa direção, considerando a temática da pesquisa, é interessante notar que essas garotas, e não outras, aceitaram participar dos encontros. Das 18 participantes, somente uma era nitidamente ou assumidamente negra, o que, por mera coincidência, é uma repetição em relação ao grupo que eu coordenava no HCPA, onde também só havia uma menina negra.

Já explicitiei, em momentos diferentes desta escrita, minhas motivações para a escolha da temática, dos autores, do campo investigativo. No entanto, não disse das motivações das jovens que se dispuseram a falar de seus gostos, preferências, dúvidas, medos e segredos por uma dúzia de dias para alguém desconhecido como eu. Num mundo em que

não se crê mais nas metanarrativas, nos discursos homogeneizantes da modernidade, as garotas com quem tive o prazer de conviver parecem ao mesmo tempo carecer de/apontar para novas saídas. A disponibilidade que demonstraram se materializou no espaço, no interstício entre mim e elas – eu com um objetivo específico (obter informações); elas querendo conversar, dialogar e negociar. Não por acaso foi no lugar-escola que tudo ocorreu, lugar que reúne uma infinidade de discursos, de diferenças, de desejos, de disciplinas. Ao fim e ao cabo, as garotas disseram que o mais importante tinha sido conhecer colegas de quem só sabiam o nome ou nem isso, passar a respeitar e compreender certas atitudes que estranhavam, poder trocar idéias. Enfim, uma atitude de pensar um entre-lugar entre discursos, entre mim e elas, entre nós e os outros.

Nesse contexto, a dieta e o *fitness* seriam dois exemplos do processo de olhar e pensar o corpo. Nos casos das jovens que tomam laxante durante o dia para aparecer magras nas festas noturnas ou que comem uma barra de chocolate às escondidas, esses comportamentos parecem significar, para elas, uma transgressão calculada. Rosa Fischer (1996), ao comentar as teses defendidas no seriado de TV *Confissões de Adolescentes*, diz:

“(...) a busca de um tipo de perfeição para os modos de vida, de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo, privilegia a virtude do meio termo, da ausência de qualquer radicalismo, (...) de uma virtude e de uma verdade médias, em que cabem alguns excessos ou desvios apenas como momentos de aprendizagem para a retomada do bem-viver” (p. 145).

Esse excerto da tese de Fischer serve como a tradução que buscava para este estudo na medida em que, muitas vezes, as jovens me surpreenderam - onde eu esperava classificar, não conseguia; onde esperava incorfomidade, encontrei conformismo. As jovens participantes da pesquisa pareceram oscilar entre a adesão às ortodoxias dos discursos de promoção de estilo de vida e de saúde e a resistência a esses mesmos discursos por serem muito difíceis de serem aplicados na vida diária, o que me permite argumentar que as jovens nem são completamente governadas pelo discurso, nem conseguem escapar completamente dele.

No período do trabalho de campo, muitas questões instigaram-me e chamaram-me a atenção. Eu ouvia as fitas com as gravações, lia as transcrições e perguntava-me o que estava ali e eu não conseguia ver. Naquele contexto em que circulavam diferentes forças, em que significados iam sendo construídos e negociações e práticas sociais iam sendo enunci-

adas, busquei estabelecer uma leitura que produzisse um movimento analítico que transistasse por diferentes lugares, como o lugar-escola e o lugar-corpo, e por diferentes processos, como a correta gestão do corpo e o prazer de ser olhada e desejada, a resistência para não submeter às normas; a preguiça culpabilizada e a celebração da força de vontade; as dietas em momentos específicos e os vômitos e desmaios experimentados nas semanas de festas consideradas importantes. Conforme Carlos Skliar,

Existe um olhar que parte da mesmidade. Outro que se inicia no outro, na expressividade de seu rosto. Talvez esta distinção seja uma forma para poder olhar entre aquelas representações, aquelas imagens que tomam como ponto de partida e como ponto de chegada o eu mesmo, o mesmo – o sumidouro, o refúgio do próprio corpo e do mesmo olhar –, e aquelas que começam no outro e se submetem a seu mistério, seu distanciamento, sua rebeldia, sua expressividade, sua irredutibilidade. Uma imagem do mesmo que tudo alcança, captura, nomeia e torna próprio; outra imagem que retorna e nos interroga, nos comove, nos desnuda, nos deixa sem nomes (SKLIAR, 2003, p. 67-68).

Mesmidade e alteridade, pontos de vista para diferentes olhares que me permitiram experimentar que o “como se vê” e “o que se vê” são determinados pelas relações de poder que carregam em si também a possibilidade de subversão. A análise das diferentes falas que as jovens produziram no lugar-escola possibilita delinear discursos e estratégias conflitantes, e, deste modo, não se pode dizer que os discursos da boa forma sejam uniformemente coercitivos. O que estaria na base desse processo é a compreensão do eu como um processo reflexivo, num olhar constante sobre si mesmo.

Ao final do processo de levantamento e transcrição das informações produzidas no trabalho de campo, passei, então, a tentar conferir alguns sentidos a esse conjunto de informações. As tentativas de organização exigiram uma série de exercícios de minha parte, uma vez que a quantidade de informações geradas (cerca de 180 páginas transcritas) tinha sido significativa. Por fim, decidi organizar as informações a partir de três unidades. Essas unidades foram definidas com base nos interesses do estudo: explorar as compreensões das jovens participantes sobre os cuidados com o corpo que elas e outras mulheres do seu convívio desenvolvem em relação a si mesmas; explorar como esses cuidados são aprendidos e colocados em operação; e problematizar tais aspectos a partir das discussões de gênero.

A análise propriamente dita deu-se numa articulação entre os elementos que compõem os enunciados de uma discursividade sobre os corpos femininos jovens e a organização desses elementos em relação ao cuidado que as jovens estabelecem consigo mesmas.

Tenho claro que o que me propus a fazer – e espero ter conseguido – foi organizar os enunciados de uma determinada forma e não de muitas outras possíveis, agrupando as unidades temáticas de acordo com três definições diferentes de um objeto óptico, o caleidoscópio.

O caleidoscópio¹³ é um objeto para olhar, que usa as características dos prismas para criar imagens coloridas e diferentes que se movem. Dependendo do ângulo que os espelhos são colocados, irão se formar imagens diferentes. A palavra vem do grego, em que *kalos* quer dizer beleza, *eidos* significa forma e *skopien* é olhar, ou seja, é o objeto ótico “que nos faz ver belas formas”. Na visão de Luis Henrique Santos (1998) ao discutir o uso da metáfora do caleidoscópio afirma

a metáfora cumpre também a função de explicar um mundo em constante mudança, porque cada imagem formada não é igual a outra. Embora mude a forma, multiplique a cena ou o objeto observado, o caleidoscópio não os transforma em outra coisa, a alteração retém o que foi alterado; em um exemplo: o corpo continua corpo, mas o olhar sobre ele se modifica (SANTOS, 1998, p. 19).

As unidades que organizei se formam em torno das questões sobre o cuidado que se articulam ao objeto óptico ao priorizar as multiplicidades, a produção de fluxos e os jogos de linguagem.

A primeira unidade envolve tomar o cuidado como um artefato óptico que permite ver as práticas corporais que as jovens privilegiam quando cuidam de seu próprio corpo a fim de aperfeiçoarem-se e produzirem-se a si mesmas.

A segunda unidade considera o cuidado como um artefato óptico semelhante ao anterior e que emprega o mesmo princípio óptico de reflexão, no qual o jogo ou a combinação de imagens se produz por reflexos de objetos “exteriores”, ou seja, um objeto que visibilize como as jovens se relacionam com os membros de sua família, com os colegas da escola e com as mulheres de outras gerações. Aqui as mulheres jovens são figuras centrais, tanto nos aspectos de uma cultura de consumo globalizada quanto nas preocupações sociais

¹³ O caleidoscópio é um artefato óptico que consiste num pequeno tubo cilíndrico no fundo do qual há pequenos pedaços coloridos de vidro ou de outro material, cuja imagem é refletida por espelhos dispostos ao longo do tubo, de modo que, quando se movimentam o tubo ou esses pedaços, formam-se imagens coloridas e múltiplas. A dissertação de Luis Henrique Sacchi dos Santos “Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo” (1998) utiliza a metáfora do caleidoscópio desde o título. Outros autores como Roland Barthes (1982) e Gilles Deleuze (1991) têm feito uso da mesma metáfora.

e de saúde que constituem os sujeitos jovens, dando sentido às falas enunciadas pelas jovens nos encontros.

A terceira unidade concebe o cuidado como uma síntese das outras duas, onde o objeto óptico reúne um conjunto de cores e formas que integram imagens em constante mutação numa sucessão vertiginosa, cambiante, de ações, sensações etc. Nessa unidade, organizei a análise a fim de examinar a relação com os diferentes saberes que produzem mudanças no corpo jovem feminino.

Ao utilizar fragmentos de “coisas ditas” de um encontro e depois localizar outro fragmento e juntá-los, procurei trabalhar na e a partir da idéia do caleidoscópio como um instrumento que recria continuamente o que se vê. Assim, busquei o descontínuo e a dispersão dos enunciados, para torná-los produtivos nesta dissertação. As unidades que organizei tomam como referência a ‘relação consigo’, aqui entendida como

a relação pela qual o sujeito constitui a si como ‘sujeito moral’, ou seja, pela qual ele aprende a reconhecer e a estabelecer para si como bons e verdadeiros certos modos de agir, isso por sua vez, exige que ele faça aprendizagens, exercite-se, aperfeiçoe-se, segundo valores, regras de conduta e interdições de seu tempo, de sua cultura e de sua condição social e de gênero (FISCHER, 1996, p.22).

As três unidades temáticas estão organizadas de modo a formar um corpo discursivo que possa responder as questões de pesquisa, em que a idéia central é a multiplicação dos discursos sociais, da posição de sujeito das falantes e, por último, das continuidades das coisas ditas e das variedades das modalidades enunciativas (FISCHER, 1996). Assim, ao operar metodologicamente com a análise de discurso de “inspiração foucaultiana”, busquei trabalhar as falas, decompô-las, multiplicar os sentidos que elas podem conter, bem como localizar os rastros ou as marcas dos discursos que se articulam para torná-las possíveis.

Para isso, apóio-me também em Céli Pinto (1999), que considera que os produtos culturais e os textos são produzidos no interior de práticas contextualizadas histórica e socialmente. A autora argumenta, ainda, que as marcas encontradas na superfície textual envolvem o reconhecimento de que todo evento de comunicação é ou faz parte de um ritual social cujas convenções deve seguir e que toda contextualização passa sempre por mediações.

As opções metodológicas que realizei se notabilizam por um conjunto de escolhas nem sempre fáceis de serem explicadas, nem necessariamente as melhores ou mais corretas, mas aquelas que me foram possíveis pelas leituras de outros estudos e pelas reflexões que venho fazendo sozinho e acompanhado. Enfim, trata-se de uma metodologia que fui tecendo durante a feitura desta dissertação, às vezes imitando, às vezes mudando uma coisa ou outra e até criando “de quando em vez”.

Uma das escolhas que fiz foi a de operar com a categoria de gênero. Utilizo, para tanto, as formulações de Dagmar Meyer (2003, p.16-18, 2004, p.15), que, ao discutir a pertinência de gênero como ferramenta de análise, detalha quatro dimensões, que serão a seguir pontuadas juntamente com possíveis implicações para a análise discursiva que realizei:

- a) Homens e mulheres constituem-se em um processo educativo que nunca está finalizado, através de práticas sociais e institucionais e de estratégias que seduzem ou naturalizam modos de ser homens e mulheres. Trata-se aqui de “assumir que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens são social, cultural e discursivamente construídas” (Meyer, 2003, p.16-18; 2004, p.15).
- b) Há muitas formas de viver a feminilidade e a masculinidade. Isso implica considerar que outras marcas sociais articuladas a gênero produzem diferentes modos de viver e experienciar as masculinidades e as feminilidades. Neste caso, cabe “explorar a pluralidade, a conflitualidade e a provisoriedade dos processos que delimitam possibilidades de se definir e viver o gênero em cada sociedade e nos diferentes segmentos culturais e sociais” (idem, 2003a).
- c) O conceito de gênero sinaliza para a necessidade de focalizar a análise nas relações de poder exercitadas entre homens e mulheres e nas muitas formas culturais e sociais que os constituem em sujeitos generificados. Aqui cabe focalizar “o caráter relacional do conceito e ‘rachar’ a homogeneidade, a essencialização e a universalidade contidas nos termos ‘mulher’, ‘homem’, ‘dominação masculina’ e ‘subordinação feminina’, dentre outros, para tornar visíveis os mecanismos e as estratégias de poder que instituem e legitimam essas noções” (idem, 2004);

d) As normas, as leis, os conhecimentos de uma sociedade são constituídos e atravessados por pressupostos de masculino e feminino ao mesmo tempo em que estão implicados com sua produção, manutenção e ressignificação. Isso implica a necessidade de tornar visíveis “as relações – de poder – e as muitas formas sociais e culturais que, de forma interdependente e inter-relacionada, educam homens e mulheres como sujeitos de gênero” (idem, 2003);

Com esta abordagem e esta configuração metodológica o estudo buscou, então, compreender como determinadas jovens privilegiam certas práticas corporais e não outras para cuidar do corpo e o modo como o gênero institui e atravessa as relações de poder/saber no âmbito das formações discursivas que se constituem na cultura. Dessa forma, o objetivo principal deste estudo não é revelar algo que estaria por trás das falas das jovens, mas acessar as instâncias de aprendizagens, os discursos e as relações de gênero que levam essas mulheres jovens a ocupar determinadas posições de sujeito nas culturas que habitam.

Seguindo os ensinamentos de Foucault com relação à postura metodológica a adotar em investigações como a que desenvolvi, é importante abrir mão de uma preocupação com a localização de relações de causa-efeito e, ao mesmo tempo, não tentar encontrar significados escondidos ou intenções sub-reptícias nos ditos. Portanto, “analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos” (FISCHER, 2001, p. 198). Conforme Foucault,

É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição (FOUCAULT, 1999, p. 56).

Uma outra questão refere-se ao foco de problematização, ou seja, o exame do poder e da constituição subjetiva como elementos centrais na análise das práticas discursivas. No caso deste estudo, cabe focalizar, na análise, os jogos de poder e saber envolvidos nos processos de aprendizagem que determinadas jovens vão empreendendo, o que implica estar atento para a heterogeneidade, a multiplicidade e a conflitualidade de poderes envolvidos na produção desses corpos jovens.

As condições de existência de um discurso que institui e ao mesmo constitui o sujeito jovem ocorrem na medida em que a compreensão das relações de poder-saber permi-

tem que se mostre a positividade e a materialidade dos discursos. Essa materialidade pode aparecer quando se fazem ao *corpus* discursivo questões como essas: quem pode falar o quê? Para quem e em que lugar? De acordo com Foucault,

É sempre no âmbito da materialidade que ele [o discurso] se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 1999, p. 59).

Considerando a centralidade do corpo feminino jovem na cultura contemporânea - sujeito social de uma série de discursos na medida em que diferentes instâncias procuram produzir e reproduzir um gestual, um vocabulário e práticas cotidianas jovens, nas quais práticas corporais que envolvem modos de alimentar-se, fazer exercícios e vestir-se figuram como elementos básicos -, interrogo os discursos que delimitaram as discussões com as jovens. Dessa forma, busco mapear como poderes e saberes produzem sentidos e como as jovens estudantes investigadas estabelecem as relações consigo diante de um conjunto de normas, regras e cuidados necessários para um aperfeiçoamento de seu modo de vida.

Dizendo de outro modo: ao perguntar aos materiais de que maneira essas coisas são ditas, o que significa terem se manifestado ali, naquele grupo, naquela escola e não em outro lugar e ao analisar, não os enunciados ocultos ou subentendidos, mas o que está explícito como linguagem mesmo, vou interrogar a linguagem naquilo que ela produz e naquilo que a produz. Fischer indica que:

As “coisas ditas” (..) para Foucault, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Daí que o conceito de prática discursiva, para Foucault, não se confunde com a mera expressão de idéias, pensamentos ou formulação de frases. Exercer uma prática significa falar segundo determinadas regras e expor as relações que se dão dentro de um discurso (...) (FISCHER, 1996, p. 106).

Portanto, interessa-me, quando analiso os enunciados¹⁴ nos discursos que tornam possíveis as falas das jovens, ressaltar essas formações discursivas para verificar a forma

¹⁴ “Diferencio enunciado de enunciação, entendendo que a enunciação seria o que é dito ou mostrado numa determinada cena: um homem assiste ao acidente de carro e enuncia: “Só podia ser mulher!”. Isso pode ocorrer milhares de vezes, e as cenas individualmente serão sempre outras, tantas quantas ocorrerem. Para descrever os enunciados de um discurso, certamente precisamos recorrer às enunciações, analisar o que é dito, escrito ou mostrado em diferentes materiais (textos, vídeos, programas de televisão, registros de observação de cenas); mas o que será descrito não é uma repetição das tantas coisas faladas ou afirmadas, e sim a “função enunciativa”, aquilo que “faz” com que essas coisas sejam ditas. No conjunto dos discursos sobre a mulher, há a memória de enunciados sobre a dificuldade da mulher com as máquinas, com a matemática, com a engenharia. Há, sobretudo, o discurso machista sobre a inferioridade da mulher, em vários campos da atividade humana. Ora, o enunciado sobre mulher incapaz ou inferior está vivo na enunciação de cena de rua: Só podia ser mulher” (FISCHER, 2001, p. 86).

como as participantes se referem ao seu corpo, como e com que frequência utilizam tal enunciado, como empregam um determinado conceito e, finalmente, para qual estratégia o enunciado está sendo empregado, caracterizando a formação discursiva pela regularidade com que determinadas práticas se apresentam e se materializam. Segundo Popkewitz (1994), esse tipo de análise consiste em:

(...) Reconhecer que, quando usamos a linguagem, pode ocorrer que não sejamos nós que estamos falando, mas a linguagem que nos foi dada através das formações sociais que ocorreram no passado. Por exemplo, um dos compromissos contemporâneos em determinadas pesquisas educacionais é falar sobre a “voz” dos professores e estudantes como próprias, pessoais e autênticas. Mas quando ouvimos a voz das pessoas falando nas escolas, damos-nos conta de que boa parte dessa fala foi construída anteriormente a nossa entrada em cena (1994, p. 195-196).

É nesse sentido que, substituindo da citação as palavras “professores e estudantes” por “jovens estudantes”, busquei perceber o efeito das falas. O que está em questão é o descentramento do sujeito, deslocando-o do lugar central e privilegiado, compreendendo como, em diferentes épocas, as pessoas são transformadas e colocadas em determinadas posições de sujeitos.

2 O CUIDADO COMO UM OLHAR SOBRE SI MESMA

Neste capítulo, busco examinar com mais ênfase alguns aspectos relativos à temática do “cuidado”, principalmente aqueles que possibilitam olhar a relação das jovens participantes da pesquisa com as observações, críticas e julgamento dos outros em relação a elas, delas olhando para si mesmas e delas em relação aos outros.

O modo como as jovens participantes julgam, observam e privilegiam determinadas técnicas e não outras pode indicar como estas são atravessadas por outros saberes, como os formulados no interior das famílias, da mídia ou no discurso científico. Justamente o fato de as jovens serem subjetivadas por tais discursos é que permite perceber o corpo jovem como possibilidade de inscrições provisórias, instáveis e contingentes, as quais são atravessadas por uma série de marcadores sociais, como gênero, classe social e raça, por exemplo.

Hoje já parece bastante óbvio falarmos em corpolatria ou “culto ao corpo”, culto como cultivo, investimento, detalhamento, visibilidade e uma série de significações e resignificações que dão sentido a modificações e aperfeiçoamentos pelos quais todos e todas somos inundados/as e expostos/as diariamente, na medida em que, cada vez mais, somos instituídos/as a nos enxergamos como projetos de corpo infinitamente aperfeiçoáveis e quase ao mesmo tempo como defeituosos/as e faltantes.

Caracterizar o modo como as jovens participantes significaram os “cuidados com o corpo” é uma tarefa complexa. Essa significação não se deu maneira unívoca, mas como um campo de lutas onde o que está em jogo são os conhecimentos e informações por elas obtidos em relação aos múltiplos enunciados que buscam direcionar os corpos femininos jovens: “tenha essa postura, pese tantos quilos, corte assim seu cabelo, tome tais vitaminas, carregue os livros assim, escreva sentado nesta posição, use tal creme para os olhos, faça tantos minutos de ginástica, vista aquele tênis, escolha aquele tecido...” (FISCHER, 1996, p. 97 e 98).

Este capítulo está organizado em três seções. Na primeira seção, **as críticas instituindo um jeito de ser jovem**, discuto o que as jovens dizem sobre serem observadas. Na segunda seção, denominada “**as críticas ao olhar sobre si mesmas**”, discuto como as jo-

vens vão significando alguns atributos e/ou condições que elas julgam como necessárias para cuidar do corpo, assim como as escolhas que realizam. Na terceira seção, **o olhar dirigido ao outro**, investigo como as jovens significam a relação de cuidado com o corpo que outras mulheres e homens desenvolvem.

2.1 As críticas instituindo um jeito de ser jovem

Um dos desdobramentos da discussão que fizemos acerca do tema das críticas foi a forma como as jovens participantes da pesquisa lidam com os apelidos e as brincadeiras que os colegas fazem sobre alguma característica física, como aparece nas transcrições que seguem.

Clara – E isso daí é horrível, porque, se uma pessoa te chama de um jeito, daí todo mundo vai te chamar daquele jeito.

Flávia – Às vezes, tu não estás nem aí porque tu não és muito magra nem muito gorda, mas, a partir do momento em que todo mundo começa a se arriar, te criticar e rir da tua cara, daí tu te sentes mal e tu queres mudar o teu corpo.

Kátia – E principalmente assim com as pessoas com quem tu convives todos os dias, sabe? Daí, se tu não mudares, se tu continuares assim, ainda mais que tu já estás meio insegura. Na adolescência, todo mundo já é meio insegura, então, se os outros se arriam, ainda vai piorar a situação. Tu vais te sentir: “ai, e agora, eu sou uma idiota, eu sou feia”.

Cabe ressaltar que o termo “crítica” denota discernimento, eleição e decisão e o termo “julgamento” remete a uma lógica jurídica do dever e da norma. Em ambos os casos, os indivíduos utilizam certos critérios para interpretar, apreciar ou avaliar uma dada situação (LARROSA, 1995). Nos fragmentos acima, as críticas ou julgamentos que levam as jovens a se colocarem como alvo dos olhares do grupo são constituídos a partir de critérios pessoais e, concomitantemente, de uma certa racionalidade, ao utilizarem-se atributos mais ou menos padronizados (peso, forma de partes do corpo) como se todas/os as/os que estivessem perto delas e, inclusive, elas próprias, pudessem ocupar o lugar de quem expressa o

olhar, ao mesmo tempo em que não são observadas diretamente. Uma outra consequência é a possibilidade de um efeito contagiante, como se o apelido ou a crítica funcionassem como uma caricatura que ressaltasse algo que ninguém percebe num primeiro momento e que depois se torna um sinal identitário, lembrado por todos.

Para Flávia, mesmo as meninas que não são as mais visadas, como ela, por não serem nem muito gordas, nem muito magras, seriam alvos de brincadeiras isoladas. O problema maior é quando algum detalhe anatômico (pernas muito finas, seios muito pequenos) passa a ser ressaltado negativamente pelo grupo e se torna motivo para brincadeiras constantes. Provavelmente, mesmo a garota que não se percebia com alguma imperfeição passaria a buscar modificar seu corpo.

As palavras “arriar”, “criticar” e “rir”, apesar de serem ditas em seqüência pela jovem, não são sinônimas; “arriar”, no linguajar do cotidiano jovem, significa deitar-se, ou seja, causar abatimento, abater, enquanto que “rir” denota zombaria. Não se trata aqui de posicionar as jovens como vítimas ou algozes, mas de demonstrar como as relações de poder entre jovens podem manter ou produzir diferentes hierarquias em relação às normas de relações consigo e demonstrar, ainda, que muitas vezes as críticas podem ser cruéis e até mesmo violentas.

O modo como tais críticas são recebidas como verdades em si parece receber sentido naquilo que é explicitado como uma característica naturalizada na adolescência, um período da vida que seria marcado pela insegurança, dúvidas e rebeldia. Essa naturalização de uma dada adolescência problemática é possível numa ordem discursiva que se apóia nos enunciados formulados em distintos campos de saber, que se articulam para afirmar, através da psicologia, da pedagogia ou da medicina, que esse período da vida traz inseguranças e sofrimentos, dadas as mudanças orgânicas ou a transição emocional que a passagem entre a infância e a vida adulta produz. No entanto, mesmo entre os adultos, que dificilmente permitem tal nível de criticismo, pelo menos abertamente, situações como as descritas acima causariam tristeza, frustração e constrangimento.

Nas relações que se estabelecem com o mundo, uma das principais preocupações das jovens participantes tem a ver com a opinião das pessoas a seu respeito. Nesse sentido, o espaço de convivência no lugar-escola parece privilegiado, na medida que nele convivem diariamente por muitas horas. Ser aceita ou não, sofrer ou não com as observações e as

críticas, buscar modificar-se para estar mais adequada a fim destacar-se ou se tornar mais invisível¹⁵ são estratégias e efeitos constitutivos desses processos de crítica. Logo abaixo apresento uma das falas que escolhi dentre várias outras, em que a jovem diz:

Janaína – Eu acho que é uma característica de adolescente e tu vais aprendendo a lidar com isso. Até por que tem toda aquela coisa de “preciso que me achem bonita”.

Para Janaína, ainda falando da mesma temática, mas em outro encontro grupal, os incômodos que causam as observações dos outros servem como uma via de aprendizado, que vai da adolescência para o tornar-se mulher. A jovem destaca o reconhecimento da sua beleza como uma necessidade inerente à adolescência. Aqui a adolescência tem atributos que lhe seriam intrínsecos, como a necessidade de reconhecimento e como uma fase de aprendizagem e de amadurecimento. As jovens parecem aprender que as experiências consigo mesmas podem ser reguladas pelas críticas, desde recusar o seu corpo como ele é ou até mesmo buscar modos de modificá-lo. Alguns estudos têm mostrado que 30% das cirurgias plásticas com objetivos estéticos no Brasil são realizadas em mulheres dos 14 aos 18 anos (EDMONDS, 2002). Uma outra questão que cabe destacar é que a necessidade causada pela insatisfação com o próprio corpo não é uma exclusividade das mulheres jovens e atinge praticamente todas as faixas etárias.

As transformações na experiência com o corpo feminino, provocadas por uma série de regulações, como as críticas dos colegas ou as propostas pelas tecnologias biomédicas e até pelos livros de auto-ajuda, “propõem aos indivíduos que há mecanismos tecnológicos para se regradar a forma do corpo, reduzir a distância entre o que quer o pensamento e o que quer o corpo” (VAZ, 1999, p.105).

Perguntei às jovens como elas estavam lidando com esse momento em suas vidas, e algumas delas disseram:

Camila – A nossa personalidade está se desenvolvendo... Então, é uma fase meio difícil. Eu acho que... aí, depois, tem os colegas com esse negócio de apelido, e aí tem esse negó-

¹⁵ A análise que segue nos próximos capítulos se refere a excertos de falas extraídas de discussões planejadas a partir de determinadas temáticas. O modo como apresento estes excertos os retira do contexto original, na medida que utilizo fragmentos de diálogos e falas isoladas, o que pode ocasionar certos problemas para a análise, já que permite uma grande abrangência de interpretações. Mesmo assim resolvi utilizar esse recurso porque penso que as jovens só puderam enunciar determinadas coisas por estarem naquele contexto grupal, ou seja, se sentindo a vontade e provocadas suficientemente para tanto.

cio de beleza... Tem um monte de coisa que influencia: “ah, não usa droga!”, “não transa sem camisinha!” É muita coisa, tu acabas ficando meio perdida na parada, sabes?

Denise – O meu pai, ele quer nos reservar, nos conservar, digamos assim. Como se a gente fosse para ele, sabe. A minha mãe diz: “a gente cria para o mundo”. Mas ela sabe que não é assim, ela é toda cuidadosa comigo. Ela é toda preocupada, assim, com o que eu vou comer ou com o que eu vou fazer. Se eu vou a uma festa, ela quer saber com quem eu vou, com quem eu vou voltar, que horas eu vou voltar... se preocupa com quem eu vou estar, com as minhas amizades.

Clara – eu não sei se é com todo mundo, mas comigo é assim ... aquela coisa de querer ser dona do próprio nariz sabe!? Ser independente como meu pai diz. Aí tem uma festa e eu quero ir, pô, eu já tenho 15 anos porque eu não posso ir na festa, eu não sô mais uma criança’. Aí tu tem aquela consciência – acha pelo menos que tem – que a gente sabe de tudo já, que não precisa mais a mãe ficar falando o que acontece no mundo, que para tudo tem tempo e mais um monte de coisas, porque a gente vê isso todo dia, daí tu já fica sem saber o que fazer.

Na fala de Camila, o que está em jogo parece ser a dificuldade em estabelecer os critérios para as experiências consigo mesmo. Jorge Larrosa argumenta que “a necessidade de julgar-se a si próprio em função da própria transformação é desencadeante dos mecanismos discursivos de auto-observação e de auto-reflexão sobre a prática” (1995, p. 78). Ao assumir sua fragilidade e falar de seus medos, de suas inseguranças, de desconfianças, de experimentações perigosas e de interdições promovidas pelos pais, a jovem Camila anuncia como vive os rituais de passagem para a vida adulta.

A jovem, ao indicar seus principais conflitos assume um tom resignado ao dizer que “fica meio perdida”. Aqui a expressão “meio” pode oferecer pistas interessantes, na medida que uma das acepções dicionarizadas do termo define este como “o centro de um espaço; lugar que dista igualmente de todos os pontos a seu redor”. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2003). Essa posição que a jovem diz ocupar ao “estar meio perdida” é o que se espera de uma adolescência normal, em função da naturalização de determinados sentimentos e comportamentos atribuídos a essa faixa etária. Se a jovem afirmasse estar completamente segura de si, não seria estranho que se pudesse dizer que ela estaria sendo adulta cedo demais, o que em muitos casos, carrega sentidos de positividade;

ou se ela, ou alguém por ela, assumisse que está “completamente” perdida, provavelmente seria encaminhada a algum tipo de tratamento que pudesse reverter essa falha no seu desenvolvimento. Trago a contribuição de Guacira Louro, pois a autora esclarece o modo como determinadas posições que as jovens ocupam estão sintonizadas com as regras de normalidade. Na perspectiva dessa autora,

A posição central é considerada a posição não problemática; todas as outras posições-de-sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas – a ela. Tudo ganha sentido no interior desta lógica que estabelece o centro e o excêntrico; ou, se quisermos dizer de outro modo, o centro e suas margens. Ao conceito de centro vinculam-se, freqüentemente, noções de universalidade, unidade e de estabilidade. Os sujeitos e as práticas culturais que não ocupam este lugar recebem as máscaras da particularidade, da diversidade e da instabilidade (LOURO, 2003, p. 44).

Muitos discursos têm afirmado a existência de dado período da vida que é recheado de turbulências, inseguranças e medos. O livro¹⁶ organizado por Cybelle Weinberg que é dirigido, segundo ela, prioritariamente a professores/as, orientadores/as e outros/as profissionais que trabalham com jovens, e escrito por médicos/as, psicanalistas e psicopedagogos/as, traz, em sua introdução a seguinte questão: “O que tenho ouvido na clínica e fora dela são queixas de adolescentes que se sentem perdidos, apáticos ou ansiosos quanto ao seu futuro. Os pais parecem ainda mais perdidos do que eles. O que significa adolecer no mundo atual?” (WEINBERG, 2001, p.7).

Por mais paradoxal que possa parecer, há um sentido de normalidade definido no âmbito dos discursos “psi” que opera com a noção de que um certo grau de estranhamento que a jovem tem em relação a si mesma faz parte da ordem das coisas (FRAGA, 2000). A pergunta da autora acima indica uma tentativa de fixar os sentidos, pois o que estaríamos vivendo na contemporaneidade seria uma espécie de incerteza generalizada. No livro clássico da psicologia *Adolescência Normal*, as autoras comentam:

Penso que a estabilização da personalidade não se consegue sem passar por um certo grau de conduta patológica que, conforme o meu critério, devemos considerar inerente à evolução normal desta etapa da vida (...). Toda a comoção deste período da vida deve ser considerada como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p.27).

¹⁶ Geração Delivery: Adolecer no mundo atual (2001).

É nessa direção que as jovens, ao mesmo tempo em que são atingidas pelos discursos, assumem para si os mesmos discursos. Sob esta ótica é que posso afirmar que a diferença se produz nas relações de poder. Para poderem permanecer no centro, as jovens devem se preocupar, se entristecer e, principalmente, se experimentar. Digo “principalmente” na medida em que as inúmeras experimentações - sejam elas as experiências com sua sexualidade, com as drogas ou com o seu corpo – são tidas como normais desde que dosadas, quer dizer, que as tentativas e os “erros” decorrentes possam servir como possibilidades de aprendizagem para a vida adulta e que possam rapidamente ser corrigidos.

Já na outra parte da discussão, Denise e Clara, quando comentam sobre as preocupações de seus pais acerca do modo como procedem, remetem à idéia de que devem fazer o exame constante de seus atos, contando com o máximo de detalhes o que se passa ao pai e a mãe. Simultaneamente, são estimuladas a ser independentes, “donas de seu próprio nariz”, mas só naquilo que lhes é permitido, ou seja, na participação em atividades esportivas e intelectuais, como as aulas de dança ou os cursos de inglês.

Podemos perceber que estamos vivendo em um tempo em que tudo deve ser equilibradamente pensado para um futuro certo e sem arrependimentos. Nas palavras de Fischer: “o discurso da sexualidade adolescente agora incorpora expressões novas – ‘momento certo’, ‘pessoa certa’ –, termos sem definição precisa que falem de um retorno a valores claramente carregados de conservadorismo” (FISCHER, 1996, p. 170). Pela afirmação da autora, baseada nos textos da mídia, há uma tensão que produz textos diferentes do que é dito na família, é diferente dizer “não pode transar” e dizer “pode transar, desde que seja o momento certo ou o cara certo”. O que parece estar na base deste tema sobre independência/amadurecimento é justamente a ambigüidade e a conflitualidade das mensagens na família e na mídia. Ser “grande para arrumar a casa” não é a mesma coisa que poder decidir sobre ir a festas; amadurecer, por exemplo, pode ser não transar com 15 anos, esperando o “momento certo” para iniciar sua vida sexual. Tais enunciados certamente não são os mesmos para os garotos da mesma faixa etária, os quais, segundo relatos pessoais das jovens participantes em relação a irmãos e amigos, são até mesmo incentivados a transar, ir a festas, etc. O que não quer dizer que é simples para os meninos assumir tais exigências; na medida em que não querem ou não conseguem, podem destoar do grupo a que pertencem.

Em minha perspectiva, ao problematizar as exigências em relação aos homens e mulheres jovens, ocorre um deslocamento importante nas formas de significar as relações de poder nas famílias, na medida em que o foco deixa de ser a questão da repressão para as meninas e/ou da estimulação para os meninos para tornar visíveis os mecanismos históricos que instituem e legitimam tais posições, impondo destinos diferenciados ao masculino e ao feminino.

Perguntei às jovens quais são as principais críticas que elas recebem nas suas casas e destaco aqui somente a fala de uma das jovens, a qual considerei importante para pensar o modo como as opiniões do pai instituem modos de ser mulher e jovem.

Kátia – O meu pai pega muito no meu pé em relação à maquiagem. Ele diz que as mulheres têm uma natureza, se a menina já é bonita, então ela não precisa de maquiagem. Pode ser que use um batom, um lápis, uma coisa para realçar, mas não que a mulher necessite de um batom nos lábios, porque ela fica muito mais bonita sendo natural, ainda mais que eu sou nova assim. Apesar de que ele vivia me dando, quando eu era pequena, aqueles batonzinhos, aquelas coisinhas para brincar de passar nos olhos: azul e verde. Eu adorava aquilo, só que ele sempre diz assim: “cuida bastante do teu rosto, do teu corpo, porque ele [o rosto] sem maquiagem é muito mais bonito do que tu cheia de pó, cheia de lápis, cheia de não sei o quê”. Beleza feminina é muito bonita para ser, como ele fala, rabiscada.

A jovem conta o modo como seu pai procura transmitir o uso correto da maquiagem (ou o correto da beleza, que seria sem maquiagem). A expressão “pegar no pé” parece referir-se à insistência, à repetição. Na função educativa, opera buscando fixar a informação. Quando o pai afirma que “as mulheres já têm uma natureza”, constitui o argumento mais forte e decisivo no sentido de convencer a garota a não fazer uso da maquiagem ou a não utilizá-la inadequadamente. Aqui, o que está em jogo é o modo como cabe a cada um, pai ou mãe, dizer/fazer para educar a filha no correto exercício de paternidade/maternidade. As oposições binárias que estão em operação no excerto acima como natural/artificial, menina/mulher, beleza/feiúra e medida certa/medida errada tentam fixar e fazer crer que um dos pólos funciona como referência, o padrão a partir do qual o outro será definido, em que um dos termos é colocado como hierarquicamente superior e supostamente homogêneo.

É na perspectiva de rachar a homogeneidade das oposições binárias que Zigmunt Bauman diz:

A dicotomia é um exercício de poder e ao mesmo tempo sua dissimulação. Embora nenhuma dicotomia vingasse sem o poder de separar e pôr de lado, ela cria uma ilusão de simetria. A falsa ilusão de simetria de resultados encobre a assimetria de poder que é a sua causa. A dicotomia representa seus membros como iguais e intercambiáveis. No entanto, sua própria diferenciação é assistida pelo poder (BAUMAN, 1999, p.22).

Trata-se aqui de demonstrar que os termos presentes nas oposições binárias não são constituídos a *priori*, mas que se consolidam em relações de poder que operam por meio daquelas, a fim de classificar, discriminar e hierarquizar os sujeitos e as práticas sociais.

O argumento que o pai utiliza, no dizer da jovem, para que não faça uso da maquiagem - ela já é bonita por natureza - encontra eco, sendo reproduzido em uma série de discursos que buscam constituir os indivíduos a partir de determinadas características físicas. Além disso, tal argumento evoca aspectos ligados a questões de personalidade e comportamentos que seriam pertinentes a cada um dos sexos de acordo com uma suposta essência, como a virilidade e a força nos homens e a delicadeza, a graça e a fragilidade nas mulheres. Esses argumentos/conhecimentos, reunidos ou separados, vêm atuando em diferentes práticas sociais como prescrições/regulamentações de atitudes, comportamentos e hábitos das pessoas. Um ditado da década de 40 do século passado ilustra bem em que moral está fundada a posição do pai da garota: “a mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta” (PEIXOTO, 1944 apud SANT’ANNA, 1995, p. 125).

Para Denise Sant’Anna (1995), até a primeira metade do século XX, todos os conselheiros de beleza eram homens, para quem a beleza feminina deveria refletir a pureza da alma. Esse argumento fundamentava-se principalmente em bases morais ligadas à igreja católica. Conforme a autora:

a brasileira deveria, segundo os padrões da época, se contentar com o uso de jóias, chapéus e luvas. Fora deste uso e para além das prescrições médicas, que incluem a higiene do corpo e a cultura física, o embelezamento corre o risco de denotar uma moral duvidosa. Pois, apesar dos apelos publicitários em torno da cura dos problemas de beleza, apesar da diversidade de remédios existentes para embelezar a mulher num passe de mágica, prevalece a convicção de que a verdadeira beleza é fornecida por Deus. Ou seja, a beleza é considerada um dom, muito mais do que uma conquista individual (SANT’ANNA, 1995, p. 125).

O pai da jovem diz que, caso ela ainda queira fazer uso de algum artifício, que seja “só para realçar” sua beleza natural. Tal posição segue a idéia anterior de que as mulheres, mesmo não precisando intervir na natureza de sua beleza física, necessitam fazê-lo, ou seja, novamente sua suposta “natureza feminina” impõe-lhes tal vontade, o que os homens aceitam, mas não compreendem.

A fala desse pai busca fixar limites precisos. No entanto, a cultura borra esses limites todo o tempo: destaca a importância da beleza natural e, ao mesmo tempo, enfatiza que essa natureza é resultado de trabalho e investimentos corporais contínuos. As mulheres jovens não precisariam de nenhuma artificialidade que estragasse ou maculasse a beleza e pureza que a natureza proporciona e que o tempo ainda não deteriorou. Às garotas feias, talvez fosse facultado o direito de maquiar-se, desde que com o objetivo de corrigir ou atenuar os defeitos que, porventura, ou melhor, por desventura, pudessem ter.

Santos (1998) ao discutir as mudanças no discurso sobre a beleza em especial aqueles que enunciam que a “beleza vem de dentro” comenta

Parece-me que esta emergência do discurso, que enfatiza além da beleza exterior a interior, se situa nas “complexificações” que as práticas de se fazer bela vêm sofrendo, à medida que os antigos e duradouros discursos, “profundamente incrementados” pelo desenvolvimento científico-tecnológico (cosmetologia, cirurgia plástica etc), vão adquirindo outros sentidos, “colando-se” a outros discursos... promovendo aquela textura densa de significações (...) em torno de uma determinada representação de mulher bela (SANTOS, 1998, p. 133).

Trata-se da constituição de um modo de ser bela, ora por ter nascido assim ou por esforçar-se para isso.

A jovem, ao recordar a insistência do pai atualmente para que ela não perca uma dada naturalidade de sua essência feminina, lembra e parece estranhar que, quando era criança, recebia dele brinquedos que tinham por função imitar a maquiagem adulta. É interessante pensar que, nesse caso, a maquiagem assume diferentes funções. Enquanto brinquedo infantil, pode ser oferecido de presente pelo pai para assegurar uma feminilidade e uma vaidade que seriam atributos importantes para a futura mulher.

As brincadeiras de maquiagem parecem estar ligadas ao desenvolvimento de um gosto pelas coisas do “universo feminino”. Mas, para isso, é preciso que as mulheres, mesmo as menores, possam ir treinando e desenvolvendo suas habilidades em usar bem a

maquiagem. Esse usar bem refere-se a não borrar, fazer os contornos do rosto, incluindo os lábios e olhos, com precisão, e não exagerar na quantidade. Essas são qualidades que, em muitos espaços, são valorizadas e até mesmo incentivadas, como quando as mulheres nos automóveis, em pleno trânsito, conseguem passar o batom com precisão, ou nos programas de TV voltados para o público feminino que ensinam os modos corretos de utilização da maquiagem. No entanto, essas mesmas atitudes que são valorizadas, em alguns momentos, como atributos de sensualidade e apreço, por exemplo, podem ser tratadas também, em outros, como futilidade, inutilidade ou desperdício de tempo.

Nesse sentido, concordo com Nádya Souza, que afirma:

Dentre os distintos acontecimentos que, [aqui], marcam a infância, o brinquedo, enquanto o objeto e a ação de brincar, funcionou como um signo que, ao marcar o corpo infantil, demarca uma determinada fase da existência humana, constituindo aquilo que nomeamos infância. Ao ser inscrito no corpo, o brinquedo atua como um mecanismo que institui e diferencia as fases e os comportamentos dos corpos, normalizando, por exemplo, a brincadeira como “coisa de criança”. Neste sentido, o brinquedo pode ser concebido como um dispositivo que, ao ser inscrito nos corpos, regula e delimita o comportamento das pessoas (SOUZA, 2001, p.148).

A questão que aqui parece se colocar é a de que a maquiagem, como brinquedo, configura-se como uma das vias de acesso às aprendizagens de uma feminilidade desejada e, portanto, normativa. No entanto, quando a maquiagem passa, no caso das mulheres jovens, a ser instrumento de constituição de idade adulta por meio da sensualidade ou do aperfeiçoamento da beleza, recebe novas regras e prescrições que devem ser bem apreendidas.

Obviamente, a função pedagógica exercida pelo pai, nesse caso, não é unívoca, ou seja, outros discursos concorrem para definir quais as práticas corporais mais adequadas no que tange à aparência das mulheres jovens. As práticas de cuidar da pele e do cabelo, fazer as unhas, depilar a pele e maquiar o rosto são, na maioria das vezes, recomendáveis para as garotas na medida em que configuram um apreço por si, sinal de atratividade e diferenciação do universo masculino jovem.

As ressalvas por parte da função pedagógica exercida pelo pai parecem estar vinculadas ao receio de excessos que pudessem transformar a jovem em uma pessoa que valorizasse demais a artificialidade ou a sedução representada por um uso exagerado da pintura no rosto demonstrada pelas expressões “cheias” e “rabiscadas”.

Assim, ao mesmo tempo em que a beleza feminina é atada ao biológico e isso se afirma como um valor positivo, a força moral e psicológica das mulheres para aprender e conduzir-se na medida certa são atributos fundamentais, ainda que sejam necessários sacrifícios para manter a aparência.

Ainda com relação a críticas feitas pela família, destaco a fala de uma das participantes em relação ao vestuário:

Carla – A minha irmã, com quatro anos, dizia assim: “vou botar essa blusinha branca com essa florzinha amarela porque todo mundo vai ver a florzinha amarela. Ela é sempre assim, a minha outra irmã, que tem 16, ela combina muito. Pode ter um detalhezinho rosa que ela já combina. Daí, um dia desses, a minha mãe me disse: ‘tu não te vestes bem, eu não vou deixar tu te vestires como tu queres’. E eu pensei assim: “mas o que ela tem a ver com isso?” Ela até tem, porque ela é quem compra as minhas roupas... Eu não compro, eu mesma, as minhas roupas. Só que o que tem a ver se eu quiser andar com bolinha e listrinha? Ela vai ficar com vergonha de andar comigo porque eu estou com essa roupa, eu pensei assim...

Na fala acima, a jovem opera de modo a comparar-se com as irmãs, que parecem ter aprendido desde muito cedo as normas estéticas relacionadas ao modo de vestir. As práticas discursivas que instituem as semelhanças e diferenças familiares se fazem presentes por meio de hierarquias que tentam estabelecer o que é correto, tais como, os regimes que definem os comportamentos adequados ou não e a posição social que a mulher ocupa na família. Conforme Souza: “Esses mecanismos ‘invisíveis’ que se correlacionam no corpo marcando e demarcando-o, ao serem incorporados nas interações cotidianas da vida em família, tornam-se naturais, conferindo aos atributos produzidos o caráter de inerentes à pessoa e ao grupo social” (SOUZA, 2001, p. 129).

O modo como a jovem vai comparando-se às irmãs, com suas habilidades em combinar as roupas, as cores e as estampas, somado à afirmação da mãe de que ela não se veste bem, assumem, na narrativa, duas posições. Primeiramente, produzem um questionamento por parte da jovem no que se refere ao “direito” que a mãe tem de se importar com o modo como se veste; segundo, a jovem preocupa-se com a possibilidade de sua mãe ter vergonha de estar com ela mal vestida.

Para Carla, o fato de a sua mãe comprar as roupas talvez dê a esta o direito de intervir nas escolhas do vestuário. Percebe-se, nesse caso, que estão articuladas duas questões: a primeira de quem detém o capital financeiro e a segunda seria o constrangimento por sua suposta inabilidade em vestir-se adequadamente.

Os dois aspectos que a jovem ressalta funcionam através de práticas de sujeição, as quais, por meio de relações díspares de poder, produzem conhecimentos sobre si mesma e sobre seu corpo, não importando se tais práticas resultam em uma determinada atitude, mas se possibilitam ocupar determinadas posições de sujeito que se conforma ou resiste ao que a família-mãe busca constituir. Nesse sentido, as práticas sociais, no interior das famílias, permitem que as jovens possam explicar os sentidos de suas experiências no mundo.

Na próxima seção privilegio o modo como as jovens se percebem, se criticam e observam a si mesmas.

2.2 As críticas ao olhar sobre si mesmas

Nesta segunda seção, quando propus a discussão sobre o que elas pensam de si mesmas, algumas jovens falaram assim:

Ana Paula - Acho que o adolescente hoje está muito sedentário, acho que a gente não se preocupa. Às vezes, até eu fico com preguiça de sair, fazer uma aula de qualquer esporte. Eu acho que é uma das coisas mais importantes por causa da saúde mesmo, não por causa daquela beleza. Não ficar em casa sem fazer nada. Às vezes, me dá preguiça, mas normalmente eu tento me puxar: “ eu não vou ficar aqui sem fazer nada, não, não posso fazer isso”. Daí, eu saio para caminhar ou alguma coisa assim.

Suzana - Muitas vezes, a gente poderia estar fazendo exercício, mas a gente prefere ficar em casa olhando TV. Às vezes, às seis horas da tarde, eu estou dormindo, e é um tempo em que eu poderia estar fazendo exercício. Então, eu acho que é mais esse negócio assim: “eu vou dormir ou fazer exercício?”.

Flávia - Eu acho que é um pouco de preguiça, um pouco sem tempo. Eu acho que é um pouco de cada coisa, eu acho que cada coisa ajuda.

Ana Paula diz que os adolescentes estariam muito sedentários. Suzana salienta o fato de preferir ficar vendo TV ou dormindo em casa ao invés de fazer exercício, enquanto Flávia afirma ser uma mistura de preguiça com falta de tempo. As posições de sujeito que as jovens ocupam ao examinar a si mesmas e as outras jovens parecem estar sintonizadas com uma série de discursos que tem dirigido seu foco principalmente para grupos que não têm aceitado de maneira uniforme as regras relativas à saúde.

A promoção da saúde é a área da saúde que mais tem reunido condições em torno de si para difundir a noção correta do manejo do corpo e apontado indivíduos e grupos que têm se desviado do caminho no cuidado que devem ter consigo. Esses grupos têm sido nomeados pelas políticas de promoção à saúde como sedentários. O discurso do sedentarismo é uma crítica aqueles indivíduos que “não incluem atividades físicas regulares, onde predomina o trabalho sentado e o lazer passivo. Considera-se sedentário um indivíduo que tenha um gasto calórico semanal em atividades inferior a 500 kcal” (NAHAS, 2003, p. 265).

As jovens, ao assumirem para si que permanecem horas assistindo televisão, estariam posicionadas na categoria das pessoas que fazem o lazer passivo. Essa idéia do lazer passivo vem sendo crescentemente difundida nas formulações que enfatizam a relação entre atividade física e saúde. De certa maneira, posso afirmar aqui que tem ocorrido uma “demonização” de uma dada tecnologia; difunde-se a idéia de que o computador, o forno de microondas, o videogame, a escada rolante, todos os controles remotos e a própria televisão estariam impedindo as pessoas de terem uma vida mais saudável.

Entre os grupos mais destacados negativamente, estão as mulheres e os jovens, as pessoas de classe sociais mais baixas e com menor grau de instrução. A maioria dos estudos que preconizam a atividade física e saúde (NAHAS, 2003, GOLDSTEIN, 1992), tem explicitamente buscado transmitir mensagens ao que chamam de grupos especiais, ou seja, mulheres, deficientes, idosos e jovens. Um exemplo disso está no livro *Atividade Física e Saúde*. No documento dirigido às mulheres, o autor emite os seguintes conselhos: “Atividade Física não precisa ser intensa para trazer benefícios para a saúde; mulheres de todas as idades podem beneficiar-se com doses moderadas de atividade física diária; a ênfase em

atividades moderadas permite que as atividades sejam variadas para atender as necessidades e interesses individuais, diante das circunstâncias na vida da mulher” (NAHAS, 2003, p. 138).

A noção que esse documento emprega ao indicar as atividades físicas moderadas para as mulheres segue a mesma lógica ao indicar atividades físicas para a terceira idade e para os portadores de alguma deficiência. Um outro aspecto interessante de ser lembrado é que, durante boa parte do século XIX e pelo menos até a metade do século XX, um conjunto de atividades corporais e esportivas era contra-indicado às mulheres na medida em que poderiam ser negativas para sua natureza, tida como essencialmente frágil e inferior em contraposição à natureza vigorosa dos homens (GOELLNER, 2003).

Goellner comenta a respeito disso:

Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e para homens onde o espaço do privado – o lar – passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia se exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias do seu sexo tais como a paciência, a intuição, a benevolência, entre outras (GOELLNER, 2003, p. 31).

Algumas das jovens participantes deste estudo, por acreditarem que não estavam cumprindo integralmente os discursos para um estilo de vida saudável, sentiam-se preocupadas e assumiam para si as significações que são utilizadas comumente por quem, ao mesmo tempo, não adere completamente e nem consegue escapar integralmente dos discursos de promoção de saúde.

Nesse sentido, pode-se dizer que a constituição do discurso da medicina do esporte e da promoção da saúde sobre o sedentarismo, a obesidade, a osteoporose, o diabetes e a anorexia está situada e só é possível no terreno da patologização de certos aspectos dos comportamentos tidos como femininos (a doença, a dor, o desprazer, a feiúra ou a fraqueza), como afirma Helen Malson: “Esta relação entre ‘mulher’ e ‘patologia’ tem sido evidente no discurso de várias clínicas diagnósticas e na representação cultural de insanidade e adoecimento como femininas (...), mulher e loucura partilham do mesmo território, posicionados em relação à fundamental norma masculina” (MALSON, 1998, p. 47). Os discursos médicos e psicológicos coincidem, pois, ao apontar a mulher como sujeito patológico

ao defini-la numa expectativa de corpo baseada em parâmetros objetivos, o que reduz as noções de normalidade e anormalidade a determinados estados fisiológicos que tomam como base o funcionamento do corpo do homem médio.

A correspondência entre mulheres e doença ou entre mulheres e comportamentos de risco, ainda hoje se fazem bastante presentes nos discursos das áreas ligadas à promoção e educação em saúde. Tal fato pode ser ilustrado num recente artigo¹⁷ em que o autor demonstra que o “estilo de vida ativo” tem sido utilizado como marcador de gênero, sexualidade, etnia, classe e geração posicionando as mulheres principalmente como as que mais devem ser alvos de programas de atividade física na medida que as estatísticas apontam que as mulheres são o grupo de risco por representarem 70% dos sedentários do país (FRAGA, 2003).

O que colabora para essa correlação entre mulher e doença parece ser a correspondência entre a noção de saúde e a noção de saúde masculina e adulta, em que as diferentes características biológicas e fisiológicas são compreendidas de modos distintos. Não é de hoje a tentativa de estabelecer lugares distintos na sociedade baseado em supostas diferenças anatômicas, fisiológicas e até mesmo emocionais.

Durante muito tempo, a mulher foi considerada como um ser naturalmente inferior, incapaz, frágil e passível de adoecer mais do que os homens. A patologização da mulher inscreve-se na radicalização de um processo de dominação do feminino “que começou muito antes da medicina moderna e adquiriu ao longo dos anos condições técnicas e teóricas” (MACHADO, 2002, p. VIII).

A obesidade e o sedentarismo têm sido classificados pelos campos bio-médicos como os principais inimigos da vida saudável, e as mulheres, como as principais condutoras dos comportamentos desviantes e, portanto, de risco. Além do mais, as pessoas que recebem tais julgamentos passam a ser excluídas e estigmatizadas como fracassadas (PALMA, BAGRICHEVSKY, 2003, LUPTON, 2000).

¹⁷ O artigo de Alex Branco Fraga (A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda) discute, através do acidente envolvendo o empresário João Paulo Diniz e a modelo Fernanda Vogue, que teve grande repercussão na mídia, como o “estilo de vida ativo” dissemina, fixa e constitui modos de educação de corpos generificados.

Os discursos sobre o risco configuram-se, na contemporaneidade, como elementos básicos da “biossociabilidade”, definindo o modo como a vida social deve ser regulada e estruturada. Segundo Francisco Ortega: “O indivíduo se constitui como autônomo e responsável através da interiorização do discurso do risco. O corpo e o *self* são modelados pelo olhar do outro que leva à introjeção da retórica do risco” (ORTEGA, 2002, p. 156).

A retórica do risco, à qual o autor se refere, tem a ver com a intensidade com que cada indivíduo se dedica a uma certa prática, qualquer que seja ela, onde o desejável estaria em realizar ações que proporcionassem prazer e que ao mesmo tempo evitassem o risco de adoecimento e morte prematura. De acordo com Oliveira (2004), “o indivíduo deve ser estimulado a tomar decisões sobre a sua própria vida, uma noção de autonomia que cria um ideal de autogoverno” (p. 3).

Neste sentido, uma série de discursos concorre para que as mulheres e as mulheres jovens tomem como de sua responsabilidade o manejo do seu corpo. Posso destacar tanto os discursos médicos quanto alguns discursos feministas que enfatizam em comum a necessidade de autonomia nas ações de governo de seu eu. “A mulher que não se vigia nem se controla faz parte dos novos desviantes, novos estultos, inábeis de cuidar de si. Constroem-se assim as bio-identidades dos indivíduos responsáveis e ao mesmo tempo dos desviantes por oposição e reprovação” (ORTEGA, 2002, p. 157).

Débora Lupton ao analisar os modos como os homens e as mulheres manejam se corpo em direção a uma boa forma física, comenta:

Embora as mulheres tendam a expressar maior preocupação acerca da sua saúde e com a boa forma e o peso, os homens parecem ter uma visão mais instrumental de seus corpos e da sua saúde, percebendo o comportamento de manutenção de sua saúde como o que lhes permite participar ativamente no trabalho ou na atividade de lazer mais do que na melhoria de sua aparência (LUPTON, 2000, p. 26).

Cabe lembrar que a correlação entre o sedentarismo e a ocorrência de doenças crônicas degenerativas, como vem sendo estabelecida pelo campo biomédico a partir das relações de causa e efeito, é, no mínimo, problemática, visto que se fundamenta na idéia de que o exercício físico leva à saúde. Esse fundamento bastante simplista é operado de modo

a provar três premissas centrais. Segundo Carlos Myra (2003),¹⁸ seriam elas: a) o exercício físico provoca determinadas respostas e adaptações; b) as respostas e adaptações que se atribuem ao exercício físico são inerentemente saudáveis; c) o estado de saúde pode ser determinado através de parâmetros fisiológicos quantificáveis (p. 171).

Com relação às doenças infecto-contagiosas, a presença de um agente (causa) e, por conseguinte, da doença (o efeito) pode estabelecer, ainda que com alguma restrição, uma lógica linear. No entanto, no caso do sedentarismo, supondo-se que todos os que não fizessem exercício regularmente deveriam adoecer, é de se pensar a existência de outros fatores ou causas contribuintes (PALMA, 2003).

Entre especialistas e leigos, tem se usado e abusado de modelos teóricos calcados nas relações causais ou nas estatísticas epidemiológicas para sustentar os argumentos em prol do exercício físico. Porém, mesmo no interior desses discursos, existem fissuras não resolvidas. Como explicar, por exemplo, que, se as mulheres representam o grupo mais exposto ao risco por doenças crônicas degenerativas, são os homens, contudo, que continuam morrendo mais; ou como explicar os riscos da obesidade, se, quando comparados indivíduos com obesidade moderada e indivíduos moderadamente magros, os últimos adoecem e morrem mais?

Nesse contexto, é provável que os modelos de pesquisa científica das políticas de promoção da saúde em que os exercícios físicos estão inseridos estejam comprometidos com certos valores, crenças e posições que paradoxalmente são formulados dentro da tradição científica masculina, branca, heterossexual e parcial, não-neutra, ao contrário do que se pretende ou se julga.

Alex Fraga (2002) ao discutir a ênfase de programas de atividade física e saúde dirigido às mulheres, que indicam que seus comportamentos voltados para o trabalho prejudicam sua saúde, afirma:

Por isso, toda mulher precisa voltar para casa para se tornar sadia, precisa ativar em meio às lides domésticas o combate ao sedentarismo. Lavar chão, janelas, louças, roupas no tanque, cozinhar, encerrar, varrer etc., são tarefas incentivadas pelo agitasp e que devem ser computadas como atividade física na luta contra o mal que habita os corpos femininos. Ao que parece, a atribuição de benefícios

¹⁸ Para mais detalhes sobre as discussões sobre as três premissas nas quais estão ancoradas as pesquisas que estabelecem relação de causalidade entre exercício físico e saúde, ver: MYRA, 2003.

à saúde advinda das atividades domésticas produz um novo confinamento e atrela um estilo de vida ativo a uma retórica masculina mais tradicional, independente da idade (FRAGA, 2002, p. 57).

As jovens participantes, ao oscilarem entre aderir ou escapar aos imperativos de promoção da saúde, parecem realizar um duplo movimento, assim colocando em tensão diferentes possibilidades de viver o ser mulher jovem na cultura contemporânea. Podem-se, aí, ler formas de romper com noções essencializadas e desestabilizar verdades pretensamente estabelecidas pelos discursos médicos ou midiático.

Neste contexto, questionei as jovens como procederiam caso quisessem alterar suas condutas. Elas responderam assim:

Flávia - Eu acho que depende da força de vontade. Se é uma coisa que tu queres, eu acho que consegues. Mas se tu tiveres uma maçã e um salgado do lado, tu vais preferir o salgado! Depende da pessoa... Se ela pensa: “eu não vou engordar, porque eu vou conseguir”... é muita força de vontade.

Kátia - Eu acho que elas não conseguem comer menos ou comer coisas saudáveis. Então, elas resolvem parar de comer. Dá a entender, assim, que elas não vão conseguir comer direitinho, coisas saudáveis, não vão agüentar por muito tempo. Tem outras coisas ... Chega na cantina da escola, vê um monte de salgado, um monte de porcaria... “ eu não vou conseguir”, aí, traz uma fruta. Aí, pensa: “ao invés da fruta, eu vou comer um salgado, acho que eu vou comer um salgado”.

Ana Paula - Eu acho que vem o negócio de perseverança também, ter em mente um objetivo, ter perseverança mesmo.

No primeiro depoimento, Flávia diz que a força de vontade funciona como uma mediação entre duas escolhas: a maçã representando a fruta, o saudável, enquanto o salgado corresponde ao engordante, ao não-saudável. Segundo a jovem, na maioria das vezes, a escolha recai sobre o salgado, que parece estar conectado ao prazer que um alimento pode proporcionar, enquanto que a fruta parece significar uma escolha ligada a uma obrigação. Assim, a jovem indica a força de vontade como sendo necessária para resistir ao salgado e preferir comer a fruta.

Já no segundo, Kátia define as escolhas entre os salgados e as frutas como uma luta que pode ser travada em termos de deixar de comer como uma estratégia para lidar com as tentações que os salgados representam. Para Flávia, o salgado parece sempre levar a melhor nas preferências das jovens.

É interessante como determinados alimentos nas grandes cidades, principalmente entre as crianças e os jovens, foram adquirindo sentidos diferentes de outras épocas. O caso da fruta parece bastante emblemático. Em lembranças de gerações anteriores, comer frutas frescas e saborosas, roubar uvas na parreira do vizinho, comer melancia até ter dor de barriga eram prazeres ilimitados; os salgados prontos eram restritos a festas de aniversário e casamento.

Talvez as muitas prescrições que enfatizam os valores energéticos, as vantagens para a pele, enfim, os diferentes usos medicinais e terapêuticos das frutas tenham lhes retirado a dimensão do pecado, do saborear, do prazer que outrora poderiam oferecer.

Lupton (2000) aborda esse tipo de ambigüidade da seguinte maneira:

Assim os indivíduos estão colocados em uma ‘dupla sujeição’ na qual eles se movem entre o consumo e o ascetismo, entre o princípio da performance e o deixar-se levar. Neste contexto as exigências em relação à saúde são assumidas em alguns momentos e rejeitadas em outros em um contínuo ciclo de controle e liberação (LUPTON, 2000, p. 28).

Ana Paula afirma e reafirma a importância que tem o ato de “perseverar” para se cuidar. Essa expressão conecta-se a outras que, no imaginário popular, foram formando ditos que enaltecem o valor positivo de insistir, manter, prosseguir, continuar com o objetivo. Assim que temos, por exemplo, a frase “quem persevera sempre alcança”.

O manejo da força de vontade liga-se ao poder disciplinar quando o indivíduo assume para si a tarefa de administrar e controlar seu corpo. Quando o indivíduo acredita ter falhado em sua tarefa, freqüentemente assume uma posição de auto-responsabilização e culpabilização ao atribuir sentidos negativos as suas experiências em gerenciar uma vida saudável. Segundo Ortega:

“Na base desse processo está a compreensão do *self* como um projeto reflexivo. O autogoverno e a formação de bio-identidades se dão através de toda uma série de recursos reflexivos e de práticas de bio-ascese (manuais, terapia, *fitness*). A reflexividade é o

projeto de taxação contínua de informação e peritagem sobre nós mesmos. Não só o *self*, mas principalmente o corpo, aparece marcado pela reflexividade” (ORTEGA, 2002, p. 155).

A força de vontade liga-se aos conceitos de autocontrole, autonegação e autodisciplina em um conjunto cujos componentes são fundamentais para constituir a noção de saúde. Sendo assim, a adesão aos discursos que difundem o corpo magro como sendo sinônimo de corpo saudável operam de modo a moralizar as suas próprias condutas e a conduta dos outros.

Foucault desenvolve a hipótese de que as sociedades ocidentais, especialmente a partir do século XIX, produziram tecnologias de poder que não excluíram a tecnologia disciplinar, mas que a integraram e transformaram, caracterizando uma época em que se articulam tecnologias direcionadas ao corpo, à disciplina e à vida, bem como aos fenômenos da população, dando início à era do bio-poder. Os cuidados com o corpo relativamente aos hábitos alimentares e a outros vetores, como o vestuário, os cosméticos e os exercícios físicos integram uma rede de estratégias técnico-científicas direcionadas ao modo de ser e agir das pessoas e das populações.

Um atributo mental que ganha *status* no trabalho de cuidar do corpo é a vontade, que é definida a partir de julgamentos adjetivados na linguagem da educação física e da física (mecânica) como atributos das qualidades físicas. Força, tenacidade (de tensão), constância (resistência) e fraqueza (debilidade), todas essas qualidades parecem estar ligadas à vontade para efetivar as alterações corporais necessárias prescritas nas dietas ou nos exercícios físicos (ORTEGA, 2002). Com relação ao engordar e ao emagrecer, a alimentar-se ou deixar de alimentar-se, a tornar-se saudável ou doente, belo ou não-belo, a força de vontade aparece nas análises que realizei das falas das jovens participantes da pesquisa como a medida para buscar um ideal ou a ferramenta fundamental para um projeto de corpo a ser realizado.

Sobre a alimentação, perguntei se elas conseguiam cuidar-se e ingerir alimentos que elas consideravam saudáveis:

Denise - Eu me preocupo com a alimentação, eu como muita porcaria. Que nem eu digo comida, eu como de vez em quando, mas eu como muita porcaria. é bolachinha e coisa

que engorda e que não é nutritiva e tal. Eu faço exercício também tudo para se manter. Mesmo que a gente não consiga, mas a gente vai atrás.

Sílvia - Dá para comparar, eu, por exemplo, não estou nem aí para o que eu como, eu leio as calorias... tipo: 'ah, um hambúrguer tem 300 calorias', mas eu não vou deixar de comer um hambúrguer porque ele tem 300 calorias. Tem gente que... " eu sou gorda e não posso comer isso".

As ações que as jovens realizam, tentam ou dizem realizar sobre seu próprio corpo estão recheadas de regras de normalidade, do que é correto ou não. Dessas regras de normalidade, emerge um conjunto de práticas corporais num movimento incessante de saber e não-saber que povoa a existência das mulheres jovens que foram fonte de informações desta dissertação.

Denise diz preocupar-se com sua alimentação, mas o que realmente come, ela significa como porcaria. Nesse caso, a jovem separa o que é comida do que não é. Essa separação parece estar ligada à idéia de refeição como aquela em que os alimentos são preparados e servidos, diferentemente das refeições tipo *snack*, que incluem os lanches rápidos, como hambúrguer, cachorro-quente, salgados e bolachinhas, que podem ser vendidos nas lancherias ou em outros estabelecimentos de acesso fácil para as jovens.

No Colégio de Aplicação da UFRGS, onde foi realizado este estudo, as jovens participantes da pesquisa e alunos/as em geral, a partir da sexta série do ensino fundamental, permanecem na escola no turno inverso para aulas de educação física e outras atividades. Apesar de poderem freqüentar o Restaurante Universitário (RU), que fica a aproximadamente 600 metros de distância, as jovens participantes disseram preferir comprar lanches na cantina da escola.

O comer, mais do que aplacar a fome e suprir as necessidades biológicas, está relacionado com uma série de condições e de práticas culturais apreendidas na família ou fora dela. Assim, o alimentar-se traz consigo um conjunto de recursos econômicos e sociais que revelam marcas distintivas de classe social, de gênero, de geração, tradições familiares, de adesão ou não aos discursos publicitários, etc.

As preferências das jovens, demonstradas na fala de Denise e, em grande parte, também por todas as depoentes, aos lanches em detrimento das refeições, tanto na escola

quanto em casa, podem indicar uma adesão ao estilo já globalizado de alimentação tipo *fast-food*. Para Henrique Carneiro:

A uniformização global da alimentação promovida pela indústria alimentar realizou também um “sincretismo culinário”, pois ao mesmo tempo em que suprime as identidades locais e regionais espalha-as pelo mundo, mesmo que sob a forma inautêntica do *fast-food* étnico. Apesar de o hambúrguer ser o produto mais identificado com o *fast-food*, o consumo mundial de pizza, prato originalmente napolitano, é também um resultado da “americanização” da alimentação, sem receber, contudo, tantas críticas como o hambúrguer, adverte um autor preocupado em identificar as características híbridas da alimentação contemporânea (CARNEIRO, 2003, p. 109).

Talvez a grande mudança produzida pela tentativa de padronização alimentar esteja ocorrendo entre as pessoas que dispõem de capital econômico para comer fora de casa, assim substituindo os rituais de sociabilidade familiar pelo beliscar errante. Essa substituição não se dá sem culpa, ainda que o beliscar possa significar, em determinados grupos sociais, noções de pertencimento, de *status* de classe, de desprendimento e de agilidade. No entanto, pode gerar sentimentos confusos de não estar cumprindo as normas de um alimentar vigiada e autocontrolada. Desta forma, a obtenção de prazer também parece produzir a necessidade de, como diz Denise, fazer de “tudo para se manter”. O exercitar-se adquire a dimensão de compensar a inadequação de uma alimentação prazerosa, porém pouco saudável e ainda por cima engordante.

Muitos discursos concorrem para lançar um dilema aos jovens, e a mídia acaba sendo o local de confluência desses discursos: através dos seus diferentes veículos, a mídia estimula, por um lado, a prática da alimentação tipo *fast-food*, e por outro lado, utiliza discursos de especialistas que contra-indicam e discordam deste tipo de prática alimentar, sob o ponto de vista da saúde. Em uma edição especial da revista *Veja*, voltada para discutir temas relacionados aos jovens, a manchete¹⁹ da matéria sobre a alimentação dispara: “COMA À VONTADE. VOCÊ PODE, mas, lembre-se de que os maus hábitos alimentares às vezes tornam-se um problema para a vida toda” (VEJA, agosto de 2003, p. 44-45). Na foto que está acima da manchete aparece um garoto em segundo plano com a mão estendi-

¹⁹ Os títulos das matérias (...) funcionam como uma propaganda, chamam a atenção, apresentam as questões que motivam a leitura e qualificam a informação. Os títulos da imprensa, graças ao próprio processo de figuração, constituem um texto dentro do texto, mostram e escondem, ao mesmo tempo, o texto para qual dirigem o olhar do leitor (Serra e Santos, 2003, p. 693).

da comendo um “hiperbig” sanduíche em primeiro plano (o que produz um efeito deste parecer maior do que é).

Na veiculação de certos produtos, são associados padrões de uma estética corporal jovem. O consumo de lanches “rápidos” pode significar desde descontração, praticidade e *status* de classe, através de um alimento de fácil preparo, até manutenção da forma corporal, ainda que os alimentos não sejam condizentes com as orientações alimentares que os especialistas de saúde apontam como saudáveis ou desejáveis. Diante do convite e da ameaça o/a jovem depara-se com um impasse em relação as suas escolhas alimentares, entre sucumbir ao prazer que os lanches podem oferecer ou seguir dietas restritivas e pouco prazerosas.

Na fala de Sílvia, a jovem diz comparar-se com outras pessoas que, para ela, são gordas e deixam de comer determinadas coisas porque engordam. Ainda assim, afirma ler as calorias dos alimentos que ingere, mesmo que isso não a impeça de comer o que deseja. A partir da fala de Sílvia, posso pensar em alguns aspectos interessantes. O primeiro deles está na mensuração das calorias que cada alimento contém. Tal possibilidade vem sendo amplamente destacada nos diferentes meios de comunicação, inclusive criando-se uma lei, com intuito de proteger e informar o/a consumidor/a, que torna obrigatória, no rótulo de todo produto industrializado, a apresentação das informações sobre os componentes e as calorias de cada um. Segundo Fraga (2003):

Com tais dados, cada um se torna potencialmente capaz de antecipar e prevenir ocorrências futuras indesejáveis, bem como auxiliar no controle coletivo das mais diferentes doenças e anomalias. Para tanto, é preciso adotar um estilo de vida saudável e marginalizar comportamentos desviantes como forma de “segurar a vida” (p. 12).

Foi no século XX que os discursos científicos sobre a fisiologia da nutrição e da dietética formularam as bases para o cálculo calórico. Ao realizarem-se estudos comparativos entre a composição química do corpo humano e a dos alimentos verificaram-se semelhanças entre os dois. Seguindo a divisão clássica entre glicídios, lipídios e protídios seriam os elementos necessários para o fornecimento de energia para o corpo. Essa energia

fornecida para o funcionamento do corpo corresponde à quantidade de calorias dos alimentos²⁰ (CARNEIRO, 2003).

A introdução da nutrição como mais uma disciplina do conhecimento científico foi seguida de uma série de desenvolvimentos tecnológicos que deram as condições de possibilidade para que as dietas e os conhecimentos sobre exercícios físicos, vestuário e cosmologia se tornassem um importante instrumento para a normalização dos estilos de vida dos indivíduos. Assim, todos esses conhecimentos vão incidir diretamente sobre o corpo. A dieta e outras maneiras possíveis de transformar o corpo derivam de formações discursivas diferentes, entre as quais, a biologia, a anatomia, a química e a medicina.

No século XX, a nutrição vai fundamentar sua cientificidade no estudo das propriedades energéticas dos alimentos através da combinação do saber matemático com o saber da química sobre a riqueza em termos calóricos. Esse discurso científico servirá de base para a proposição de um outro modelo alimentar fundamentado em um processo de quantificação dos alimentos. Nas palavras de Jean Flandrin:

As teorias científicas em matéria de dietética foram completamente modificadas com a descoberta de que a energia dos alimentos se media por calorias e de que eles eram compostos por diferentes elementos – proteínas, hidratos de carbono e gorduras – que pareciam ter uma função fisiológica bem definida (FLANDRIN, 1998, p. 829).

Essas formulações permitiram à medicina estabelecer correlações entre saúde e alimentação, o que possibilitou que esse campo pudesse identificar uma série de patologias ocasionadas por carências de certas substâncias, como o iodo (bócio), o ferro (anemia), a vitamina C (escorbuto) e, atualmente, o cálcio (osteoporose), entre outras. Se as carências de determinadas substâncias constituíram o saber sobre certas patologias, o excesso alimentar também não ficou de fora na configuração de toda uma nosografia médica, como, por exemplo, o excesso de sal, que provoca a hipertensão arterial, e de açúcar, responsável pela hiperatividade, diabetes, e doenças cardíacas.

Os cuidados com o corpo, incluindo os regimes de emagrecimento, são permeados por relações de poder exercidas sobre os outros e sobre nós mesmos. Compreendo essas relações de poder como possíveis estratégias de governo dos corpos, já que estão constan-

²⁰ Caloria corresponde “à unidade de calor que é necessária para fazer variar em um grau a temperatura de um grama de água destilada” (CARNEIRO, 2003, p.13).

temente envolvidas no exercício de dirigir e regular modos de ser e de agir dos indivíduos e da população. É neste contexto, que as políticas de saúde pública têm investido cada vez mais na disseminação minuciosa das condutas inadequadas à boa saúde, além de responsabilizarem os indivíduos que não aderem aos comportamentos apregoados e que vêm a adoecer.

Assim, muitos discursos, principalmente os dos meios técnico-científicos, têm sido constantemente renovados, indicando, por exemplo, que a elevação dos níveis de colesterol poderia favorecer o aumento dos distúrbios cardíacos ou, ainda, mencionando outras doenças mortais causadas por práticas alimentares tidas como problemáticas. É nessa perspectiva que a obesidade torna-se o inimigo número um a ser combatido, produzindo-se um conjunto de estimativas que apontariam para a redução das necessidades calóricas e protéicas dos cidadãos.

O emprego da noção de uma nutrição progressivamente menor em quantidade permitiu que se operasse uma articulação entre dois pontos que anteriormente não se vinculavam na história da dieta – a quantidade alimentar e a qualidade nutricional. A partir das noções dos valores energéticos dos alimentos, as condutas alimentares em termos de regimes passam do controle da vontade de comer para o controle do que comer, ou seja, a constituição de um saber matemático sobre o ato de alimentar-se.

A maioria dos estudos aponta a necessidade de aproximadamente 2.500 calorias diárias, em média, para um adulto que realize trabalhos leves, e de 2.800 a 3.000 calorias diárias para um indivíduo adulto considerado ativo (CARNEIRO, 2003, NAHAS, 2003). Essas correlações numéricas valem-se de um princípio geral em que uma variação quantitativa para cima ou para baixo busca estabelecer se um indivíduo é saudável ou doente (SILVA. A 2001).

É com base na observação de indicadores numéricos como estes que variados campos técnico-científicos buscam determinar a normalidade ou não de um indivíduo e situar-se como referência para instituir quem e o que deve ser ensinado. É pertinente observar aqui, a partir da perspectiva adotada neste estudo, que não se supõem que dados numéricos como os que venho empregando estariam refletindo realidades que são externas ou anteriores a eles, mas que os dados numéricos constituem discursos que definem e produzem materialidades.

É nesse ponto que gostaria de retornar à fala de Sílvia. O fato de ela contar calorias conecta-se à idéia de poder exercer um duplo controle. O primeiro seria o de vigiar o que come; o segundo, o de poder calcular quanto deve se exercitar depois para queimar as calorias ganhas na ingestão dos alimentos. É claro que as jovens, ao contarem as calorias, podem estar realizando uma espécie de brincadeira. Isso inclui a disputa por quem sabe mais, quem se cuida mais ou quem não precisa deixar de comer nada do que gosta para se manter magra e bela.

As jovens também passaram a falar das estratégias que consideram importante para cuidar do corpo:

Betina - Por exemplo, se eu vou sair amanhã, eu fico ontem e hoje sem comer. Eu fico dois dias sem comer, para, no dia da festa, eu ficar magra. No dia festa, eu consigo; nos outros dias, antes, é que, às vezes, eu não consigo.

Janaína – É que, se tu quiseres botar uma blusinha curtinha, com uma barriguinha... as pessoas não se sentem bem. Eu queria colocar uma blusinha e ficar com a barriguinha de fora, e tem aquela “baita” barriga. E também, se tu vais a uma festa te achando gordinha e vêes alguém bem magra, tu já se sentes inferior.

Betina – Tipo eu, no meu caso, se eu for a uma festa, eu vou colocar um vestido muito colado. Eu não sou gorda, eu sei disso. Então, fica saltado, e o vestido fica estranho. Olhando nas outras pessoas, eu não acho feio, mas olhando em mim, eu não, porque eu acho.

Nas discussões acima, as jovens conversam sobre como e porque fazem dietas nos dias que antecedem ocasiões significativas como as festas. Para Betina, ficar dois dias sem comer funciona como um objetivo a ser alcançado, ou seja, poder usar um vestido colado sem que a barriga fique saltada, aparecendo. Algumas das jovens referem suas preferências na escolha da dieta. Tal escolha não é colocada em ação cotidianamente, mas somente nos momentos em que acha adequado, o que permite que essa dieta possa ser “radical”, como deixar de comer por um par de dias ou não ingerir nada sólido pelo mesmo período. As ações individuais das jovens congregam ações de um olhar sobre si mesmas e sobre seu corpo ao examinar as celulites, as estrias e o abdômen proeminente em busca de “defeitos” corporais.

Aqui o corpo jovem feminino é objeto de luta por fechar a boca e torná-lo aceitável e desejável. A aparência do corpo e de partes do corpo, como o abdômem, parece exigir, por parte das jovens, uma dose de sacrifício, autodisciplina, autocontrole e força de vontade. As ações intencionais que as jovens desenvolvem nos dias que antecedem às festas assemelham-se a uma moralização das condutas na medida em que parecem querer refletir que o julgamento dos outros e a autocensura têm que ser respondidos com um domínio da mente sobre o corpo (LUPTON, 2000).

É interessante lembrar que muito do que se diz sobre a distorção da imagem corporal das mulheres diagnosticadas como anoréticas está baseado na idéia de que elas se vêem como gordas. Na minha experiência com meninas em tratamento, pude perceber que elas definem a imagem de si de maneira diferente, ou seja, elas, como as jovens participantes da pesquisa, voltam-se usualmente às áreas particularmente macias ou protuberantes do corpo (mais freqüentemente o estômago) do que ao corpo como um todo. A autora Susan Bordo apresenta uma fala da personagem Karen no filme “Dying to be thin”²¹, que tenta se contrapor ao que vê como um mito de que a anorética percebe erroneamente seu corpo todo como gordo:

Eu espero estar exprimindo-me de modo correto aqui, porque isso é importante. Vocês têm que entender. Eu não vejo todo o meu corpo como gordo. Quando eu me olho no espelho, eu não vejo em verdade uma pessoa gorda. Eu vejo certas coisas em mim que são realmente magras. Como meus braços e minhas pernas. Mas eu posso dizer no instante em que como algumas coisas que meu estômago incha-se como o de um porco. Eu sei que ele se expande. E isso é nojento (Sacker e Zimmer, 1987, p. 57, apud BORDO, 1997, p. [89]).

Ocorre que a comida é inseparável do restante das atividades da cultura, e o que comemos está regrado em conformidade com certas práticas e idéias. Um exemplo interessante disso é pensarmos nos tabus alimentares – como as restrições por parte de judeus e muçulmanos – que, se de certo modo ajudam a reforçar a identidade de um grupo, nos revelam o caráter arbitrário de proibições que correspondem a uma constituição de princípios e crenças de uma determinada sociedade. Nesses casos, os alimentos são negados não por suas propriedades nutricionais, mas pelos valores que carregam.

²¹ Não encontrei esse título em português; em uma tradução literal, seria “Morrendo para ser magra”.

Na próxima seção, busco discutir como as jovens percebem o que outras mulheres realizam quando cuidam do corpo.

2.3 O olhar dirigido ao outro

Quando perguntei como suas amigas faziam quando queriam emagrecer, as jovens responderam assim:

Araci – A Beatriz tem bastante preocupação com a comida. Assim, eu acho que ela tenta se controlar, às vezes, deixando de comer certas coisas. Às vezes, não é necessário, porque ela não é gorda. Ela só acha que, às vezes, está gorda. Mas, por exemplo, tem aquelas garotas que vomitam e que param de comer porque acham que são gordas. Por mais que olhem e sejam realmente magras, magras, magras mesmo, elas sempre se vêem gordas e sempre vêem que têm que tentar mais, têm que vomitar mais, têm que deixar de comer.

Araci, ao comentar as preocupações e cuidados com o peso demonstrado por uma colega (também participante da pesquisa), ressalta que esta não precisaria realizar restrições na sua alimentação, já que, em sua opinião, ela não é gorda, ela só se acha, às vezes, gorda. É possível que a jovem esteja falando entre o ser e o estar gorda a partir de exame minucioso que as jovens realizam sobre si mesmas em certas condições (antes de festas, em função de determinadas roupas), reparando nas saliências, vendo-se refletidas no espelho ou comparando-se com outras mulheres que aparecem nas revistas ou na mídia em geral.

O desejo das mulheres, mesmo as mais jovens, de transformar o corpo conforme padrões aceitáveis segundo as normas sociais e de adquirir uma imagem que inspire empoderamento e outras formas de prazer (como o sexual e o erótico) pode resultar na necessidade de recortar algo de si mesmas, provavelmente encorajando algum grau de controle sobre o prazer que a comida poderia oferecer. Assim, percebe-se que Araci fala de meninas que vomitam, mesmo que sejam magras, para ficarem mais magras ainda. A estratégia de tentar controlar o peso através do ato de vomitar aparece como uma das mais utilizadas pelas jovens participantes da pesquisa. Posso destacar, aqui, que entre as mulheres jovens

vomitando pode ser caracterizado como uma prática de um ascetismo contemporâneo. Ortega (2002), apoiado em Foucault, comenta que a ascese “é o conjunto ordenado de exercícios disponíveis, recomendados e até obrigatórios, utilizáveis pelos indivíduos num sistema moral, filosófico e religioso para atingir um objetivo específico” (p.145).

É interessante lembrar que o comportamento de forçar o vômito é muito antigo e pode ser encontrado precocemente na história de diferentes povos da Antigüidade. No antigo Egito, por exemplo, grande parte do papiro de Eber é dedicado ao estímulo e às virtudes do ato de vomitar. Os egípcios vomitavam e, ao mesmo tempo, usavam purgativos por três dias consecutivos, julgando que todas as doenças do homem são oriundas da comida. Entre os gregos da antiguidade, as práticas de vomitar também eram incentivadas, inclusive com locais específicos para tal. O sentido para o incentivo de tais práticas era o da purificação do espírito para a conseqüente purificação do corpo.

De acordo com Ortega (2003) as práticas ascéticas podem variar, dependendo do contexto histórico ao qual estão vinculadas. Na antiguidade greco-latina, visavam à constituição do sujeito moral; no cristianismo, a auto-renúncia e à pureza, ou, ainda, no que o autor chama de bio-identidades contemporâneas “onde o corpo possui a auto-reflexividade que correspondia outrora à alma” (p. 142).

Nas palavras de Sant ‘Anna (2002):

O corpo tende a ser considerado o lugar privilegiado da subjetividade de cada um. Se, durante séculos, a humanidade destinou à alma o lugar da identidade humana, na ordem tecnocientífica é o corpo que exercerá essa função. Por conseguinte, conhece-lo completamente, salvá-lo diariamente, controla-lo continuamente são deveres e direitos atribuídos com insistência a todos os que aspiram o sucesso, a dignidade e a felicidade (SANT’ANNA, 2002, p. 102).

Cabe lembrar, a prática de vomitar pode ainda ser resultado de uma ingestão exagerada de bebidas alcoólicas ou de mau funcionamento intestinal. No entanto, quando se trata do ato de forçar o vômito, o objetivo é o de controlar o peso, enquanto que, ao contar calorias, as jovens buscam obter o resultado numérico do que ingerem de comida.

Agora, não só as roupas e os acessórios são produtos de consumo, mas o próprio corpo. Foucault já anunciava, em *Vigiar e punir*, que investir no corpo passou a ser lucrativo. Homens adquirem músculos nas academias, enquanto as mulheres devem perder peso e

ser magras. Assim, forçar o vômito parece ser uma resposta adequada aos apelos da sociedade de consumo, na medida em que as jovens podem alimentar-se em excesso e depois expurgar os alimentos, mantendo o corpo magro (BORDO, 1997).

As práticas ascéticas corporais contemporâneas fazem parte de um conjunto de regras de higiene, de lazer e de saúde baseados no desempenho físico dos indivíduos. Deste modo, os indivíduos devem ser auto-controlados e auto-vigilantes para poderem se examinar no detalhe e assim conquistarem suas identidades (ORTEGA, 2002).

Ao comentar sobre a formação de todo um arsenal voltado para aferir os desempenhos dos indivíduos, Ortega comenta:

Na biossociabilidade todo um vocabulário médico-fiscalista baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol tono muscular, desempenho físico, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação “quase moral”, fornecendo os critérios de avaliação individual. Ao mesmo tempo todas as atividades sociais, lúdicas, religiosas, esportivas, sexuais são ressignificadas como práticas de saúde (ORTEGA, 2002, p. 154).

O corpo é consumido como imagem bela a ser mostrada e vendida, já que o consumo se configura como uma atividade de conquista do prazer e não como necessidade – muitas vezes não se consomem mercadorias porque se está com fome ou por precisar se vestir, por exemplo.

As jovens, ao discutirem sobre os limites entre fazer dietas e adoecer, falaram que:

Carla – eu tinha uma amiga que ela tinha problema de anorexia, aí ela teve que sair da aula de dança que fazia escondida da mãe, porque ela não podia fazer exercício e aí ela tava usando o dinheiro da mesada dela, para poder fazer, eram 2 horas de dança, aí corria mais três e ficava sem comer o dia inteiro, aí ela já estava com anemia quase profunda, aí ela baixou no hospital e ficou um tempão lá.

Clara – mas eu acho também que essa coisa de se sentir bem é uma coisa que varia assim, porque muitas pessoas se sentem bem magras demais que é o caso da anorexia, todo mundo está vendo que a pessoa não está bem e ela está se sentindo bem consigo então eu acho que vai muito do que é a consciência do estar saudável. Mesmo que tu gostes de ser daquele jeito.

Carla fala de sua amiga que fora diagnosticada como portadora de anorexia nervosa e sobre como driblava o controle de sua mãe e continuava exercitando-se nas aulas de dança ou correndo. Já no segundo excerto, Clara discute sobre o critério que algumas depoentes utilizaram para definir seu estado de saúde.

Com relação ao primeiro depoimento, a situação descrita pela jovem já vem há bastante tempo sendo mostrada, através de filmes que tratam dessa temática ou até mesmo na literatura biomédica, como sintoma relacionado aos transtornos alimentares. Na minha experiência profissional já ouvi depoimentos de jovens diagnosticadas com transtornos alimentares, as quais, mesmo internadas e às vezes amarradas na cama, conseguiam fazer abdominais, ou até mesmo em suas casas se ofereciam para fazer todas as tarefas domésticas a fim de queimarem mais calorias e ficarem ainda mais magras.

No segundo depoimento, a jovem exprime uma tendência à moralização da saúde. De acordo com Robert Crawford citado por Ortega (2002):

a saúde tornou-se não só uma preocupação; tornou-se também um valor absoluto ou padrão para julgar um número crescente de condutas e fenômenos sociais. Menos um meio para atingir outros valores fundamentais, a saúde assume a qualidade de um fim em si. A boa vida é reduzida a um problema de saúde, da mesma maneira como a saúde se expande para incluir tudo o que é bom na vida (CRAWFORD, 1980, p.381 apud ORTEGA, 2002, p. 154).

Os casos de anorexia têm sido divulgados com a dramaticidade própria dos dramas pessoais, relatos em que pais e mães demonstram seu sofrimento, médicos, psicólogos e outros especialistas são chamados a dar seus diagnósticos e não raro as jovens contam a sua luta contra a doença e como conseguiram vencê-la.

A anorexia tem recebido inúmeras nomeações, tanto por parte dos estudiosos quanto da mídia em geral, isso porque, parafraseando Paula Treichler (1998, p.357), quando esta se refere ao HIV/AIDS, também os transtornos alimentares podem ser pensados como uma epidemia das significações, na medida em que estes possuem uma enorme capacidade de gerar significados. Dentre eles, cito alguns que foram retiradas de diversos autores por Abigail Bray²² (1996): uma epidemia da magreza que vem destruindo as vidas de muitas jovens, inteligentes, brancas e mulheres de classe-média; uma forma perversa de

²² As traduções referentes a essa autora (1996) e outras como Helen Malson (1998), e Susan Bordo (1997) dos originais em inglês foram traduzidas por mim.

narcisismo feminino; a sombra do corpo do astronauta; uma improdutiva reação de um corpo sem órgãos; um emblema da decadência do final do século XX; a síndrome da mulher palito; a arte da fome; um fenômeno psicossomático articulado às patologias do capitalismo patriarcal e da família nuclear; a doença da era Mc Luhan; uma desordem obsessiva-compulsiva que é melhor tratada com benzodiazepínicos, haloperidol, trazodone, maprotiline, ECT bilateral; uma espécie de luto para o corpo pré-edipiano e uma conexão corporal com a mãe no patriarcado e que estas são exigidas a abandonar.

Esses e muitos outros enunciados são demonstrativos do enorme interesse e do fascínio que cercam essa problemática por parte de estudiosos das mais diferentes áreas e das pessoas em geral: “O que permite sugerir que essa fascinação exercida pelas desordens alimentares não é simplesmente a questão de uma patologia individual, mas também de vasta repercussão cultural” (MALSON, 1998, p.5).

De acordo com Alex Fraga e Carmen Soares, muitas definições diagnósticas atualmente utilizadas, calcadas em determinadas características ou sintomas, há muito tempo já se fazem presentes na história da humanidade:

Aqui podemos citar bulimia, anorexia, síndrome do pânico, entre outras enfermidades. É possível dizer que as características dessas doenças não são novas; de uma certa forma, já existiam há muito tempo, mas é em nossa época que elas foram nomeadas/catalogadas pela medicina e passaram a habitar mais frequentemente os corpos do final do século XX. É através dessa nomenclatura médica que nos tornamos “devidamente doentes” (FRAGA e SOARES, 2003, p. 86).

A anorexia nervosa tem sido compreendida usualmente no discurso biomédico como uma patologia individual e, ao mesmo tempo, como uma desordem tipicamente feminina. Ela foi definida como uma entidade clínica distinta no final do século XIX (por volta de 1870), quando emerge na literatura médica como uma desordem associada a mulheres jovens. NUNES (1997, p.18) explica que “o médico Willian Gull utilizou em 1874 pela primeira vez o termo anorexia nervosa. Nessa mesma época Ernest Lasegue descreveu a mesma doença e enfatizou que a aversão psicológica por comida levava à perda de peso”.

Na descrição clínica atual, a anorexia aparece com diferentes definições, como são os casos de síndrome ou de desordem psicossomática. Os critérios diagnósticos estabelecidos nos exames clínicos e descritos na literatura especializada diferem com relação aos fatores desencadeadores do baixo peso e do medo de engordar, por exemplo, no que diz

respeito aos picos de ocorrência (idade), à presença de algum fator genético ou às desordens endócrinas. Existem também variações com relação ao critério diagnóstico no que se refere ao peso mínimo. Segundo o sistema classificatório do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-IV), o diagnóstico é conclusivo quando a pessoa está 25% abaixo do peso mínimo ideal, enquanto que o Código Internacional de Doenças (CID-10) define que, com 15% abaixo do peso mínimo ideal, a anorexia já pode ser diagnosticada.

A variação dos critérios diagnósticos nas áreas da clínica médica e da psiquiatria tem sido uma característica marcante com relação à anorexia nos últimos cem anos, o que inclusive tem prejudicado a tentativa de “determinar” a prevalência da anorexia (MALSON, 1998).

A ciência da epidemiologia, ou qualquer campo que utiliza a linguagem científica para fixar sentidos, baseia-se na relação que um certo fenômeno exerceria sobre um outro; portanto, opera buscando estabelecer relações deterministas entre os acontecimentos, tanto do ponto de vista biológico como econômico ou tecnológico. No entanto, a dificuldade ressaltada anteriormente para estabelecer a prevalência da anorexia nervosa pode indicar que os sentidos são impossíveis de ser fixados, mesmo na linguagem científica, estando presente a indeterminação que caracteriza a linguagem, o texto e o discurso. Trata-se da impossibilidade de fixar de uma vez esses critérios ou de qualquer outro juízo.

Contudo, quanto à anorexia, parecem existir alguns sentidos comuns: a anorexia é tida como uma doença mental que se caracteriza por uma contínua busca da magreza mediante dietas, laxantes, vômitos auto-induzidos, exercícios físicos intensivos e episódios de alimentação excessiva. Outros sintomas incluem amenorréia, hipotermia, arritmia cardíaca e uma variedade de mudanças metabólicas em função do baixo peso.

A emergência da “anorexia nervosa” como um evento discursivo foi possível pelas brechas na interface do discurso médico²³ e do discurso cultural da hipocondria, histeria e feminilidade (MALSON, 1998, p. 49). Os saberes produzidos hoje sobre a anorexia inscrevem esta patologia em um campo de “desordens” supostamente ligadas ao gênero femi-

²³ Há uma rica historicidade das doenças que consiste no olhar médico capaz de reunir sintomas para constituir uma doença. Nas modificações deste olhar, pode-se perceber o que uma dada sociedade considera como sendo o mal (DELEUZE, 1992, p. 165-6).

no, constituindo e reconstituindo desse modo uma identidade de mulher como “naturalmente nervosa”, como o fizeram os discursos sobre a melancolia no século XVII e a histeria no século XIX.

Vários estudos demonstram que alguns comportamentos muito particulares com relação ao corpo e à alimentação têm estado amplamente mais presentes na vida das mulheres, como destaca Bordo (1997). Essa associação está presente também nos meios de comunicação de massa quando tratam dos comportamentos alimentares anormais. Uma ordem social em que as mulheres são posicionadas como as principais executoras de condutas desviantes constituem tanto os sujeitos anoréticos quanto a própria doença.

Portanto, a constituição do discurso médico sobre a anorexia está situado no terreno da patologização de certos aspectos dos comportamentos femininos, como afirma Malson (1998):

Esta relação entre ‘mulher’ e ‘patologia’ tem sido evidente no discurso de várias clínicas diagnósticas e na representação cultural de insanidade e adoecimento como femininas (...), mulher e loucura partilham do mesmo território, posicionados em relação a fundamental norma masculina (MALSON, 1998, p.47).

Essa operação exercida pelo campo biomédico se realiza a partir da estruturação da ciência moderna nos séculos XVII e XVIII com a criação de técnicas que têm por objetivo intervir no corpo e nos fenômenos patológicos a que estes estão submetidos. “Apostando no papel libertador do conhecimento científico, este tipo de saber almeja melhorar as condições de vida (..) através da tecnologia, graças à dominação racional da natureza” (SIBILIA, 2002, p. 44).

Não podemos esquecer que a ciência biomédica, bem como toda a ciência moderna, foi produzida por homens brancos, ocidentais e economicamente dominantes, representando os interesses e reafirmando uma superioridade masculina contrastada com uma subordinação feminina.

Segundo Ana Márcia Silva:

A Medicina, a partir da ênfase quantitativa que vai predominar em todo o campo científico, que busca a objetividade (...), passa a se dedicar ao fenômeno doença como uma perspectiva ontológica e localizante, onde os mecanismos de causa e efeito e de etiologia única tornam-se determinantes e deixam marcas fortes na produ-

ção do conhecimento e na intervenção técnica de seus especialistas (SILVA. A, 2001, p.18).

Na tentativa de baixar de peso, muitas mulheres jovens submetem-se a regimes de emagrecimento e alteram drasticamente sua conduta alimentar. Segundo um estudo epidemiológico realizado na região de Porto Alegre, “cerca de 30% das jovens em idade escolar controlam o peso utilizando dietas severas, laxantes e diuréticos ou provocando o vômito” (NUNES, 1997, p. 61).

Para finalizar essa seção, cabe destacar que vários estudos demonstram que alguns comportamentos muito particulares com relação ao corpo e à alimentação têm estado amplamente mais presentes na vida das mulheres, como destaca Susan Bordo (1997). Essa associação usualmente está presente também nos meios de comunicação de massa quando tratam dos comportamentos alimentares anormais.

No próximo capítulo, problematizo algumas questões destacadas anteriormente acerca do posicionamento que as jovens passam a ocupar quando realizam um duplo movimento – serem olhadas e se olharem. Caracterizei tal movimento como um caleidoscópio que recebe imagens “externas” que seriam os discursos advindos de diversos campos de saber.

3 CUIDADO E VIGILÂNCIA COMO ESTRATÉGIAS DE CONTROLE NA JUVENTUDE

Neste capítulo, sigo focalizando o cuidado. Lembrando da metáfora do caleidoscópio, agora trata-se de um olhar vigilante que recai nos modos de ser jovem na contemporaneidade. Muito tem se falado sobre a juventude e sobre os/as jovens. Tem se dito que a juventude de hoje está alienada, que não se preocupa mais em mudar o mundo, que está conformada e submetida às regras da sociedade de consumo. Dizem também que as coisas, para os/as jovens, estão mais fáceis hoje do que antigamente, que os pais são mais tolerantes, que há maior liberdade de expressão e de escolha profissional e até sexual. Por outro lado, surgem estudos e estatísticas que posicionam os/as jovens como inseguros, sem iniciativa, deprimidos, com dificuldades para sair de casa e se tornarem independentes, além de serem apontadas como responsáveis por uma série de comportamentos de riscos em relação a drogas, gravidez e Aids. Esses são apenas alguns dos exemplos da polissemia que os termos juventude e jovem geram nestes tempos.

Neste capítulo não analisarei tais enunciados em si, mas o que foi possível que as jovens, nos encontros e discussões grupais que realizamos, pudessem debater sobre seus modos de relacionar-se com as roupas que usam e, assim, de se sentir bonitas e atraentes; suas formas de namorar, de “ficar” ou “pegar”, suas relações com as amigas/os e com a família, a preocupação com as futuras escolhas profissionais; sobre como estava implicada sua relação com o corpo e, fundamentalmente, sua imagem perante os outros.

Em uma cultura em que há a primazia do visual, o corpo ocupa lugar central como elemento mediador “no qual um se apresenta ao olhar do outro, procurando semelhanças e diferenças entre si” (SOUZA, 2001, p.152). Com isso, a questão do pertencimento a diferentes grupos de convivência, em que determinados modelos de juventude são disseminados, adquire um papel importante nos modos de ser jovem na cultura contemporânea. A noção de pertencimento congrega questões pedagógicas e psicológicas nas quais os indivíduos, por meio das relações que estabelecem entre si e com os objetos de consumo, produzem uma espécie de aprendizagem relativa a uma certa identidade. Comprar uma carteira de cigarros *Marlboro* pode significar entrar em um mundo à parte, onde só alguns se encontram, como diz o tradicional *slogan* da marca: “o mundo de *Marlboro*”. Nessa direção,

indico aqui a juventude como um lugar que comporta toda uma discursividade para e sobre as mulheres jovens, tanto no que diz respeito aos aparatos de uma cultura de consumo globalizada quanto no que se refere às questões de saúde e bem-estar.

As seções deste capítulo estão organizadas da seguinte maneira: uma primeira, “**Visibilizando discursos que transformam o eu**”, em que busco explorar falas em que as jovens discutem os mecanismos que dispõem para desenvolver a “consciência de si” em condições muito específicas de olharem e serem olhadas. Na segunda seção, chamada “**A família ensinando modos de ser feminina**”, analiso fragmentos das discussões entre as jovens quando estas focalizam relações com seus familiares, mãe/pai/irmão/irmã, nas quais são ensinadas a ser mulheres. Na terceira seção, “**Mirando o futuro**”, a análise focaliza a relação entre as jovens e pessoas que não pertencem ao seu grupo de iguais, mas que, ainda assim, participam da sua formação moral enunciando desde as preocupações com saúde até regimes de emagrecimento e normas de feminilidade.

3.1 Visibilizando discursos que transformam o eu

Muitas das relações de poder, que constituem os indivíduos funcionam em termos de produzir uma interiorização, em que os indivíduos precisam olhar para si mesmo, para seus atos e pensamentos, com os olhos de um outro. São técnicas de formação de modos de olhar e julgar. Neste contexto, incentivei as jovens a manifestarem-se a respeito de um comentário de uma colega e uma das participantes disse:

Beatriz – Aquele negócio que a Suzana falou, de que mulher se veste para mulher, eu acho que tem tudo a ver, eu acho que é porque mulher cuida mais dessa coisa de se vestir bem ou não, então “ai, aquela ali se veste toda largadona, só de camiseta, uma calça larga, aí já é machorra”. Já vão dizendo logo de cara: “ai, aquela ali é vagabunda porque ela usa decote e não sei o quê”. Então, às vezes, a pessoa só olha e já diz o que a pessoa é. Então, eu acho que isso aí é uma coisa que vai da mulher mesmo. Eu acho que é isso.

Beatriz enuncia quem é responsável pelo olhar crítico sobre elas, ou seja, as próprias mulheres, que seriam dotadas da habilidade de ver e classificar quem é “largadona”, por exemplo, de ver o que caracterizaria uma mulher que está sem se cuidar e que, por isso, é logo notada. O uso de roupas soltas parece contrariar ainda o que se esperaria de uma mulher jovem – roupas justas que marquem os contornos do corpo, tornando-as femininas – podendo significar uma possível masculinização da aparência.

Convém lembrar que as críticas podem significar, em alguns contextos de definição psicopatológicos, fatores desencadeantes para que meninas desenvolvam transtornos alimentares. O que está em questão aqui é a noção de “trauma” que coloca em operação um modo absolutamente individual de receber a crítica. Se a crítica produz vergonha de si mesma ou extrema culpa, a garota pode recorrer a métodos extremos de emagrecimento, por exemplo, o que significaria, ainda, a existência de “uma resposta adequada” às pressões sociais. Um outro modo de interpretação das causalidades dos processos saúde-doença pode ser encontrado nos estudos feministas (BORDO, 1997), que discutem os transtornos alimentares na perspectiva de compreenderem que as atitudes das garotas diagnosticadas como anoréticas ou bulímicas que costumam usar roupas folgadas podem ser uma tentativa de esconder as marcas de feminilidade do corpo - ou seja, uma resistência às normas masculinas dominantes.

Já a utilização do decote, um artifício do vestuário feminino para deixar à mostra uma parte do corpo, funciona naquele lugar-escola como sinal de oferecimento. A palavra “vagabunda” liga-se a outras que são atribuídas a mulheres promíscuas, como: “vadia”, “sabonete”, “sem-vergonha”, etc. Esses termos são significados de modo a posicionar a mulher jovem que, de algum modo, mostra o corpo ou toma a iniciativa em relação à sedução, caracterizando-a como “uma guria que não presta” e, conseqüentemente, que não se dá o respeito.

No entanto, cabe pensar que as significações que tais termos recebem naquele lugar-escola não funcionam de maneira uniforme em outros lugares ou até mesmo entre os garotos. O decote, por exemplo, pode, em determinadas situações, como nas imagens televisivas ou em muitos textos literários,²⁴ caracterizar o bom gosto de mulheres cujos corpos

²⁴ Em *Garimpos*, Herman Lima narra: “No decote do casaco justo afluava a turgência macia do seio moreno e lindo” (LIMA, 1997, p. 144).

são tidos como atraentes e sensuais. Uma outra significação possível é a que considera o decote como sinal de atitude de independência e autodeterminação feminina.

Com relação ao outro termo, “largadona”, enunciado por uma JP como caracterização de uma falta de cuidado, vê-se que pode significar uma atitude de resistência às normas dominantes, com o ocultamento do corpo com roupas folgadas. Vejamos quando se trata dessa questão em relação aos garotos:

Flávia – O guri, ele já é mais desleixado, ele já põe um boné... Para eles, ser malandrão é bonito, entendes? Ser diferente, colocar aquelas calças mais baixas, não lavar muito o cabelo... Ele se acha mais bonito, mais largadão. Agora, guria já tem esta preocupação: “ai, será que ele vai gostar, será que ele vai me achar bonita?” A guria não se preocupa tanto com a aparência do guri.

Kátia – É um tipo de vaidade diferente, porque, por exemplo, a guria quer estar arrumadinha, e vocês acham que o guri não fica meia hora se olhando: “ai, eu não estou tão largadão”. Com certeza eles ficam se arrumando ou se penteando, arrumando os cabelos ou colocando aquelas roupas para baixo, qualquer coisa... É um tipo de vaidade, só que é diferente.

Denise – É esse negócio de não escancararem realmente, porque, talvez, hoje em dia, se ele começar a se cuidar muito, podem dizer que “isso é coisa de gay”, ou coisa assim.

Nas discussões acima, são apresentadas características que se antagonizam em relação ao foco que vinha sendo descrito pelas jovens em relação às mulheres. Isto é, para os garotos, o estilo “largadão” conecta-se com a idéia de estar desligado, despreocupado, estar acima das questões materiais, como um atributo masculino, mesmo que muitas vezes esse estilo seja pensado e calculado nos mínimos detalhes.

Trata-se da formação de um estilo de vestir-se que não pode ou não deve ser denunciado, na medida em que um estilo solto, largado associa-se, nesse caso, a idéia de virilidade, “coisa de homem”. Isso aponta para o que vários estudos sobre masculinidades têm demonstrado, ou seja, a existência de convenções que induzem os garotos a cuidarem de si de determinados modos a fim de que se tornem machos e heterossexuais (CONNELL, 1995, SEFFNER, 2004, WEEKS, 2001).

Quando o investimento dos homens jovens é posicionado em uma certa hierarquia – do menos visível para o mais visível – de uma vaidade “escancarada”, estes podem ser nomeados como *gays*. Já o investimento das garotas na sua aparência é considerado como qualidade inerente ao feminino. Submeter os atos cotidianos das pessoas a um determinado campo hierárquico de visibilidade é propor que cada um passe a se ver com os olhos do outro.

Segundo Louro:

As diferenças de gênero e sexualidade que são atribuídas às mulheres ou aos sujeitos homossexuais, sem dúvida, se expressam materialmente em seus corpos e na concretude de suas vidas, ao mesmo tempo em que são significadas e marcadas discursivamente (2003, p. 47).

A visibilidade que a autora aponta diz respeito a como os atos e as ações das mulheres e dos homossexuais são marcados concretamente nos indivíduos, o que implica um agir sobre si mesmo, na medida em que cada indivíduo se inquiete e se vigie com o que acontece no seu íntimo.

Na discussão sobre as diferentes formas de classificarem seus estilos, as jovens expressaram-se assim:

Araci – A gente cria tipo... “Está com uma blusinha azul da Sandy, daí vai ser punk?”.

Simone – Cada estilo é definido por um nome que nem estilo de música. Cada um é definido por um nome... tipo reggae.

Amélia – Mas, tipo assim, se eu gosto de uma blusa que tem um bagulho de punk, aí eu vou comprar, vou botar e deu!

Araci enuncia como certos modos de nomear são colocados em ação. A blusinha ou uma roupa igual às que a cantora Sandy usa nos programas de televisão são consideradas *punk*. Essa expressão, para a jovem, parece designar o que é de mau gosto, brega. A hiperexposição que a cantora jovem tem tido na mídia, somada às críticas por parte de segmentos formadores de opinião em relação a sua suposta postura “careta” e o fato de ser filha de um cantor sertanejo instituem, entre jovens de determinadas classes sociais, uma certa aversão ao seu estilo.

As jovens também definem seus estilos a partir de gostos musicais. O estilo *reggae*, por exemplo, parece estar muito associado a esportes radicais, como *surf* e *skate*. Apesar de esses esportes terem sua música própria (a *surf music*), adotam também o *reggae* e o *hip hop* por suas letras de protesto e pelo que consideram uma “atitude” frente à vida. É possível perceber aí uma mobilidade entre estilos e uma fluidez dos significantes. Por exemplo, no início da citação uma das jovens utiliza a expressão *punk* como negativa; no prosseguimento do diálogo, outra jovem emprega o termo *punk* na sua positividade, isto é, um acessório ligado ao vestuário *punk*.

O movimento *punk* teve seu início nos Estados Unidos no final dos anos 70 do século passado e seu apogeu em 1980, na Inglaterra, espalhando-se pelo mundo. No Brasil, o movimento começou timidamente na cidade de São Paulo e no ABC paulista. Aos poucos, foi ganhando seguidores, principalmente entre jovens das periferias das grandes cidades. Se hoje em dia não é tão comum encontrar jovens *punks*, como há alguns anos atrás, é porque o movimento deu origem a uma série de outras tendências, como o *new wave*, o *grunge* e o *hardcore*. A indústria da moda incorporou vários traços da estética *punk* em adereços e acessórios e comercializou-os em larga escala. Naquilo que me interessa explorar neste momento, talvez se possa então dizer que a moda é uma forma de as jovens poderem adquirir certas marcas simbólicas do movimento *punk*, mas encontrando também condições de possibilidade para rejeitá-las – por exemplo, quando empregam a expressão para adjetivar tendências ou comportamentos tidos como negativos, numa alusão ao que teria *status* de classe inferior.

As garotas ao prosseguirem o debate, dizem:

Amélia – Só que assim: as gurias da [turma] 82, quase metade delas são pati, porque elas só usam roupa de marca.

Carla – Eu acho que tem uma diferença entre pati e gostar de se vestir direitinho. Para mim, pati é aquela que só pensa assim: “eu vou comprar aquela calça porque é daquela marca, não porque eu acho bonita... Porque todo mundo tem, e eu preciso daquela calça”.

Amélia - Tem as maloqueiras metidas a pati...

As jovens fazem distinções entre quem é “pati”²⁵ e quem não é: as meninas consideradas “patis” são as que consomem as roupas de marcas mais sofisticadas para ostentar sua afinidade com quem é mais desejado. Segundo as jovens, a identificação das marcas torna-se mais relevante do que a beleza das roupas em si.

A antropóloga Claudia Pereira, em sua dissertação de mestrado (UFRJ, 2003), buscou definir os estilos de vida de jovens cariocas que se assumem como patricinhas. No estudo, foram realizadas entrevistas com jovens entre 15 e 19 anos. Todas as meninas estudavam em escolas particulares e moravam na zona sul do Rio de Janeiro. A autora registrou que as pesquisadas ganham, em média, R\$142,00 de mesada. A maioria gasta esse dinheiro para sair à noite ou para comprar roupas de marcas famosas. Todas são muito vaidosas, usam maquiagem e cosméticos para tratamento da pele e vão regularmente ao cabeleireiro.

A expressão “patricinha” tem seu correspondente masculino, o “mauricinho”, ou seja, jovem extremamente cuidadoso com sua indumentária, freqüentador de lugares da moda (AURÉLIO, 1999). Talvez a diferença mais marcante entre as patricinhas e os mauricinhos seja a relação que se estabelece entre estes últimos e os “yuppies” americanos – um termo que se refere ao estilo de um determinado grupo de jovens: os jovens executivos bem-sucedidos. Nesse sentido, o termo “mauricinho” inclui sentidos que vão além daqueles que envolvem gostar de moda e cuidar do corpo, os quais estão imbricados no termo “pati”. Um dos efeitos disso pode ser o de acentuar e reforçar a idéia de que independência financeira e sucesso profissional são qualidades associadas ao “ser homem”.

Fica clara uma certa aversão,²⁶ nas críticas das jovens, às meninas tidas como patricinhas, vistas como sendo extremamente apegadas aos valores atribuídos às marcas dos produtos – o que não deveria causar nenhum estranhamento, já que as empresas de moda utilizam a estratégia de identificação da marca como mecanismo de pertencimento e, portanto, de venda. O que parece estar em jogo, nas falas das jovens, é a idéia de que as patri-

²⁵ A expressão “pati” é uma corruptela da expressão “patricinha”, inspirada em uma *socialite* carioca chamada Patrícia Leal e criada no início dos anos 1990 pelo jornalista Zózimo Barroso do Amaral, então colunista do Jornal do Brasil. Por aqui, a expressão popularizou-se com o filme “Clueless”, que teve seu título traduzido para o português como “As Patricinhas de Beverly Hills” (1995). O termo é definido no dicionário Aurélio (1999) como “jovem do sexo feminino que se veste com esmero e geralmente tem comportamento consumista” (p. 1515).

cinhas são falsas, pois utilizam as roupas por serem de determinadas *griffes* ou para atrair os garotos; assim, não correspondem ao ideário de que podemos consumir qualquer coisa, desde que gostemos verdadeiramente do que consumimos.

3.2 A família ensinando modos de ser feminina

As práticas pedagógicas que discuto nesta seção são aquelas que não se caracterizam, necessariamente, como conselhos ou orientações familiares, mas que constituem as jovens através de exemplos que podem ser seguidos.

Uma das jovens, ao descrever atitudes de sua mãe em relação à alimentação e ao exercício físico, expressou-se assim:

Suzana – A preocupação da minha mãe é emagrecer, emagrecer... Ela toma sopinhas não sei das quantas lá, e é só passar na água quente e é ruim, não tem gosto de nada, parece um isopor, eu não gosto. E ela come salada e essas coisas assim e caminha duas horas de manhã e lá pelas seis da tarde caminha de novo.

Janaína – A minha mãe ela é preocupada se ela está ficando muito velha, não é que ela vive fazendo academia, mas ela tem muita preocupação com a saúde e com os nervos assim. Ela faz bastante esporte, só que agora ela está trabalhando muito, daí ela não tem tempo. E na minha casa é muita fruta e coisas integrais e muitas verduras, legumes e porque a mãe come isso mesmo, e acho que ela passou isso pra mim tipo. Mas de vez em quando ela acha que eu não tenho uma alimentação muito saudável.

No primeiro depoimento, Suzana diz que, na sua opinião, a preocupação central da mãe está em conseguir ou querer “emagrecer”. A jovem parece assumir um tom de reclamação ou, pelo menos, um certo distanciamento em relação às práticas corporais e alimentares da mãe, apontando para a existência de um esforço no seu comportamento ao repetir o verbo “emagrecer”. Também fica evidenciado o empenho da mãe para modificar a aparência por meio de um conjunto de condutas que demonstram autodisciplina – disciplina na ingestão de alimentos que não têm gosto e disciplina no exercício físico ao cami-

²⁶ Em uma busca rápida na Internet, pude verificar a existência de uma série de *sites* de garotas que se assumem como patricinhas e outros de grupos que lhes são contrários, como *morte às patricinhas.com* ou *eu*

nhar duas vezes por dia. Nessa referência, a jovem parece indicar que o corpo, para a mãe, é um problema fundamental e que emagrecer é a meta a ser alcançada. Com o tom de queixa que assume ao questionar essas escolhas da mãe, a jovem também parece sugerir que ela não se preocupa com outras coisas.

Janaína, no entanto, atribui outros sentidos às preocupações de sua mãe quando sugere que estas estão ligadas ao envelhecimento e com a saúde. Segundo a jovem, a mãe parece compensar a falta de tempo através de uma alimentação baseada em verduras, legumes e produtos integrais.

Os dois depoimentos, entretanto, permitem destacar a centralidade que a dieta ocupa nos cuidados dispensados ao corpo contemporaneamente. Mesmo que a dieta²⁷ - compreendida como restrição ou estímulo ao consumo de determinados tipos de alimento - tenha estado presente em toda a história da humanidade, é durante o século XX que ela vai se tornando uma estratégia intimamente relacionada com mudanças nos estilos de vida, com alterações situadas em novas formas de liberdade e, ao mesmo tempo, com novas formas de (des)controle dos corpos. Tais formas são impulsionadas por descobertas tecnológicas, científicas ou mercadológicas que procuram lhes dar sentido no processo de escolhas alimentares que os indivíduos realizam. Segundo Henrique Valiente:

As preferências e as aversões da ingestão se situam num espaço de seleção baseado na construção social dos discursos sobre os alimentos, dependentes não somente da relação custo-benefício em matéria nutricional – a qual significa que o comer é muito mais que a mera sobrevivência – mas sinal, ainda, de que as prescrições situam a comida em um ponto de convergência de determinações estéticas, de estilo, de distinção, de poder e de regulações individuais (VALIENTE, 1998, p. 74).

Os cuidados com o corpo, incluindo as dietas alimentares, são permeados por relações de poder exercidas sobre os outros e sobre nós mesmos. Compreendo essas relações de poder como possíveis estratégias de governo dos corpos, já que elas estão constantemente envolvidas no exercício de dirigir e regular modos de ser e de agir dos indivíduos e da população.

odeio as patricinhas.com. Acesso em 16/09/2004.

²⁷ Nesta dissertação, utilizarei as expressões “dieta” e “regime alimentar” como sinônimos, optando assim pela seguinte definição: “regulação metódica da alimentação com o objetivo de conservar ou restabelecer a saúde” (Fernández; Sainz; Grazón, 2002, p.12).

Muitos conhecimentos, produzidos principalmente nos campos biotecnocientíficos, têm sido constantemente atualizados no sentido de delimitar “doenças mortais” causadas por práticas alimentares tidas como problemáticas, podendo-se citar, por exemplo, a elevação dos níveis de colesterol, que poderia favorecer o aumento dos distúrbios cardíacos, a ingestão de sal e, sobretudo, a do açúcar, apontado como outro ‘grande inimigo’ da vida saudável por estar implicado com o aparecimento de vários tipos de cânceres, doenças cardíacas, diabetes, problemas dermatológicos, esquizofrenia, hiperatividade e todo um conjunto de outros distúrbios físicos e mentais. Nesse contexto também instituiu-se a obesidade como sendo um dos mais “perniciosos” riscos à saúde humana e se produz um conjunto de estimativas que preconizam a redução das necessidades calóricas e protéicas dos indivíduos, demarcando-se, assim, o discurso da ‘obesidade como problema de saúde pública’ das sociedades ocidentais contemporâneas. Como refere Susan Bordo (1987), “a gordura e não o apetite tornou-se o inimigo declarado e as pessoas começaram a medir os seus regimes alimentares mais pelos números da balança do que pelo domínio dos impulsos e dos excessos” (p. 167).

No caso da dietética, talvez se possa dizer que um importante fator de mudança no século XX tenha sido a reação do mercado às críticas contundentes aos alimentos engordantes, em especial às gorduras, que levariam os supermercados a serem inundados, em um primeiro momento, por uma série de produtos que traziam em seus rótulos as inscrições “sem gordura”, “sem sal”, “sem colesterol”. Já no final dos anos 1980, uma segunda geração desse tipo de produtos seria lançada, a dos alimentos *light* e *diet*,²⁸ com uma variedade inicialmente reduzida a chocolates, gelatinas e adoçantes direcionados às pessoas com diabetes. No entanto, outros condicionantes que passavam a impulsionar não só a luta contra o excesso de peso, mas, sobretudo, a busca da magreza, incidiram sobre o aumento da disponibilidade desses produtos, a tal ponto que hoje os produtos “sem açúcar” não ocupam uma pequena estante nos supermercados – eles duelam de igual para igual com os alimentos “com açúcar”. Atualmente, os produtos *light* e *diet* representam 12% do total das vendas nos supermercados brasileiros (Programa Fantástico, 08/02/2004).

Informações como essas permitem ensaiar um certo mapeamento das instabilidades e variações decorrentes de tantas mudanças que atingem a alimentação contemporânea,

²⁸ Produtos *diet* são aqueles sem açúcar ou sem sal, indicados para diabéticos e hipertensos, enquanto que os produtos *light* têm menos calorias e são indicados para quem quer emagrecer (www.globo.com.br/programafantastico/).

principalmente nas sociedades de “abundância”, as quais permitiram que se produzissem prescrições sobre variados tipos de dietas supostamente saudáveis. Na inter-relação das circunstâncias que acompanham essa sucessão de novas e renovadas informações alimentares, quero focalizar um pouco algumas assimetrias que delimitam as relações entre práticas alimentares e gênero no âmbito familiar e social. No contexto dessas relações, as dietas podem ser caracterizadas como um conjunto de múltiplos saberes, equipamentos, especialistas, sistemas de normalizações e hierarquizações, que instituem programas alimentares. De tudo isso, desdobram-se objetivos e prescrições que homens e mulheres, que almejam se manter (ou se tornar) saudáveis devem incorporar – de forma diferenciada - em sua vida diária.

Perguntei às participantes como as mães passavam alguma preocupação que tinham, e uma delas disse:

Carolina – A minha mãe queria ser magra há uns anos atrás quando ela era jovem, mas ela não conseguiu. Aí, ela passa isso para a filha: “ai, minha filha, tem que ser assim”. É a mesma coisa com a profissão: “meu filho tem que ser médico, o que eu não consegui ser” e, às vezes, os pais querem se realizar com os filhos ...

Carolina faz duas associações interessantes: uma primeira entre o desejo de ser magra, exemplificado pelas tentativas e fracasso da mãe em conseguir realizá-lo, e o ensinamento que esta transmite para sua filha; e uma outra associação entre uma não-realização profissional da mãe e o desejo de que o filho siga a carreira que ela não alcançou. Em ambos os casos, nota-se a utilização de um argumento incorporado da psicologia, ou seja, a idéia de um mecanismo de projeção. A projeção para o campo “psi” seria o modo como um sujeito constitui uma operação em que coloca no outro seu desejo. É bastante significativa também a associação entre a vontade de ser magra e a escolha da profissão – a busca pelo corpo magro é equivalente à busca pela profissão, ambas são resultantes de uma escolha consciente.

Há um outro aspecto que cabe ressaltar, lembrando da frase de Foucault em que o discurso é visto como “uma prática que sistematicamente forma os objetos de que fala” (FOUCAULT, 1995, p. 50). Trata-se de estar atento ao papel ativo do discurso naquilo que ele descreve. A jovem conta uma cena hipotética em dois atos: um primeiro em que a mãe e a filha conversam, e um segundo, em que a conversa é entre pai e filho. Na primeira

cena, o que está em jogo são as questões tidas como privadas; contudo, quando o exemplo relaciona-se à esfera pública, a jovem utiliza as figuras masculinas de pai e filho. Desta forma, posso pensar que o regime de emagrecimento funciona como uma prática de cuidado muito mais feminina, parecendo que a preocupação moral com o corpo não é equivalentemente aplicada para ambos os sexos.

O sucesso da indústria de dietéticos e a popularidade dos programas de boa forma encorajam a noção de que as pessoas são gordas porque comem muito e de que, se elas controlassem um pouco seu apetite, poderiam ser magras. Nesse contexto, é que muitas autoras têm considerado que a busca por um corpo magro se articula aos vários campos técnico-científicos que naturalizam determinados atributos como características de uma essência feminina, como por exemplo, a preocupação em emagrecer, ou seja, a gordura ou a obesidade, como condições que comumente vem sendo consideradas como um problema de disciplina, de controle do eu ou de força moral.

Vejamos o seguinte depoimento:

Amélia – A família influencia bastante. Que nem quando eu era pequena, desde os 6/7 anos... Nas férias, eu ia para a casa de uma tia minha, e ela era nova e, quando tomava chimarrão, eu sempre via ela colocar um pózinho no chimarrão e eu achava aquilo estranho. Ela me disse que era purgante. E eu fiquei pensando naquilo, aí ela me disse ainda: “isso emagrece”. Se tu estás em casa e alguém comenta “aquela é bonita, aquela é feia, como é que podem achar a fulana bonita”, essas coisas marcam, e tu vais montando o teu padrão.

Por meio de rotinas, normas e práticas aparentemente triviais, como tomar chimarrão, pode se dar a busca por um ideal de feminilidade contemporânea que tem no corpo magro uma das suas principais marcas e formas de controle. Mas o principal atributo do chimarrão, que, como se diz aqui, é “cantado em prosa e verso”, seria sua função ritualística de motivar as pessoas a conversar, dividir, enfim, se socializar. O chimarrão funciona aqui como um artefato cultural que, na perspectiva de Amélia, pode, em diferentes espaços, efetuar pequenos desvios, ao mesmo tempo em que acontece parceria, uma conversa entre mulheres de gerações diferentes, quando uma ensina pequenas lições para a outra.

Segundo Sant’Anna:

(...) há muitos casos em que a comida é considerada (tal como o sexo) uma experiência que envolve grandes liberdades e prazeres, mas também, muitas coações, proibições e tabus; afinal, se muitos já transaram às escondidas, hoje há uma enorme quantidade de pessoas que comem às escondidas **[ou deixam de comer]**. (2003, p.42, acréscimos meus).

No âmbito da família, ocorre uma série de mecanismos que instituem práticas corporais em relação à alimentação, produzindo significados diversos sobre o corpo. Uma série de representações e de imagens de mulheres que lutam e conseguem controlar o apetite ou gastar o que comeram estão presentes também na mídia, através da profusão de imagens de mulheres magras que aparecem no horário nobre da televisão e em anúncios publicitários. Muitas vezes, essas mulheres são questionadas sobre seu sucesso, como na edição de junho da revista *Pense Leve*: “Vamos descobrir como Vanessa Camargo emagreceu 6 quilos” (2002, Capa). É neste sentido que não se pode estranhar que meninas muito jovens deixem de comer com medo do desamor ou da zombaria.

Os cuidados com o corpo, incluindo os regimes de emagrecimento, são permeados por relações de poder exercidas sobre os outros e sobre nós mesmos. Compreendo essas relações de poder como possíveis estratégias de governo dos corpos, já que estão constantemente envolvidas no exercício de dirigir e regular modos de ser e de agir dos indivíduos e da população.

Atualmente, os consumidores e, em especial, as consumidoras, são submetidos/as regularmente a uma infinidade de tentações, mas também a múltiplas formas de precauções dietéticas, processos que conduzem a uma crise dos critérios de eleições e a uma desorganização dos valores da simbologia alimentar. Há situações em que fazer escolhas torna-se imperativo. No entanto, o resultado dessas, inevitavelmente, é a culpa pelos erros, em uma espécie de descontrole alimentar. Assim, os alimentos que instigam o desejo são aqueles identificados não em termos nutricionais, mas em termos de prazer: os que apreciamos, geralmente não são “saudáveis”.

Um dos aspectos relacionados às dietas é a associação entre a saúde dos indivíduos e uma alimentação tida como adequada. Essa associação perpassa os limites do culinário, do econômico, do religioso e até mesmo do sanitário, sendo responsável por muitas concepções que qualificam o comportamento dos indivíduos como saudável ou doentio. Nesse

sentido, talvez o discurso de objeção mais comum à gordura no campo biomédico é o que alega que ser gordo/a não é saudável.

De fato, é principalmente sobre o corpo feminino que se dá a interação entre o mercado e os valores culturais. Com isso, a mulher sofre pressões sociais para ter seu corpo reconfigurado e, desse regulamento, ela joga com intencionalidade os sacrifícios de digerer dietas restritas e medicamentos, além de outros artifícios como cirurgias plásticas, ginástica e cosméticos (FREITAS, 2002, p. 26).

Na maioria dos países ocidentais, uma grande parcela das pessoas deseja tornar-se magra, mas continua a engordar. Um olhar atento sobre as décadas finais do século XX e sobre início deste século bastaria para nos perguntarmos quais foram as condições que permitiram que muitas sociedades – aquelas com excedentes de produção de alimentos – consolidassem um modelo alimentar e estético que transformou o medo da fome, que atravessa boa parte da história da humanidade, em um medo do excesso de comida. Tais condições parecem estar presentes nas formas pelas quais certos padrões nutricionais e de beleza têm levado muitas mulheres a sofrerem com uma série de sintomas que têm em comum o medo de engordar.

Em seguida, as jovens exemplificam como ocorrem algumas outras aprendizagens sobre seu corpo:

Ana Paula – A minha [mãe] também fala, às vezes, de coisas que a gente não pode fazer. Por exemplo, eu queria comprar uma chapinha, e ela: ‘tu vais estragar o teu cabelo’. Então, ela não fala só o que tu deves fazer, ela diz também o que tu não deves fazer.

Kátia – Passar creme no rosto, antes de dormir, para as espinhas... Não que ela faça, mas ela passa para outras coisas. Aí, de tanto eu ver ela fazer, eu faço.

Nessa discussão, as jovens exemplificam o modo como se dá a transmissão e a aquisição da experiência de si. No caso da narrativa de Ana Paula, ela situa seus interesses em adquirir uma máquina que alisa os cabelos. Essa máquina, a “chapinha”, como é conhecida, tornou-se popular nos últimos anos, primeiro nos salões de beleza e depois com a fabricação de aparelhos de uso doméstico. Sua popularização parece ser um reflexo das últimas tendências da moda, em que os cabelos devem estar lisos e retos, que ganhou notoriedade principalmente por meio das apresentadoras dos telejornais brasileiros.

Para Ana Paula, adquirir tal equipamento poderia significar estar sintonizada com as novas tendências. No entanto, a transmissão do que deve ser aprendido no caso do aparelho ocorre por meio de um mecanismo de negação. A jovem demonstra duas formas em que sua mãe tenta ensiná-la, ou seja, podendo ser na sua positividade, ao indicar o que deve ser feito, ou na sua negatividade, naquilo que não deve ser feito. Quando a mãe afirma “isso vai estragar teu cabelo”.

A mediação pedagógica da jovem consigo mesma ocorre na tentativa de resolução do “dilema” produzido pela mãe ao colocar o perigo de prejudicar seus cabelos. A mãe passa a estimular um tipo de reflexão crítica em relação à possibilidade de ter em casa o aparelho que permite ter um visual da moda, bem como quanto ao risco de dano aos cabelos com o uso contínuo do equipamento. Os motivos que podem levar a jovem a definir-se nesse processo de auto-reflexão em relação ao dilema colocado seriam as questões práticas sobre dinheiro ou sobre os conhecimentos em relação aos cuidados com a beleza e a aparência. Poderiam, ainda, ser questões consideradas mais pessoais, como atitudes, valores, disposições emocionais e afetivas para aceitar os ensinamentos que a mãe propõe.

Já Kátia conta os cuidados que a mãe tem com sua própria pele, o que funciona como uma via de transmissão de ensinamentos materializados através do exemplo. Mesmo que a mãe utilize os cremes para outros fins que não combater as espinhas, ela estabelece, desse jeito, uma outra forma de ensinar. Dessa maneira, o modo como a mãe age está conectado com muitos saberes pedagógicos e terapêuticos baseados na estratégia em que o outro se torna o modelo a ser buscado.

Segundo Jorge Larrosa (1995): “o discurso pedagógico e o discurso terapêutico estão hoje intimamente relacionados. As práticas pedagógicas, sobretudo quando não estritamente de ensino, mostram importantes similitudes estruturais com as práticas terapêuticas” (p. 40). Deste modo, posso dizer que, no âmbito familiar, estão constantemente em operação uma série de práticas de sujeição que buscam constituir nas jovens, nas mães e nos pais as maneiras adequadas de viver.

3.3 Mirando o futuro

Nesta seção, focalizo a relação que as jovens têm com indivíduos de outras gerações, da própria família ou não, como mãe, tios/tias, irmãos/irmãs e professores/as. Optei

por separar esse tema da seção anterior porque, apesar das discussões realizadas serem semelhantes, trata-se de um outro modo de olhar.

As práticas corporais que as mulheres de outras gerações empreendem em seus corpos podem funcionar como um guia de aprendizado para as mulheres jovens. As jovens participantes, ao serem provocadas a falar sobre o assunto, expressaram, por exemplo:

Janaína – Quando a gente é pequena, a gente fica escutando a conversa do irmão mais velho falando das mulheres belas que são magras. Tu queres ser adulta, então tu queres fazer coisa de adulto e, aí, tu queres fazer dieta. Às vezes tem mãe que diz que a filha está gorda. Tu queres fazer regime, e isso pode ser marca de maior feminilidade, entende? Porque acaba tendo uma característica feminina!

Janaína descreve o que pode parecer um caminho de aprendizado, desde o momento em que percebe a importância que o irmão mais velho dá ao corpo feminino e as colocações da mãe sobre a filha estar “gorda”. Nesta relação, podemos pensar em distintos efeitos do poder, quando a garota, como sugere a fala acima, percebe a valorização de determinado corpo feminino e a mãe hipotética observa que uma determinada filha estaria gorda.

O aprendizado em que um corpo magro é sinal de atratividade se realiza para a garota desde muito cedo, na medida em que as observações do irmão podem sugerir que determinadas mulheres são mais desejadas do que outras pelos homens. A forma como o irmão é posicionado pela jovem indica a positividade do poder e o modo como as jovens podem ser estimuladas a viver suas experiências. A dieta, deste modo, pode se configurar como um elemento importante para que ela alcance um determinado nível de aceitação e de feminilidade.

Pode-se dizer que o que está em jogo, aqui, são estratégias utilizadas por membros diferentes da família – mãe/irmão -, que tratam de qualificar a aparência como negativa ou positiva. Deste modo, a informação sobre um futuro de atratividade produz um modo curioso de naturalizar os valores do presente. Quem garante que daqui a 10 anos os valores de atratividade serão os mesmos? O corpo magro feminino não aparece aqui como resultado de uma arbitrariedade genética ou hereditária, mas como uma preocupação que é inerente à natureza feminina. O paradoxo é que, se fosse assim, nada poderíamos fazer e, no entanto,

como preocupação essencialmente feminina, resta que se realize um trabalho sobre si mesma que resulta em beleza e atratividade para as mulheres-jovens.

As jovens apontam o que percebem como diferenças entre suas práticas alimentares e as de mulheres de outras gerações:

Flavia – no caso a minha mãe, a minha avó, elas se preocupam se comem coisas saudáveis porque fazem bem pra saúde, a gente já não poderia dizer isso, a gente não se preocupa com a saúde, mas a gente se preocupa mais em relação a perder peso, emagrecer e depois ficar bem, com um corpo legal sabe.

Kátia – eu já pensei numa coisa diferente, não sei se as gurias concordam comigo mas pelo menos no que eu observo é que por exemplo essas mulheres que escolhem essas dietas tipo magridiet – mãe, tia, avó – porque como elas geralmente tem um dia corrido e tudo mais e elas não aprenderam a ter o corpo saudável, era aquela coisa de ser gorda, então hoje elas querem uma coisa que seja mais rápida, que seja mais na hora assim.

Camila – acho que as gurias da nossa idade elas não se preocupam tanto com celulite e estria é mais no modo de se tu está bem contigo mesmo se o corpo está magrinho e já muitas mães se preocupam com celulite, com estrias, se ela está muito gorda elas se preocupam muito com isso e com o tipo de alimentação: comem frutas, verduras. Bem diferente da gente que já come de tudo, mas a gente se preocupa com o corpo e não com a celulite e com a estria.

Flávia comenta sobre as mulheres mais velhas de sua família. As diferenças, segundo ela, estariam relacionadas aos objetivos da alimentação. Enquanto que, para a mãe e a avó, os objetivos seriam de cuidar da saúde, para a jovem e outras garotas da mesma geração, a preocupação seria de não engordar para obter um corpo belo. Aqui temos um exemplo de como as estratégias de gerenciamento do corpo podem ser conflitantes. Na opinião de Flávia, a meta das mulheres mais velhas seria a manutenção da saúde, enquanto que as garotas mais novas querem aperfeiçoar e/ou corrigir o seu corpo. Uma correta alimentação, neste caso, sugere que a saúde possa ser “conceituada como uma realização do sujeito individual, uma criação consciente, o resultado de ações deliberadas envolvendo o corpo” (LUPTON, 2000, p. 23). Em relação as suas própria condutas, neste depoimento, a jovem

parece divergir da idéia de que a obtenção de um determinado corpo possa estar associada a uma boa saúde.

Já Kátia comenta que algumas mulheres de outras gerações escolhem métodos rápidos de emagrecimento, tanto pela falta de tempo como por não terem tido um aprendizado adequado quando eram jovens. Quer dizer, não aprenderam formas de obter um corpo saudável e magro, a não ser os métodos que prometem resultados rápidos. A jovem afirma, assim, que as noções de saúde que foram aprendidas no passado não seriam as mesmas de agora e, de certa forma, a jovem utiliza uma noção de saúde que vem sendo crescentemente difundida, a qual congrega conhecimentos e informações para a construção de metas e objetivos envolvendo restrições e comprometimento de tempo e energia. Transformar o anormal, que seria a mulher gorda, em normal (a mulher magra) é corrigir e aperfeiçoar, mas é sobretudo não questionar os valores do presente.

Já Camila parece articular uma série de fragmentos de outros discursos. A jovem comenta que, para ela, as jovens da mesma idade que ela não se preocupam tanto com partes ou defeitos específicos do corpo (como as celulites ou estrias), e sim em “estar bem consigo mesma” e com um corpo “magrinho”. Cabem, aqui, alguns comentários: ao negar que as mulheres jovens se preocupam com um certo detalhamento com relação a seus corpos, ela parece contradizer também alguns argumentos que venho construindo ao longo das análises. Ao mesmo tempo, a jovem estabelece uma relação entre bem-estar e um corpo magro, ou seja, para ela, um corpo magro permite sentir-se bem consigo mesma, o que supõe que só se pode estar bem e feliz se tivermos o corpo que desejamos – e isso aponta para um certo deslizamento da noção “eu sou um corpo” para a noção “eu tenho um corpo”, uma vez que esse sentir-se bem consigo mesma precisa ser construído a partir de um conjunto de normas e práticas de si, que devem ser vividas e aprendidas o mais rápido possível.

Na análise das relações de poder, o problema que se coloca é o de saber o modo como se dá a interferência dessas práticas na relação dos indivíduos consigo mesmos. As crenças e valores nos quais os indivíduos são levados a se pensar em termos de aperfeiçoamento e transformação depende de um mecanismo de *feedback* em que o indivíduo se culpabiliza e pensa ao mesmo tempo no que deve ser. Trata-se de uma operação em que o

indivíduo assume como verdades as elaborações técnico-científicas que a cultura lhe propõe e lhe ensina.

Nos três depoimentos acima, as jovens operam oposições binárias, como, por exemplo, saudável/doente, gordura/magreza, preocupação/despreocupação e, principalmente, cuidado/descuido. As hierarquias funcionam baseadas em valores diferenciais que dizem das diversas formas de gerenciar o corpo e de cada posição de sujeito possível de ser ocupada pelas jovens. É nessa medida que se constituir como sujeito requer a constituição de si como objeto de cuidado. Assim, cada cultura irá designar o que precisa ser cuidado a partir de um jogo de ameaça com o descuido e, simultaneamente, irá dispor alguns indivíduos da capacidade de cuidar e de ensinar os outros a se cuidarem.

Ainda sobre as preocupações das mulheres mais velhas com o corpo, as jovens se posicionaram assim:

Kátia – mas eu acho que no geral as mulheres mais maduras elas têm outras preocupações é aquela coisa mais de filhos de trabalho, elas se preocupam mais com a vida dos filhos na verdade. Eu vejo pela minha mãe, a minha mãe era super bonita quando ela era nova ela tinha o corpo mais bonito do que eu tenho hoje, mesmo que hoje eu tenha mais opções de poder me tratar, de me cuidar ela fico bem mais bonita do que eu então eu acho que esse tipo de coisa de se acomodar vai muito das preocupações, do dia-a-dia é muito fácil nós dizermos ‘ai aquela mulher lá, ela se casou e relaxou’, mas não é nem isso sabe eu acho que tem toda uma história.

Ana Paula – uma mulher casada assim, por exemplo, diz ‘ah, já casei, o meu marido já me ama como eu sou, então eu não preciso me preocupar em arranjar um marido’ e me cuidar para ser atraente.

Suzana – talvez porque ela assim a minha mãe se separou e agora ela está se arrumando mais, eu acho que a mãe está mais feliz com ela, daí conseqüentemente ela vai se arrumar, daí ela se sente mais bonita, mais atraente.

As discussões acima giram em torno dos cuidados/descuidos que mulheres/mães realizam ou não no seu corpo. Segundo as jovens, as mulheres mais maduras/adultas,

quando deixam de cuidar de si, é porque estão preocupadas com outras tarefas, como cuidar dos/das filhos/as, ou por terem relações estáveis, como elas dizem: por “estarem casadas”, assumem outras preocupações que não estar atraente e bela.

A responsabilização feminina por determinadas tarefas como cuidar, nutrir e educar os/as filhos/as, num sentido amplo, tem sido alvo das discussões por parte das mulheres desde, pelo menos, os movimentos sufragistas na Europa, movimentos esses que lutavam por igualdade de direitos com os homens por considerarem, dentre outras coisas, que os aspectos que envolvem a maternidade também demandam trabalho (MEYER, 2000).

As representações de maternidade ainda hoje são vinculadas ao cuidado, englobando o cuidado com o vestuário, com a alimentação, com a saúde dos homens e dos os/as filhos/as. Segundo Carin Klein:

Desse contexto discursivo, fazem parte múltiplos discursos que atuam sobre as práticas sociais e as dinâmicas de gênero de uma cultura, e, entre eles, cito os discursos médicos e, sobretudo, os da psicologia, que permitiram/permitem biologizar e naturalizar funções como sendo masculinas e femininas; os discursos da mídia, que contribuíram/contribuem tanto para formar consumidores/as quanto para divulgar e ensinar práticas culturais, políticas sociais hegemônicas; e ainda, os discursos de algumas vertentes do feminismo que buscaram/buscam ancorar suas propostas e justificativas na associação entre uma suposta natureza feminina com a ocupação de certos domínios da vida social (KLEIN, 2003, p. 68).

É desse ponto de vista que, em diversos discursos, os sentidos de maternidade são construídos e passam a definir comportamentos, tais como os da mãe de Kátia e de outras mulheres casadas, referidos no primeiro depoimento, que privilegiam os aspectos que formam a “mãe responsável”.

Para Ana Paula, um certo descaso que as mulheres mais velhas teriam em relação a sua aparência se deve a uma estabilidade da relação conjugal. Já Suzana afirma que sua mãe voltou a se cuidar por estar separada, esboçando o conceito de cuidar do corpo como uma necessidade das mulheres que estariam sozinhas; parece que a questão da aparência estaria ligada aqui a um investimento para estar atrativa para conquistar o homem, e, assim, cuidar do corpo e cultivar a beleza são os caminhos “naturais” para isto. A interpretação dessas posições enunciadas pelas jovens pode ser feita, no mínimo, de duas maneiras. Numa primeira interpretação, o descuido com a aparência estaria ligado à negação de uma outra dimensão do cuidado, isto é, uma forma de não somar mais uma “obrigação”, como,

por exemplo, manter-se atraente para o companheiro, além daquelas já tradicionais que constituem a idéia de destino feminino. Uma segunda possibilidade de análise refere-se ao cuidado consigo mesma, que representaria independência e autonomia para agradar a si mesma e não a um homem específico.

Finalizando este capítulo, eu gostaria de retomar uma dimensão ligada à representação da capacidade de cuidar como uma atribuição feminina. Para Meyer (2000), as mulheres/mães foram representadas, nos últimos dois séculos, principalmente como “responsáveis pela saúde física e emocional e moral do corpo social, como esteio do lar e da família, como agentes de purificação e regeneração racial, como educadoras e símbolos da nação e da pátria e, em contrapartida, como o oposto de tudo isso” (MEYER, p. 124).

Foi ao longo do século XVIII, na tentativa de definir a posição da mulher na sociedade europeia, que as primeiras representações do esqueleto feminino apareceram na ciência daquele continente. Os interesses da comunidade científica, através dos anatomistas, focaram sua atenção naquelas partes do corpo que se tornaram politicamente significantes. Exemplo disto foi a representação do crânio feminino como sendo menor que o masculino e a pélvis feminina como sendo maior que a masculina (SCHIEBINGER, 1987).

Diversas teorias representam o cuidar como uma essência feminina como a apresentada acima (anatomia) e outras que formam o chamado pensamento ocidental, com destaque para a psicologia do desenvolvimento. De certa forma, a centralidade que é atribuída à mãe pelas próprias depoentes aparece em seus enunciados sem que sejam demonstradas contrariedades às relações de poder que produzem o cuidado com o outro como um destino feminino.

No próximo capítulo, busco seguir o movimento das jovens nas discussões grupais, onde o que vale é a superposição de suas falas, numa sucessão vertiginosa e cambiante de ações, sensações etc. Nessa unidade, organizei a análise a fim de examinar a relação com os diferentes discursos que produzem mudanças no corpo jovem feminino.

4 EU E OS OUTROS: OLHARES SOBRE A APARÊNCIA

Neste capítulo, interessa-me explorar as falas produzidas pelas jovens nas discussões grupais, privilegiando a terceira unidade de cuidado. Trata-se de uma síntese das outras duas, em que o objeto óptico reúne diferentes saberes com os quais as jovens se relacionam e que produzem mudanças no corpo jovem feminino.

Para tanto, considero práticas de cuidado aquelas em que se produz ou se transforma a experiência de si. Nesse sentido, tais práticas materializam-se na relação com o “outro”. Esse outro pode ser um conselho do/da professor/a, as conversas com os/as colegas da escola, um programa de televisão, as revistas voltadas para jovens ou, ainda, uma conversa com a mãe, por exemplo. É nesse sentido que retomo o argumento que apresentei no Capítulo 1 desta dissertação sobre a existência de uma série de práticas, produtos e espaços culturais que são educativos, em que o poder se localiza e se exercita (STEINBERG, 1997).

De acordo com Foucault:

Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde, contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor (FOUCAULT, 2002, p.146).

Deste modo, analisar as práticas pedagógicas que constituem as jovens, enquanto operações concretas de relação consigo mesmas, significa investigar as formas de produção de sujeitos jovens em nossa cultura. Trata-se, ainda, de um modo de ser estimulado/a e ensinado/a por diferentes elementos que mobilizam e limitam o indivíduo, que produz adesões e resistências.

Na primeira seção deste capítulo -**Um olhar sobre o corpo feminino jovem: as dúvidas que pesam** -, analiso depoimentos das jovens que fazem referências a situações em que hesitam entre diversas opiniões. Na segunda seção, que denominei de **O olho invisível que nos vê**, busco analisar enunciados que moralizam as experiências dos indivíduos consigo. Na terceira seção - **O fato na foto: as revistas produzindo sentidos** - procuro analisar o modo como as jovens participantes se relacionam com as revistas dirigidas a

elas, buscando discutir o lugar que a mídia, num sentido amplo, tem ocupado na forma como as jovens aprendem a cuidar de si mesmas. Na quarta seção, intitulada **Desigualdades visíveis: as diferenças espelhadas entre elas e eles**, analiso como as jovens significam as diferenças nas formas de cuidar do corpo.

4.1 Um olhar sobre o corpo feminino jovem: as dúvidas que pesam

As escolhas das jovens parecem obedecer à dinâmica de poder descrita por Foucault de ocupar alternadamente um lugar ou outro do poder. Elas realizam gestos de sucumbir aos discursos de controle para, logo em seguida, resistir, deslocar-se. Ao abordar quais eram as principais dúvidas que as jovens participantes do grupo tinham em relação aos cuidados com o corpo, uma delas construiu o argumento de onde extraí o título desta dissertação:

Betina – Quantas calorias eu preciso para emagrecer com saúde? Porque eu não vou comer, porque daí eu vou engordar, daí a minha mãe me diz assim: “não, Betina, tu não precisas fazer regime, tu não engordas comendo 2.000 calorias”. Depende da massa corporal de cada pessoa. Eu tenho que ver qual é a minha faixa de calorias, porque, se eu comer, não vai dar em nada.

Ao perguntar-se sobre quantas calorias precisa para poder emagrecer e manter a saúde, Betina está salientando que as informações de que dispõe são confusas. Ou seja, ela questiona a informação corrente de que magreza poderia corresponder a saúde, questionando também os conselhos da mãe sobre a quantidade de calorias, a partir da relação que estabelece entre calorias e massa corporal.

Ao levantar essas dúvidas, a jovem põe em cheque uma série de informações que têm forte expressão no campo biomédico, principalmente aquelas informações relacionadas ao sobrepeso. Além dessas, também são questionadas, por exemplo, as que enfatizam a possibilidade de prevenção de doenças por meio de regimes de emagrecimento e exercícios físicos regulares.

Trata-se aqui de compreender como certos mecanismos de diferenciação de gênero são produzidos. As restrições ao apetite feminino não se referem somente à ingestão dos

alimentos, mas a um controle social da fome feminina, o que não quer dizer que os homens não venham também sendo alvos de discursos que condenam a fome exagerada ou a obesidade, mas certamente as mulheres são muito mais vigiadas do que eles.

Atualmente, dois importantes mercados concorrem para angariar consumidores/as vorazes para suas causas. Trata-se das potentes indústrias farmacêutica e dietética, que pretendem definir a aparência física “correta” e tentam fazê-lo difundindo que tal aparência está ao alcance de todos. Nas palavras de Bordo:

Simplemente ser magro ou esguio não é suficiente, a carne não pode vibrar. Aqui nós chegamos a uma ponte de *insights* sobre qual é a imagem de um ideal de esbelteza que tem se tornado crescentemente mais magro e magro ao longo dos anos 80 e início dos anos 90. E porque mulheres com corpos extremamente esguios ainda assim se vêem como gordas. A menos que se recorra à maquiagem para alcançar um corpo livre de excessos, devemos emagrecer até os ossos (BORDO, 1997, p. 170).

O que se trata aqui é de analisar a interferência das relações de poder num processo em que se instituem condutas e conhecimentos. A operação realizada por vários campos de conhecimento em relação à aquisição de um determinado corpo magro pode ser caracterizada por uma reserva cognitiva, do ponto de vista de disciplinar, condicionando o indivíduo para que realize as propostas de mudanças no seu comportamento, mesmo que seja por pouco tempo. De outra parte, diminuem as possibilidades de questionamento, através da naturalização de valores, como, por exemplo, a produção da idéia de que a mulher gorda não é atrativa, ou que obesidade é doença. Essa estratégia funciona de tal modo, que a maioria das pessoas esquece que outras pessoas já pensaram e agiram de modos diferentes.

Esses conhecimentos apresentados através do discurso do senso comum correspondem aos saberes produzidos pela ciência biomédica, que produz fórmulas e medidas em relação ao corpo que deveriam ser aceitas como padrão por todas as pessoas. As tecnologias biomédicas pesquisam e propõem aos indivíduos que há mecanismos tecnológicos para se regrar a forma do corpo (SILVA. A, 2001).

Em relação à forma, à composição do corpo e sua performance, Ana Márcia Silva destaca a especialização de uma área médica, a Medicina do Esporte, que, segundo a autora, “tem atuado numa perspectiva normativa para homens e mulheres de determinadas faixas etárias e em três compleições físicas. Atua no âmbito da análise da composição corpo-

ral, determinando equações e correlações ideais, elaboradas a partir de estatísticas” (SILVA, A, 2001, p. 19).

Nessa direção, o argumento da autora permite tratar o corpo como um território privilegiado para a atuação de mecanismos de normalização (SILVA, 1997). Nas palavras de François Ewald, a norma seria:

(...) Uma maneira de um grupo se dotar de uma medida comum segundo um rigoroso princípio de auto-referência, sem recurso a nenhuma exterioridade, quer seja a de uma idéia quer a de um objeto. Ela pressupõe arquiteturas, dispositivos, toda uma física do poder graças à qual o grupo poderá tornar-se visível para si mesmo, mas também procedimentos, notações, cálculos, toda uma constituição de saber destinada a produzir em completa positividade o um a partir do múltiplo. O procedimento normativo pode obedecer a diferentes esquemas: esquema panóptico das disciplinas, esquema probabilista das seguranças, esquema comunicacional da norma técnica (EWALD, 1993, p. 108).

A norma inscreve-se em uma positividade justamente pela transformação que ela possibilita nas disciplinas, quer dizer, a passagem de disciplinas que bloqueiam para disciplinas engrenagens. Quando denominamos um comportamento de anormal, acreditamos que podemos mudar e nos obrigamos a transformá-lo (EWALD, 1993).

A operação que a norma efetua na constituição de cada indivíduo funciona a partir das diferenças visíveis no comportamento, na hierarquização destas diferenças segundo a polaridade entre normal e anormal, e na atribuição da identidade aos indivíduos segundo o desejo que os conecta aos desvios de comportamento. Assim, os indivíduos podem ser vistos por intermédio de uma ação sobre outras ações, o que, no caso, pode ser pensado como uma ação sobre a ação. Assim, “cada indivíduo irá ser objetivado de acordo com um princípio infinito de individualização. Cada indivíduo torna-se um caso” (EWALD, 1993, p. 85).

Na tentativa de compreender os regimes de emagrecimento a partir dos instrumentos disciplinares, pode-se dizer que a busca pela esbelteza congrega, contemporaneamente, um número cada vez maior de pessoas, e isso implica a necessidade de desenvolver mais o autocontrole para resistir ao prazer de comer, ao mesmo tempo em que se aumenta a responsabilidade e a culpa quando esse prazer é proporcionado. Muitas vezes, o resultado dessas tentativas malogradas de emagrecer é o chamado “efeito sanfona”, causado por motivos metabólicos ou mesmo como um reflexo do movimento pendular de insistência e

desistência das dietas. A magreza torna-se, enquanto norma, o principal modelo estético entre as mulheres, tendo aumentado sua influência sobre os homens desde que estes tenham uma musculatura bem definida.

Se, no nível disciplinar, a norma funciona a partir de um esquema arquitetural de espaços onde o indivíduo pode fazer um juízo de si próprio, no nível da segurança a norma vai funcionar como gestora para as populações. Trata-se do acesso à transformação do funcionamento das relações de poder, de uma microfísica do poder para uma dimensão biopolítica:

(...) Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” A cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro (FOUCAULT, 2002, p. 147).

Esse fragmento da fala de Foucault indica que podemos estar vivendo um período de intensificação do olhar e das escolhas que temos sobre nós mesmos, um ocupar-se de si em tempo integral que implica aprender diferentes tecnologias em busca de um ideal estético corporal.

Para serem resolvidos, os problemas de organização e de regulação da sociedade e dos indivíduos dependem de uma certa racionalidade de decompor, recompor e ordenar alguns dados de realidade, enfim, de uma prática que formaliza o cálculo das probabilidades. O cálculo das probabilidades é a prática fundamental da constituição da segurança social; a sociedade, por intermédio de dados quantificados, analisaria seus problemas em função dos possíveis riscos verificados (EWALD, 1993).

Em relação ao corpo, de forma mais pontual, uma série de tabelas provenientes da Europa e dos Estados Unidos,

vem sendo atualizadas desde o final do século XIX, quando foram desenvolvidas a partir de levantamentos extensivos de dados coletados pelas companhias seguradoras em homens e mulheres economicamente ativos, e têm servido para indicar, por exemplo, os “pesos desejáveis” para os indivíduos (SILVA. A., 2001, p. 21).

A mudança que se efetivou nas normas técnicas deveu-se à descoberta de que havia regularidade no desvio de comportamento e, principalmente, havia problemas na avaliação

do risco por parte de cada indivíduo. A descoberta referida decorre dos estudos estatísticos, os quais constataram que havia regularidade nos desvios de comportamento, ou seja, onde impera a vida desregrada, também há regularidade.

A mídia e a medicina, baseadas na estatística, têm divulgado avaliações que vinculam doenças crônico-degenerativas; o câncer de pulmão, ao fumo, a obesidade à solidão, ou, ainda, o sedentarismo a doenças cardíacas. Essas doenças teriam em comum o fato de serem “causadas” pelo gerenciamento equivocado das escolhas em relação ao futuro. Essa operação efetuada pela estatística e apropriada pela mídia e pela medicina pode produzir sentimentos de culpa. É possível que os indivíduos problematizem sua solidão e/ou falta de exercícios, por exemplo, a partir do risco de adquirir doenças.

O fator de fundamental importância para que esse mecanismo de poder se exerça sobre a população está na sua positividade, que se apóia na racionalidade econômica e nos saberes estatísticos. Em outras palavras, o modo como a sociedade ou o Estado incumbe-se da vida, como a organiza e compensa possíveis eventualidades e delimita suas chances e possibilidades biológicas (FOUCAULT, 2002, p. 313).

O corpo, entendido no seu sentido amplo, com suas posturas e gestos, seu volume, sua forma, suas reações, o modo como nos vestimos, o que comemos e os diferentes rituais que aprendemos para cuidarmos dele, é um portador de sentidos privilegiado da cultura. Foucault o define como um lugar prático de controle social. Essas práticas não vêm prontas, estão constantemente sendo inventadas, depuradas e materializadas a fim de que sejam disseminadas em diversas instituições e locais.

Um exemplo de controle social exercido sobre o peso dos indivíduos é o cálculo para verificação da composição corporal chamado de IMC (Índice de Massa Corporal), que se realiza por meio de uma equação em que o primeiro termo é o peso corporal total (em quilos) dividido pela estatura (em metros). Interpreta-se esse resultado considerando a seguinte tabela proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS):

IMC	Classificação
Até 18,4	Baixo Peso
18.5 – 24,9	Faixa Recomendável
25 – 29,9	Sobrepeso
30 – 34,9	Obesidade I
35 – 39,9	Obesidade II
40 ou mais	Obesidade III

FONTE: NAHAS, 2003, p. 95

Podemos perceber que, na coluna da direita, antes da faixa tida como recomendável, temos somente uma classificação definida como “baixo peso”, o que não provoca nenhuma associação lingüística com risco à saúde ou algum defeito estético – basta lembrar as medidas de Gisele Bündchen, que tem estatura de 1,79 e peso de 51kg. Considerada um ícone da beleza mundial, “jovem, esbelta, magra, lisa, milimétrica: que se completa mostrando seus dotes na moldura reta e alongada das passarelas cobertas pela mídia. Ao que parece, nada a ser retocado, um corpo que beira a perfeição das formas” (FRAGA e SOARES, 2003, p.79). Gisele não passa nem perto da faixa recomendável e, portanto, do peso ideal preconizado por fórmulas e pelos conceitos difundidos de massa corporal. No entanto, nenhum dos muitos especialistas nas revistas femininas ou mesmo nos inúmeros *sites* que disponibilizam a tabela do IMC, apontam a modelo como alguém que tem comportamento de risco em relação às doenças. Já na seqüência da faixa recomendável, há mais quatro classificações, das quais três aludem ao que é considerado um estado de risco para uma série de doenças.

A partir de Gisele Bündchen, posso supor que a tabela do IMC é disponibilizada para que os indivíduos se convençam da capacidade de se auto-vigiar. Segundo Giane Serra e Elisabeth Santos (2003), “o autocontrole funciona ao mesmo tempo, como sedução

para o paciente que julga estar tornando-se independente. É também uma forma de o especialista transferir a responsabilidade para o próprio usuário” (p.696).

Equações e tabelas como a que foi antes apresentada eram produzidas para comunidades específicas até a década de 90 do século passado. Após esse período, começaram a surgir estudos que “se propõem a ser generalizáveis a variadas populações, com diferentes composições corporais e faixas etárias (...) essa generalização indica a interiorização de uma tendência à hegemonia de uma certa expectativa corporal que estaria se difundindo pelo mundo” (SILVA. A, 2001, p. 21).

Apesar de ser o cálculo do IMC a equação mais popular no meio técnico-científico, principalmente na área da medicina do esporte, existem outras possibilidades de determinar a composição corporal do indivíduo que, segundo estudiosos dessa área, funcionam com maior precisão, como a pesagem hidrostática ou a técnica de medidas de dobras cutâneas (NAHAS, 2003). Boa parte dessas formulações advém de estudos com cadáveres humanos ou de ratos de laboratórios – é a chamada pesquisa transferida, que permite a confirmação laboratorial dos dados comparados com os dos humanos.

As análises que venho apresentando ilustram que a busca da maioria das mulheres por um corpo cada vez mais magro configura-se como uma das mais potentes relações de poder-saber da contemporaneidade. A base discursiva foi-se ampliando, desde os discursos com relação à urbanização e sedentarismo nas sociedades que caminhavam para a industrialização no século XIX, os quais demandariam a promoção de uma alimentação saudável e de uma atividade corporal em benefício da saúde, até os discursos “científicos”, que não cessaram, até os dias de hoje, de formular propostas de intervenção, desde dietas alimentares e de sono, até roupas, cosméticos, atividades corporais, lazer, sexo e muitas outras. Sobre essa matriz formativa e, por vezes, em contraposição, desenvolveu-se um movimento social e econômico que conduziu a um estilo de construir e operar com o corpo.

Neste sentido, há um esforço na atualidade, por tolerar as diferenças de comportamento dos indivíduos, mesmo aquelas práticas corporais consideradas anormais. No entanto, o controle sobre essas práticas aumentou. No caso das participantes da pesquisa, elas relataram que muitas vezes se sentem constrangidas quando algum/a professor/a chega no bar da escola e reclama de suas escolhas alimentares. Deste modo, o lugar escola funciona como um espaço de controle sobre suas condutas.

Para as jovens participantes, muitas das dúvidas que têm em relação ao seu corpo podem ser resolvidas na escola. Perguntei-lhes como isso ocorre, e algumas jovens responderam assim:

Denise – Eu aprendi bastante no colégio. Sempre, na educação física, a gente pergunta quando tem alguma dúvida sobre o corpo e como se cuidar. Eu pergunto [sobre] comer coisas saudáveis, fazer exercício físico, essas coisas assim.

Janaína – Às vezes, eu fico uma semana antes de uma festa fazendo a dieta dos líquidos, mas não é nada demais, foi a minha professora de ginástica quem me ensinou.

Silvia – Quando eu tinha uns 11/12 anos, eu não me preocupava nada, eu comia um monte. Daí, depois, eu comecei a me preocupar mais. No ano passado, eu fiz uma dieta, só que eu nem estava gorda nem nada. Eu comecei a ler nas revistas e achei legal. Eu estava jogando vôlei, e o professor também, às vezes, dava uns conselhos para emagrecer. Aí, depois, eu larguei tudo e só comia, comia, comia um monte. Depois, eu voltava, fazia dieta e parava de novo. No verão, eu comi bastante e, na volta, eu fiz uma dieta. Eu não me preocupo muito, mas, às vezes, eu tento me controlar. Numa semana, eu faço dieta; na outra, eu não faço. E uma vez eu vomitei porque eu não queria engordar. Eu tinha comido bastante, eu comecei a fazer esteira, depois eu vomitei.

A escola e as academias, para as jovens, configuram-se como um espaço importante de aprendizagem sobre o corpo. Para Denise, o espaço da aula de educação física funciona como um lugar de aprendizado que não se restringe ao conteúdo escolar.

Nas aulas de educação física, não importando se na educação superior ou na educação básica, está presente, de modo bastante explícito, a constituição de identidades²⁹ hegemônicas, tanto no que se refere a gênero quanto à raça/etnia ou sexualidade (LOURO, 1997). Isso se dá através de discursos que constituem as várias disciplinas, como a biologia, vinculada à idéia da manutenção da saúde e da higiene, a psicologia, voltada para o desempenho de habilidades, em que o autocontrole e a força mental são importantes componentes da participação esportiva, ou, ainda, pela influência militarista na formação histó-

²⁹ Utilizo o conceito de identidade aqui como “o conjunto de características que distinguem os diferentes grupos sociais e culturais entre si (...) a identidade cultural só pode ser entendida em conexão com a diferença, concebida como um processo social e discursivo” (SILVA, 2000, p. 69).

rica da educação física e do esporte no Brasil – da qual posso destacar uma série de normas morais de condutas e controle dos corpos.

Nas atividades de educação física, o controle dos corpos materializa-se nas estratégias de separação de grupos, nos exercícios e jogos formativos, nas escolhas dos desportos e dos/das participantes, o que permite o acesso do professor ou professora aos corpos dos/as alunos/as, tornando visíveis suas atitudes e comportamentos e, conseqüentemente, permitindo que sejam constantemente examinados na busca por uma intervenção eficiente no processo de formação dos sujeitos (LOURO, 1997).

No segundo fragmento, Janaína diz que tem utilizado uma dieta aprendida com sua professora de ginástica. É interessante perceber que a jovem emprega a dieta líquida em uma situação muito específica, ou seja, para um evento em que necessita mostrar mais o seu corpo. As dietas líquidas, que eram utilizadas originalmente com objetivos médicos para situações de exame ou após um evento cirúrgico, ganham outras funções na contemporaneidade.

Um outro aspecto que merece ser ressaltado se refere ao modo como determinadas modalidades esportivas, artísticas e ocupacionais empregam o controle do peso como mecanismo de obtenção de desempenho e, conseqüentemente, de resultados. Enquadram-se nisso a dança clássica, ginástica olímpica, as corridas de cavalo e a ginástica rítmica desportiva. Essas práticas corporais constituíram-se num processo histórico que foi paulatinamente investindo no controle do apetite de seus praticantes. Cada uma dessas modalidades fundamenta tal necessidade em atributos naturalizados como femininos, como graça, equilíbrio, autocontrole e leveza.

O sentido do argumento anterior pode ser mais potencializado no contra-ponto relatado por Miriam Adelman através das entrevistas que realizou com mulheres atletas de outros esportes: “Nunca gostei de basquete. Para a mulher, acho que torna a mulher muito masculina. Se você comparar as jogadoras de basquete com as de vôlei, você vê a diferença no físico. Elas são mais troncudas; tem um jeito diferente - eu não gosto” (ADELMAN, 1999, p. 457).

Nesse depoimento, podemos perceber um certo desprezo pelos esportes considerados masculinos, bem como um esforço em referir a feminilidade de determinados esportes

e práticas corporais. O vôlei e a dança seriam atividades mais adequadas para manutenção da feminilidade.

Na próxima seção, abordo como as jovens participantes se posicionam em relação a certas práticas corporais.

4.2 O olho invisível que nos vê

É interessante perceber neste percurso da dissertação como determinadas práticas são moralizadas negativamente. Nesse sentido, as jovens comentaram sobre algumas colegas que estavam bebendo e fumando perto da escola:

Kátia – Que nem elas, elas beberam e começaram a falar um monte de nome feio. Os guris já nem respeitavam mais elas. Aí, eu até cheguei em casa e contei para a minha mãe. Eu disse: “e depois tu reclamas da filha que tu tens”.

Fernanda – Em relação à bebida, por exemplo, na minha opinião, eu nunca gostei de beber cerveja e essas coisas, nunca fui muito... Mas não porque a minha mãe não gosta que eu beba. Nenhuma mãe gosta que o filho beba. Eu também não acho bonito mulher beber, só que, na minha opinião, mulher, eu acho muito vulgar beber... homem também... é podre, mas ... a mulher fica vulgar.

Um aspecto que cabe explorar refere-se à expressão utilizada por uma das jovens, que classifica as mulheres que bebem como tendo uma conduta “vulgar”. A mesma jovem também se refere, com alguma hesitação, à conduta do homem que bebe como sendo “podre”. No primeiro depoimento, a bebida aparece como um fator de liberação, em que as jovens começaram a dizer coisas que não seriam “próprias” ou de acordo com que se espera de uma dada feminilidade. Os meninos, enquanto isso, “não respeitavam mais as meninas”, isto é, se as meninas não bebessem ou não se colocassem em tal situação, os meninos não teriam espaço para desrespeitá-las.

Os termos “vulgar” e “podre” conectam-se, respectivamente, às atitudes de dizer nomes feios e de não demonstrar mais respeito. Nesses casos, parece ocorrer uma enuncia-

ção de um discurso de essência feminina, em que o recato no que as meninas dizem e fazem funciona como uma proteção em relação aos outros e a si mesmas. O modo como as atitudes dos homens são significadas parecem também seguir a norma de que, sendo provocados, não terão mais uma postura de cuidado com as garotas.

A aversão causada por situações como as descritas pelas jovens ganha sentido na desestabilização do que é esperado em termos de normas sociais de gênero e desejo. Segundo Rosimeri Aquino e Rosângela Soares: “O resultado disso é que qualquer coisa fora dessa configuração é vista como patológica” (2003, p. 139).

É importante lembrar que o ato de beber, entre mulheres e homens, tem sido significado de formas distintas da discutida acima. Para muitas mulheres, beber pode significar assumir posições que são tradicionalmente masculinas, como autocofiança e independência. Já para os homens, beber com as mulheres pode significar um deslizamento da postura de isolamento em guetos só de homens para situações de parceria entre o masculino e o feminino.

Parece também, que as jovens se conectam às regras relativas a comportamentos saudáveis presentes em muitos discursos das campanhas de promoção da saúde. Segundo Deborah Lupton, “a lógica da promoção da saúde é direcionada para que os indivíduos descubram seu verdadeiro estado de saúde, para que revelem sua posição moral e para que, de fato, modelem seus verdadeiros *eus* por meio de estratégias de gerenciamento corporal” (LUPTON, 2000, p. 23). Campanhas de promoção da saúde têm insistido nas questões relativas às mudanças nas rotinas de manutenção do corpo, como evitar fumar e beber, como essenciais a uma boa saúde. Nestes tempos contemporâneos, de onde emerge uma série de discursos que aposta em formas de dar limites e, portanto, controlar os/as jovens e afastá-los/as dos perigos das drogas e do sexo, surgem pesquisas³⁰ que buscam demonstrar o aumento no consumo de drogas ilícitas, além de cigarro e álcool, entre os/as jovens.

Nas discussões das jovens participantes, são contrabalançados o vício e o risco, em que a perda de controle na relação com o que pode proporcionar prazer pode implicar em

³⁰ Pesquisa recente mostrou que um em cada quatro estudantes do ensino fundamental e médio já experimentaram algum tipo de droga. A idade do primeiro contato com este tipo de substância caiu de 11 para 14 anos (Veja, agosto de 2003, p.34)

um “descuido” em relação ao futuro, seja pela precocidade das experiências ou pelo modo de aproveitar a vida.

Na discussão anterior, uma das jovens conta que tinha chegado em casa e falado para sua mãe o que tinha visto. Observações como essa me chamaram a atenção durante a realização dos grupos, de tal forma que resolvi perguntar como eram suas conversas com os familiares. Foi dito:

Denise – Com a minha mãe, eu sempre fui muito aberta, sempre falei de tudo, e ela sempre confiou muito em mim. Cigarro e bebida acho que são as coisas mais preocupantes dos pais, e ela sabe que eu nunca usei cigarro, que eu nunca me interessei por bebida e coisa assim.

Ana Paula – eu acho que tem que ter bastante diálogo com os pais, porque eu já conversei com a minha mãe Já me ofereceram cigarro, e eu fiquei contente porque eu não aceitei, e ela: “que legal”. E eu acho que é importante ter diálogo, porque daí, tipo ela já me contou as experiências dela...

Nos depoimentos acima, as jovens participantes parecem valorizar a oportunidade que têm de poder falar abertamente com os pais sobre cigarros e bebidas. A ênfase no diálogo dada por elas, bem como a confiança que segundo as jovens os pais depositam nos/nas filhos/as constituem, na opinião das jovens, fatores fundamentais para lidar com o cigarro e a bebida. O falar de tudo abertamente conecta-se à idéia defendida por muitos especialistas do campo da psicologia e da pedagogia, que enfatizam a necessidade do diálogo. Tal argumento faz parte do contexto da formulação da juventude/adolescência como um tempo-problema, em que algumas transgressões são toleradas e até mesmo consideradas normais. No entanto, em função do “risco de um caminho sem volta” deve se desenvolver junto aos/às jovens mecanismos de regulação em que a auto-consciência, através da mediação produzida pelo diálogo, se tornaria um elemento importante (FRAGA, 2000, LARROSA, 1995).

A noção de risco ocupa um lugar privilegiado na sociedade contemporânea. As informações sobre o que o futuro reserva constituem um modo de obter um futuro que se deseja. Trata-se de uma operação de antecipação do futuro, em que o que se busca é a me-

lhora forma de controlar os riscos a partir de ampla variedade de opções que permitam decidir sem arrependimentos ou com um mínimo deles.

Tais discursos buscam estabelecer um equilíbrio entre as possibilidades de transgressão e amadurecimento que este período da vida “exige”. Em relação a isso, que Larrosa chama de educação moral, o autor comenta:

Não se trata de apresentar um conjunto de preceitos e normas de conduta que as crianças [e as jovens] deveriam aprender e obedecer. Tampouco se trata de modelar disposições ou hábitos. Uma vez que se trata de práticas centradas na aquisição, nelas se ensina praticamente nada. Entretanto, se aprendem muitas coisas. Na sua característica de práticas sem um texto específico ou, às vezes, com textos cuja única função é “fazer falar”, provocar e mediar a fala, constituem basicamente na produção e regulação dos próprios textos das crianças [e das jovens]. Por outro lado, é essencial à realização dessas práticas a colocação em marcha de uma bateria interrogativa e de um conjunto de mecanismos para o controle do discurso (LARROSA, 1995, p. 45-46, acréscimos meus).

No caso dos depoimentos em questão, o que parece ocorrer é uma forma similar à prática psicanalítica, ou seja, mecanismos que fariam com que a verdade fosse revelada em decorrência da associação livre de idéias disparadas pelo pedido de fala do/da analista. A idéia de similaridade estaria no “pedido de falar tudo” que as mães/pais fazem. No entanto, não é a mesma coisa pedir que elas digam o que vier à cabeça (prática psicanalítica) e pedir que elas contem tudo (no caso do diálogo entre pai/mãe e filhos/as).

Cabe lembrar que o mecanismo da confissão, como descrito por Foucault nos três volumes da *História da Sexualidade*, teve um percurso distinto na Antiguidade Clássica e no cristianismo. Para o autor, teria existido, na Antiguidade Clássica, uma ética fundada no cuidado de si e na estética, enquanto que, a partir do cristianismo, foi estrategicamente montada no Ocidente uma moral centrada na culpa como valor. O cuidado de si envolve o exercício de um poder sobre si mesmo e sobre os outros. Deste modo, vê-se que as práticas de confissão, de interpretação dos sonhos, de curas de doenças por meio de médicos e de sacrifício, para além do aperfeiçoamento de si, faziam com que o outro que acompanhava os rituais pudesse, num único mecanismo, revalidar suas prescrições.

No entanto, somente no final dos textos estudados no terceiro volume da *História da Sexualidade* é que Foucault irá demonstrar uma ruptura com relação à ética do cuidado

consigo nos períodos anteriores. Essa mudança dá-se na direção de uma ética mais austera e de um controle maior sobre os atos e humores dos homens gregos livres.

Esse controle traduziu-se em uma série de técnicas de confissão, autoconhecimento, auto-exame e autoflagelo que mais tarde serão absorvidas com objetivos diferentes na tradição judaico-cristã e no pensamento ocidental até os dias de hoje. Enquanto os gregos e os romanos valorizam o cuidado de si e de sua vida e a compreensão de sua morte, os cristãos, ao contrário, com a introdução da questão da salvação, que, mesmo significando uma espécie de cuidado de si, implica uma renúncia, a renúncia ao prazer, tentarão desvelar a verdade escondida e assim chegar à salvação, sendo esta, nas palavras de Foucault, quase uma precipitação para a morte.

Referindo-se ao cuidado de si, Fischer afirma:

Para Foucault, a cultura contemporânea de si se apóia na idéia cristã de um eu ao qual é preciso renunciar, em nome da relação com Deus. Ou seja, através de todo um saber psicológico e da prática psicanalítica, descobrimos nosso verdadeiro eu, renunciando a tudo o que produz em nós a alienação e o obscurecimento do que realmente somos. A cultura clássica de si, ao contrário, propunha a idéia de cada um construir, criar a si mesmo, como uma verdadeira obra de arte (FISCHER, 1996, p. 83).

Da confissão cristã à experiência psicanalítica, foram construídos, em distintos contextos históricos, diversos esquemas de aperfeiçoamento para o exame dos atos dos indivíduos. No entanto, entre eles, o que guarda maior semelhança é o fato de que todos os esquemas se constituíram como experiências dialógicas para a experiência moral. Nesse contexto, a culpa e a penitência passaram a ocupar posições estratégicas.

Uma outra relação possível de ser feita na análise das discussões selecionados acima é que outros discursos vindos dos mesmos campos (psicologia e pedagogia) têm criticado o que chamam de uma postura extremamente dialógica, onde não se sabe “mais quem é o adulto e quem é o jovem”. Afirmam, ainda, ser prejudicial tal proximidade, já que pode faltar espaço para que os/as filhos/as contem os seus problemas. Lembrando que Ana Paula no depoimento acima, diz, se referindo à mãe: “ela já me contou suas experiências”. A psicanalista Weinberg pergunta:

Será que ser amigo é ser confidente? Atendo uma garota que me diz que a mãe lhe conta tudo, não tem segredos para com ela. Só que ela não conta tudo à mãe. Primeiro, porque não sobra espaço para ela, pois sente que suas histórias “são um lixo” comparadas

com as grandes histórias da mãe. E depois, porque a mãe faz tantas coisas de adolescente, que ela se pergunta quem deve dar conselhos a quem (WEINBERG, 2001, p.09).

A relação dialógica proposta por ambas as correntes tem, no seu interior, ambigüidades e conflitualidades. Do ponto de vista deste estudo, não se trata de estabelecer a razão ou a verdade de algum dos discursos, mas mostrar que a instituição familiar mudou muito no último século. Até mesmo as relações de poder no âmbito da família se transformaram, e, conseqüentemente, mudou o modo como seus membros deveriam se relacionar. Então, é aconselhar sem proibir, é dar limites sem ameaçar ou bater, é ensinar contando as próprias experiências, é, enfim, dialogar.

Nesse caso, trata-se de compreender as condições que tornaram possíveis, na contemporaneidade, um conjunto de relações de saber-poder que permitem que as jovens participantes digam daquele lugar-escola o que se tem dito com freqüência na mídia, nas instituições diversas e nos grupos familiares: que o diálogo é fundamental e que, mantendo uma certa autoridade, os pais e as mães podem ter relações horizontais com os/as filhos/as.

A partir dessa relevância que as jovens deram ao diálogo, resolvi indagar às jovens se elas seguiam mais os conselhos dos pais ou das revistas. Uma das garotas disse:

Diana – Para a mãe, a gente dá bola, porque ela está todo dia dizendo a mesma coisa. Na revista, tu vê na hora e até pensa em fazer, mas depois tu não fazes mais.

Uma outra reação interessante de ser analisada é a da jovem “dar ouvidos” à mãe pela insistência com que ela fala a mesma “coisa”, diferente das revistas, que são lidas de vez em quando. No interior das famílias, emergem diferentes mecanismos de sujeição que buscam estabelecer as formas adequadas de comportamento das jovens. Muitas dessas maneiras operam para que as jovens compreendam os conselhos como resultados de processos que articulam questões valorizadas da experiência dos mais velhos e preocupações para com o futuro.

Chama a atenção que a aprendizagem de determinadas práticas cotidianas acontece em virtude das relações de poder hierarquicamente desiguais, ou seja, predomina a visão adulta, de quem sabe mais, da pessoa que controla, principalmente através da repetição. Um enunciado é mais poderoso quanto mais ele puder ser repetido. No entanto, não se trata de uma força superior de um discurso em detrimento de outro, e sim de uma articulação de

vários discursos que permitem que certos sujeitos sejam interpelados desde que tenham capitais simbólicos e culturais apropriados para tanto.

Um segundo aspecto é o da mãe posicionada como chata, repetitiva e insistente. Segundo Luce Giard:

A importância da alimentação infantil e da higiene da família é sublinhada pela mídia, a responsabilidade e o papel de dona-de-casa como principal compradora e provedora do lar são priorizados. Ao mesmo tempo, esse trabalho é considerado monótono e repetitivo (GIARD, 1997, p. 218).

Isso provavelmente deve-se ao fato de que determinadas atividades domésticas permanecem nas famílias como de domínio mais das mulheres do que dos homens. Encarregar-se do cotidiano escolar dos filhos, das roupas, da higiene e da alimentação, por tradição, são atividades quase exclusivamente femininas.

A posição central que a mãe ocupa na educação dos filho/as se faz por meio de funções de nutrir, zelar e, conseqüentemente, educá-los/las. Tal centralidade pode ser facilmente percebida em uma série de instâncias como nos programas sociais e/ou de saúde, e na mídia em geral. Meyer (2002) salienta que a eficiência dos discursos que posicionam a mulher-mãe se deve à exaustão com que são repetidos em diferentes contextos.

Considerando-se o “volume” de menções à mãe, em contra-ponto a uma certa ausência de referência aos pais, perguntei às jovens, que coisas são motivo de reclamação por parte de seus pais e quais as que eles pedem que façam. Duas delas comentaram assim:

Araci – eu gosto de usar roupas largas, coisas que meninos gostam de usar e o meu pai ele se liga muito nisso, ele acha que o jeito que a gente se veste influencia no caráter e eu não acho isso se eu não me identifico com o meu pai ele briga.

Flávia – o meu pai não é de acordo principalmente com relação à tatuagem, ele diz ‘ah, não sei o quê e o emprego é difícil de arranjar emprego’, não é que seja difícil, mas tem lugares que não aceitam tatuagem é bem complicado, que nem no caso do exército, se é tatuado as vezes não consegue servir. É uma coisa que tu não pode mais tirar.

Araci comenta a intervenção que seu pai realiza em relação ao seu modo de vestir. O modo como a jovem diz vestir-se (com roupas que os meninos gostam de usar) associada a uma falha no caráter. Aqui pode-se perceber que a ação do pai que visa ensinar as-

pectos morais à retidão de caráter contempla possivelmente também a lógica de que menina deve se vestir como menina, caso contrário ela estaria falhando, cometendo um equívoco moral.

A organização do vestuário é uma das atividades cotidianas em que ocorre a possibilidade de imposição de critérios, que podem exprimir maneiras muito próprias de agir e de pensar, de fazer valer sua concepção de organização. No depoimento acima, podemos ver como o pai vai lhe mostrando que o critério estabelecido pela garota não estava adequado – roupas folgadas que não combinam com uma menina. Cabe ressaltar que a relação de poder/saber, nesse caso, funciona através de uma mensagem em que o pai utiliza um julgamento moral para desqualificar a escolha da jovem, mesmo que ela tenha outras preferências estéticas.

O aprendizado sobre o vestuário é resultado da articulação de diferentes aspectos relacionados com moda, estilo e comportamento. Esses aspectos, como outros da vida cotidiana, são recheados de questões de tradição, de gênero, de raça/etnia, de geração e de classe social.

Nesse sentido, a combinação de cores, tecidos, estampas e texturas é definida e colocada em prática em função de especificidades de cada sociedade, valorizando certos comportamentos em detrimento de outros. Assim, a informação estética do vestuário veicula um conjunto de mensagens que seguem certas arbitrariedades, como as referentes às idades, às profissões e ao sexo.

No caso específico do depoimento que venho analisando, o que parece estar em jogo não são apenas valores estéticos. A presença de regras ou prescrições de como vestir-se adequadamente estão presentes nas seções das revistas para jovens ou nos livros voltados para esse público. No livro de Drica Pinotti, *De menina a mulher* (2001), aponta-se uma lista de erros que as jovens não podem cometer: “Excesso de maquiagem; excesso de bijuterias, marcas de sutiã ou calcinha em roupas apertadas; saias muito curtas, daquelas que ao subir no ônibus todos a sua volta possam conferir a cor da sua calcinha” (p. 81).

Na minha opinião, a marca mais importante das regras descritas pela autora é o cuidado com os excessos, com os exageros que aludem a uma idéia de medida certa para cada corpo. Daí as roupas íntimas justas serem consideradas inadequadas, pois podem in-

dicar que a garota engordou; as marcas causadas pela calcinha ou sutiã parecem ser sinal de desleixo ou talvez de uma sensualidade desmedida. Já a maquiagem ou as bijuterias em quantidade maior do que a desejável podem indicar despudor e um desejo de ser vista que funcionariam como um gol contra, um chamar a atenção sobre si mesma que não leva em conta a beleza “natural” da idade.

Todas essas indicações, inclusive aquelas narradas por Araci sobre a posição do pai e do livro, não são unívocas, todas podem ser problematizadas e ampliados podem ser os seus sentidos. E principalmente cabe lembrar que tudo isso muda com o tempo, dentro das diferentes sociedades e culturas.

Flávia, ao comentar as posições de seu pai em relação a sua vontade de fazer uma tatuagem, diz que ele se vale de argumentos relacionados ao trabalho, listando supostas dificuldades de arrumar emprego ou até mesmo numa impossibilidade de prestar o serviço militar. Aqui a idéia central conecta-se tanto a fragmentos dos discursos do senso comum ligados a questões históricas da presença da tatuagem no Ocidente, associada à gravação de imagens icônicas na pele, as quais simbolizam forças da natureza, doutrinas e até mesmo marca de piratas e criminosos. Em alguns povos antigos, essa arte de marcar o corpo era restrita às mulheres, como forma de embelezamento ou como um rito de passagem para a vida adulta.

Tanto num depoimento como no outro, o termo pai-família é acionado por meio de atributos masculinos de autoridade relacionada à preservação da aparência e da feminilidade.

Segundo Larrosa:

No campo moral, a construção e a mediação da experiência de si têm a ver, então, com uma dimensão de juízo que pode ser estritamente jurídica (baseada na lei), normativa (baseada na norma), ou estética (baseada em critérios de estilo). Mas, em todos os casos, teríamos a constituição simultânea de um sujeito que julga, um conjunto de critérios (um código de leis, um conjunto de normas ou uma série de critérios de estilo) e um campo de aplicação (LARROSA, 1995, p.77).

O que se coloca é que não basta interiorizar a vigilância, de acordo com o autor, é preciso que cada um se julgue e deseje se julgar segundo os critérios e os valores sociais vigentes. Nas intervenções que o pai promove em relação à garota, está em jogo que a jovem experimenta uma inquietação com a normalidade do que faz e pensa, ao mesmo tempo em que se esforça por adequar-se em modelos pedagógicos de um ideal de mulher-jovem: que se veste com graça, que cultiva a beleza, que aprende a julgar comportamentos e que, por fim, volta-se para si mesma.

Provoquei as jovens para que me falassem sobre outras formas de educar que percebem na família.

Ana Paula – Uma vez, eu não queria comer cenoura, aí, a minha mãe chegou: “ cenoura faz a pele ficar mais morena, faz bem para a pele”. Daí, eu comecei a comer mais cenoura.

Flávia – Às vezes, é mais para não ter de ficar lá com ela todo dia: “Não faz isso, não faz aquilo”. Tu acabas fazendo para não ouvir isso toda hora, toda hora ela dizendo a mesma coisa para ti. Daí, tu acabas te acostumando.

Nas discussões acima, podemos verificar posições diferentes das discutidas anteriormente. Ana Paula, ao praticamente repetir uma frase bastante reiterada nas revistas no que tange à utilização da cenoura para melhorar a pele, diz que passou a acatar a sugestão da mãe. Temos um exemplo bastante interessante do discurso do senso comum, em que fragmentos de discursos produzidos no âmbito científico reaparecem em duas instâncias distintas: uma num veículo da mídia e outra no discurso familiar.

O senso comum é um discurso potente, por sua capacidade de articular diferentes visões de mundo e de dar sentido à vida cotidiana; ao mesmo tempo em que realiza conexões de diferentes fragmentos discursivos, opera de modo a formar uma suposta unidade. Talvez sua grande força resida, como tem sido demonstrado ao longo da análise, na possibilidade de múltiplas formas de repetição. Um outro aspecto que vale destacar em relação ao discurso do senso comum é a aliança estabelecida com o discurso científico, que aparece no senso comum como sinônimo de saber e autoridade. Nas palavras de Pinto, o discurso científico “é o saber objetivo que, por sê-lo, se coloca como o conhecimento verdadeiro

versus o conhecimento falso, aquele constituído não a partir do objeto, mas a partir do sujeito” (PINTO, 1989, p. 47).

O fato de os alimentos terem propriedades terapêuticas não é um conhecimento novo; entretanto, ele faz parte, atualmente, de um movimento de “espetacularização” da comida. Conforme Sant’Anna:

(...) É aquele de um aumento expressivo da necessidade de saber o significado médico de cada fruta, legume, cereal ou de cada prato preparado: calorias, proteínas, lipídios e outros componentes – que no passado recente faziam parte exclusivamente da linguagem científica – hoje florescem em várias conversas, entre idosos e crianças, na mídia e fora dela. Comer uma costela de porco, por exemplo, muitos já sabem, equivale a adquirir doses consideráveis de mau colesterol, laranja e acerola são ricas em vitamina C, banana tem potássio e cada prato de comida pode ser concebido segundo um equilíbrio entre sais minerais, vitaminas e proteínas (SANT’ANNA, 2003, p. 43).

Enfim, o comer não está somente restrito às funções nutritivas, ele transcende qualquer objetivo específico e torna-se uma prática cultural que produz significado. Assim, os hábitos alimentares não podem ser entendidos como algo “natural” do ser humano, e sim como adquirido nas práticas culturais cotidianas de significação, presentes nas famílias, na mídia, nas escolas, nos grupos sociais, que ensinam paladares, sentimentos de prazer/desprazer, comportamentos e preocupações, ou não, com determinados alimentos, inscrevendo-os nos corpos das pessoas (GIARD, 1997, SOUZA, 2001).

Questionei as jovens sobre qual era a diferença entre os conselhos da mãe e dos especialistas. Vejamos a tensão entre as opiniões das jovens:

Denise – É que, digamos, que mãe não tem o estudo que o especialista tem. O que tu vais ler numa revista tem tudo ali explicadinho: “Não, faz bem para a pele” ou “isso emagrece”. Daí, tu vais ouvir mais aquilo porque tu estás de acordo com aquilo ali.

Diana – Tem revistas também que fazem propaganda enganosa: “Perca cinco quilos em uma semana”. Aí, tu olhas e pensas: “É quase impossível acontecer isso”. Então, acabas não fazendo as coisas da revista.

Denise define sua posição ao diferenciar as posições da mãe e as da revista. Para a mãe, falta-lhe estudo, o que parece significar que o que pode ser ensinado pela mãe resulta de conhecimentos aprendidos de geração em geração ou de suas própria vivências corpo-

rais. Já as revistas conseguem explicar em detalhes o que faz bem para o corpo, o que pode ser melhorado. Tal possibilidade, para a jovem, explica-se a partir da presença de especialistas, que, com seu conhecimento científico, estabelecem a verdade dos cuidados com o corpo. Boa parte das publicações dedicadas ao público jovem recorre a um séquito de especialistas. Fischer (1996) utiliza a expressão “conselheiros espirituais” ao definir a função dos/as especialistas. Tais profissionais fazem parte de um espectro cada vez mais variado e compartimentado. Os/As mais comuns são nutricionistas, sexólogos/as, dermatologistas, ginecologistas, psicanalistas, pediatras, psicólogos/as, psiquiatras, desportistas, professores/as de educação física, médicos/as de diferentes áreas, esteticistas e psicopedagogos/as.

Todos/as esses/as peritos/as são chamados/as a participar de praticamente todas as seções das revistas, dos editoriais aos programas de exercícios físicos, das orientações sobre dietas às dicas de beleza, bem como para comentar as pesquisas e reportagens apresentadas, sempre como consultores/as dos veículos. Assim, as revistas assumem como sua também a função pedagógica de informar e orientar as garotas sobre diferentes aspectos da vida cotidiana. Fischer menciona que

é uma função assumida integralmente pelo próprio meio, eliminando-se uma “autoria” ou uma responsabilidade individual pelo que é dito, mesmo no caso das clássicas seções das cartas. A conformação dos sujeitos–enunciadores ao meio aqui dá-se de forma radical: eles desaparecem, e a revista fala por si (FISCHER, 1996, p. 217).

Denise explicita o fato de acreditar nas revistas ou ser interpelada por elas, na medida em que apresentam uma lógica discursiva com que a jovem já concorda, ou seja, a jovem parece indicar já ter acumulado o capital simbólico e cultural suficiente para compreender e concordar com as revistas. Esse acúmulo é fruto de outras aprendizagens que foram produzidas em diferentes instâncias.

Um outro aspecto interessante que cabe abordar está narrado pela jovem no segundo depoimento. Nesse trecho, Diana lembra-se de manchetes consideradas por ela “enganosas”, como: “Perca cinco quilos em uma semana”. A jovem, deste modo, demonstra que resiste às estratégias dos discursos publicitários presentes nas revistas, desconfia das informações e, por isso, não adere a elas. Diana, nesse caso, parece eleger o que é viável, possível e acessível de ser implementado. No entanto, a jovem não discute os objetivos em obter tamanho emagrecimento, o que sugere que, se fosse “possível”, talvez o fizesse.

Para as garotas, outros motivos concorrem para que não sigam as prescrições das revistas:

Denise – E depois, geralmente, a revista vai te passar uma dieta. Aí, tu olhas, é completamente caro! Esses dias, ela [a revista] estava ensinando a fazer uma máscara para o cabelo. Aí, tu olhas ali uns negócios tipo granola, super caro! Então, tu nunca vais fazer aquilo por falta de condição, porque [a revista] é direcionada para um público que não é a maioria da população.

Embora Denise, no depoimento acima, afirme que os conselhos propostos nas dietas e nos cuidados com a pele, por exemplo, utilizam produtos caros demais para a maioria da população, é a mesma jovem que, em um momento anterior, disse acreditar nas revistas. O que parece importar efetivamente para as publicações não é tanto o fato de as jovens cumprirem à risca ou não suas prescrições, mas que elas possam se sentir reguladas e assumir que seus corpos podem ser aperfeiçoados. As estratégias das revistas giram em torno da obtenção de um corpo idealizado para, em seguida, propor transformações por meio dos produtos estéticos e exercícios físicos sugeridos.

Segundo Serra e Santos (2003):

Os meios de comunicação veiculam ou produzem notícias, representações e expectativas nos indivíduos como propagandas, informações e noticiário em que de um lado estimulam o uso de produtos dietéticos e práticas alimentares para emagrecimento e, de outro, instigam ao consumo de lanches tipo *fast food*. Não se trata de uma decisão ou ação das empresas midiáticas, elas integram um contexto empresarial e um sistema de crenças em que há uma estreita relação entre uma suposta verdade bio-médica e um desejo social e individual. O corpo é um campo de luta que envolve diferentes saberes, práticas e imaginário social (p.692).

É provável que as publicações saibam, como dizem as jovens, que acreditar em muitos dos conselhos seria como acreditar em Papai Noel e que os produtos propostos são extremamente caros. Na opinião de Fischer: “Não importa tanto que todas as técnicas sejam ou não aplicadas; importa que se fale muito e sempre de um corpo que precise ser cuidado, aperfeiçoado, mantido ‘em forma’, para ser desejado pela própria mulher e pelo Outro” (FISCHER, 1996, p. 220).

Neste contexto, posso denominar a existência de um discurso estético que tem sua potência na imagem que o/a artista ou o/a modelo transmite de um estilo de vida ideal e de

uma atmosfera de interação com o público onde a sedução está em realizar uma mínima ação que seja parecida com os indivíduos do meio artístico. Esses discursos podem ser enunciados, como na discussão acima, por artistas ou modelos, por especialistas ou ainda por iguais, como no caso das revistas que as jovens depoentes dizem ler, como *Capricho*, *Contigo e Astral*.

Posso destacar como exemplo o seguinte depoimento em uma dessas revistas³¹: “A *Wanessa Camargo é disciplinada e tem determinação. É fácil trabalhar com ela e conseguir bons resultados em pouco tempo*”. Esse excerto congrega as três modalidades enunciativas de que falei anteriormente. É um depoimento em que a *personal trainer* (a especialista) ressalta as qualidades da cantora (artista e da mulher jovem). Nesse exemplo, a especialista utiliza o verbo ser para apregoar os valores de aderência/ eficiência, de autocontrole e persistência - além de outros atributos, como rapidez dos resultados, que atestam a dedicação com que a cantora se entrega à tarefa de exercitar o corpo. Ou seja, o indivíduo deve ter consciência e responsabilidade para manejar corretamente seu corpo e sua saúde. De acordo com Serra e Santos (2003): “A sedução se manifesta com base na autonomia, mas vigiada e controlada pelo especialista” (p. 697).

Quando o que se enuncia é a imagem de alguém que é jovem e famosa, o seu corpo pode ser mostrado como um sinal de sucesso. O universo do discurso é o próprio período da vida e, assim, cria ligações de identificação com as leitoras que também são jovens.

Entendo que as publicações e a mídia em geral, ao tornarem cotidianamente pública a idéia de que as mulheres – e as mulheres jovens – cometem erros nos cuidados que realizam com o corpo e que, deste modo, seus corpos são defeituosos, implicam a necessidade de torná-los mais acessíveis ao controle e à vigilância.

4.3 O fato na foto: as revistas produzindo sentidos

As jovens, ao serem provocadas a falar sobre outras instâncias, além das familiares, em que elas aprendem sobre os cuidados com o corpo, expressaram-se assim:

³¹ Revista *Pense Leve*, n° 120, p.16, 2002.

Kátia – Só que essas revistas, elas dão dicas da alimentação, por exemplo: “Se tu comeres cenoura, vais ficar com a pele mais bonita” ou, sei lá, o que vai te fazer ficar mais morena” cenoura”; ou que exercício vai melhorar para ter pernas mais durinhas, andar de bicicleta, caminhar. É, parece que, na revista, tem alguma coisa te dizendo o que vai te fazer mal. A tua mãe fala, mas mãe é mãe!

Dolores – Mas eu acho que a gente só leva a sério mesmo quando a gente lê uma revista ou quando uma amiga fala assim: “Acho que tu não debes comer isso porque não vai te fazer bem”. Quando a tua mãe te fala tantas vezes que tu ficas: “Ai, que raiva”. Daí tu tens que fazer o contrário. Então, quando uma pessoa diferente fala: “eu vou me cuidar mais porque aquela pessoa disse que eu estava fazendo alguma coisa errada”.

Em relação a essas falas, por exemplo, nota-se um deslizamento ou, pelo menos, uma colocação em outros termos da centralidade da mãe, idéia que fui construindo até aqui a partir dos depoimentos escolhidos. Tal fato deve-se ao modo como as tecnologias de comunicação afetam a experiência do corpo.

É neste contexto que, nos últimos dez anos, muitos estudos têm destacado que aprendemos sobre o mundo e sobre nós mesmos em uma diversidade de instâncias anteriormente não entendidas como pedagógicas (GIROUX, 2002; STEINBERG, 1997).

Essa compreensão redimensionou os objetos de estudo no campo educacional, favorecendo que algumas vertentes de pesquisa passassem a ampliar seu olhar sobre uma variedade de práticas e locais que anteriormente não eram vistos como pedagógicos (programas de televisão, os *blogs* da internet, as revistas femininas, os livros infantis, etc.).

Dentre as possíveis análises cabe destacar a centralidade que as diferentes mídias assumem na educação dos sujeitos contemporâneos, inclusive deslocando a família e a escola desses lugares. Os discursos da mídia colaboram para divulgar e ensinar práticas culturais e sociais hegemônicas, além de incentivarem o consumo.

Segundo Andrade:

(...) é possível pensar as revistas voltadas para o público feminino, tanto infantil como adulto, como um artefato pedagógico que exerce poder sobre as mulheres e meninas, ensinando técnicas de como lidar com o corpo. Isso porque os discursos das revistas para mulheres e meninas se equivalem, de alguma forma, repetindo recei-

tas e dicas para atingirem aquele corpo que é representado na mídia como “ideal” (ANDRADE, 2003, p. 110).

Na opinião da autora, as revistas informam uma série de aspectos para as garotas melhorarem sua aparência. Trata-se de um conjunto de estratégias formuladas para que as mulheres realizem um aperfeiçoamento do corpo. O que está em jogo aqui é a correção do que não está perfeito. Baseadas em uma série de imagens-normas de mulheres, as publicações buscam estabelecer um diálogo entre o que as pessoas vêem nas revistas e o que são. Assim, indivíduos que estão insatisfeitos com seus corpos e sua aparência podem se considerar como defeituosos.

As jovens referem, em determinados momentos e situações, uma preferência pelos ensinamentos ou “dicas” das revistas em detrimento dos promovidos pelas mães. A razão dessa escolha, segundo elas, pode ser porque “mãe é mãe” ou, ainda, porque a “mãe fala tantas vezes”. Essas colocações, quando expostas lado a lado, sugerem um descrédito com relação às palavras da mãe. Tal situação pode estar ligada à idéia de que as mães apenas cumpririam funções preestabelecidas de cuidado, afeto e preocupação. A insistência pode levar a um descrédito ou talvez gerar uma rebeldia e, assim, uma reação contrária. As amigas são equiparadas às revistas como uma intervenção que tem mais efeito do que as palavras da mãe.

A diferenciação que as jovens realizam entre as revistas, as mães e as amigas ou outras pessoas indicam que as revistas e as amigas cumprem uma função pedagógica mais no sentido de alertar sobre o que comer, como se exercitar ou sobre o que está sendo feito errado. Desse modo, as jovens tornam-se responsáveis por seus próprios corpos, e mantê-los ou aperfeiçoá-los é como um dever que têm consigo mesmas.

Uma outra questão que merece ser abordada aqui é a utilização do diminutivo por parte da jovem quando esta se refere aos exercícios físicos para tornar “as pernas mais durinhas”. O emprego, por parte da garota, do diminutivo “durinhas” refere-se a uma parte específica do corpo sobre a qual a atenção deve ser concentrada. O modo como a jovem emprega o diminutivo corresponde às estratégias mais utilizadas nas revistas que dirigem seu foco para ensinar os cuidados adequados com o corpo a serem observados pelas mulheres. Conforme Stephan Malysse afirma:

Nesse movimento de recuperação do corpo, as revistas usam numerosos diminutivos para evocar uma relação de intimidade com o

corpo, um diálogo cordial, e assim amenizar no espírito das leitoras o esforço físico necessário para mudar seu corpo: o diminutivo está ligado a uma visão do corpo ao mesmo tempo como objeto de cuidado e de carinho. Utilizados em seguida no discurso comum, os diminutivos estabelecem um verdadeiro diálogo pessoal com as diferentes partes do corpo feminino (MALYSSE, 2002, p. 97).

O mercado editorial brasileiro, desde meados de 1970, vem alterando suas publicações na tentativa de adequar-se às novas demandas econômicas, políticas e culturais do país. A mudança nas revistas brasileiras³² visando a atender um outro público consumidor não tem cessado até os dias de hoje, ou seja, busca-se atender ao público jovem, entre 11 e 20 anos. Como um/a conselheiro/a, um/a amigo/a mais velho/a, as revistas aproximam-se das garotas com uma linguagem escrita e visual acessível e sedutora, buscando cativar esse público e indicar-lhe os caminhos corretos. As revistas atuais³³ vêm falando às jovens de temas como ficar, o primeiro beijo, a primeira transa, drogas, maquiagem, exercícios e dietas (FISCHER, 1996).

A centralidade do público jovem feminino como foco de uma série de revistas conecta-se a um conjunto de exigências dirigidas ao corpo para que este seja cada vez mais potente e jovem, um produtor de prazer e, ao mesmo tempo, um lugar que precisa ser protegido e guardado dos perigos. A historiadora Sant 'Anna (2002) define a voga do corpo feminino em dois movimentos concomitantes.

O primeiro é um movimento de expansão externa – impelindo cada corpo a se conectar direta e cotidianamente com as necessidades do mercado global; o segundo é de expansão interna, incitando cada um a voltar-se para seu corpo e a querer o controle e o aumento dos níveis de prazer. Ou seja, no primeiro caso, o corpo aparece intimamente conectado com interesses que ultrapassam a esfera de ação e de compreensão de cada um. É quando o corpo com suas singularidades e potências tende a desaparecer. Já, no segundo caso, o corpo ganha uma importância exagerada, porque são multiplicadas as exigências e as sensibilidades que cada indivíduo tem em relação a si mesmo (SANT' ANNA, 2002, p. 100).

³² A dissertação de Mestrado de Sandra Andrade, que analisa um programa da *Revista Boa Forma*, e a de Márcia Figueira, sobre a revista *Capricho*, apresentam interessantes considerações sobre o tema (Ver Biblio).

³³ “Num período de quase 60 anos, a estrutura básica das revistas femininas se mantém ainda hoje, embora elas estejam marcadas em diferentes épocas por todas as transformações da sociedade e particularmente, da mulher” (FISCHER, 1996, p. 208).

Trata-se de uma massificação dos cuidados com o corpo como se já não existissem singularidades e, por outro lado, de uma intensificação dos procedimentos individualizantes. É essa operação que faz com que o corpo seja um terreno de batalha, de conflitos e resistências, onde aparentemente as diferenças de raça, gênero e classe social desaparecem e o que vale são as escolhas individuais. No entanto, a ênfase no aperfeiçoamento da beleza do corpo feminino, o acesso diferenciado aos bens de consumo e a um tipo de beleza com características brancas e européias mostram-nos que a voga atual do corpo é recheada de normas e diferenças em que diversas instâncias sociais estão envolvidas e produzem efeitos de poder.

O fato de as jovens resistirem, como expresso nos depoimentos anteriores, a aceitar os conselhos das mães e optarem pelas orientações feitas pelas revistas ou por amigas não significa que estas ou as outras participantes da pesquisa não oscilem nas suas posições em relação a aceitar os ensinamentos familiares ou não.

4.4 Desigualdades visíveis: as diferenças espelhadas entre elas e eles

Ao serem questionadas sobre as diferenças entre elas e os guris, algumas jovens participantes manifestaram-se assim:

Ana Paula – Uma outra coisa assim que os guris... É mais simples para eles. O organismo deles é diferente do nosso, então, tipo... Eles fazem um esporte e ficam bonitos, sem celulite.

Kátia – E a gente se mata fazendo exercício, e sempre tem uma lá e outra que não sai!

Ana Paula – Não sei se é porque a gente é mais vaidosa e daí a gente... “ai, encontrei uma aqui”. Os guris, é mais fácil, é outro metabolismo, é difícil eles terem estria ou celulite, eu acho. A tendência é mais da mulher... Então, eles se cuidam menos...

É interessante perceber que, na primeira discussão, já era ressaltada uma maior facilidade para os garotos quanto aos modos de eles se vestirem, mesmo que isso demande um certo detalhamento. Nos fragmentos acima, vemos que as jovens se comparam com os garotos, apontando para tal facilidade com base nas diferenças de organismos de homens e mulheres. O esporte, para os garotos, não teria como função aperfeiçoar as formas corporais, mas seria uma atividade prazerosa em si mesma, como se os garotos, mesmo não dando tanta importância para o corpo, tivessem vantagens com seu corpo de “homem”.

Para as meninas, os exercícios físicos funcionariam como uma das armas para combater o inimigo invencível, ou seja, a celulite ou a estria – um trabalho árduo que se faz necessário. Uma das jovens utiliza a expressão “se mata fazendo exercício”, em que não parece restar dúvidas sobre o esforço empregado. Já Ana Paula expressa dois argumentos: o primeiro é que as mulheres, por serem mais vaidosas, acabam por procurar com mais minúcias as marcas indesejáveis no corpo; o segundo decorre das diferenças do metabolismo feminino e masculino, com as meninas tendo mais dificuldades para obter os resultados de uma pele livre de estrias e celulite.

Com esse tipo de argumentação por parte das jovens, nota-se o favorecimento da naturalização de aspectos biológicos do organismo que inferiorizam o corpo feminino. De acordo com Santos (2000), a naturalização da inferioridade do corpo feminino foi construída ao longo da tradição de pelo menos quatro séculos, por meio de práticas materiais ou não, que têm ensinado modos de ver e especificar o mundo, que não é nem um pouco natural (p.253). Segundo o mesmo autor, as formas de ver o mundo foram escolhidas e privilegiadas como modos de nomear o visível. Afirma ele:

O mundo ocidental ao dar primazia a um modo de visão se encolheu e, ao mesmo tempo, se alargou. No caso das classificações, se encolheu porque excluiu o gosto, o sabor, que eram como refere Foucault, por demais imprecisos, variáveis, e não dispunham de uma constância que pudesse ser quantificada e aceita; excluiu também o tato e algumas das coisas que ao olhar não podem fornecer comparações úteis, tais como a cor. Em seu lugar “emergem” linhas, superfícies, formas e relevos que podem ser contadas, capturadas, traduzidas em números, em letras. O campo de visibilidade, ressalta Foucault, não passa agora de um resíduo dessas exclusões, de tudo que saiu... (Santos, 2000, p.252).

A operação de busca do detalhe anatômico para definir as diferenças entre a mulher e o homem não é nova. Ao voltar seu escopo especialmente para as mulheres, a ciência não cessou até os dias de hoje de intervir no corpo, sob a moral da “boa-forma” - as marcas

indesejáveis e os excessos devem ser combatidos. Atualmente a ciência e seus especialistas promovem crenças nas quais a “celulite” e as estrias, por exemplo, são problemas que podem e devem ser resolvidos através de rituais de autotransformação.

Ao contrário do corpo masculino, o qual, nas discussões que apresentei anteriormente, é considerado “praticamente pronto”, o corpo feminino necessita de atitudes de intensificação das rotinas de cuidados e exercícios para tentar corrigir falhas ou diferenças metabólicas entre os sexos. As marcas de desigualdades entre mulheres e homens difundidas em muitos discursos tecno-científicos propõem soluções para diminuir tais diferenças orgânicas.

Isso sugere que o auto-exame, assim como as práticas corporais que podem vir acompanhadas do que for detectado, podem ser vistos como um tipo de conjunção entre a feminilidade como restrição à liberdade e a feminilidade como meio de liberdade. Ou seja, o cuidado pode servir, por um lado, para atender as exigências culturais de ser feminina, e, por outro, pode significar um meio de aperfeiçoamento pessoal, escolhido por ela, para agradar a si mesma.

Ainda sobre as diferenças entre os meninos e as meninas, perguntei o que achavam dos garotos que se cuidavam. Algumas expressaram-se assim:

Clara – Mas agora está mudando. Eles estão passando creme, se cuidando, fazendo as unhas até. Antigamente não era assim, agora a coisa evoluiu... Tanto os homens quanto as mulheres... Eu acho que é preconceito mesmo...do tipo “mulher é que faz as unhas... homem vai fazer? Isso é coisa de gay”. Por exemplo, a cor rosa... Eu não sei por que alguém põe na cabeça que rosa é de mulher.

Suzana – Só porque é guri. É que foi imposto que o guri não pode se cuidar como a guria. Eles têm que ser desleixados...

As jovens estabelecem duas posições opostas nas discussões acima. A primeira é a de “que as coisas estariam evoluindo”, e a outra é a “de que não combina muito por ser uma coisa que geralmente é da mulher”. Esse assunto surgiu na discussão em função de uma das garotas ter lembrado que, pouco tempo antes, haviam aparecido na escola alguns garotos com as unhas pintadas de preto. No contexto da discussão, a palavra “evolução” remete à idéia de surgimento de algo como resultado do processo que o termo designa. No

entanto, conforme Goellner: “o culto ao corpo como hoje vivenciamos, em que pesem as especificidades de cada momento histórico e cada cultura, tem seu início no século XVII e se intensifica no século XIX porque, nesse tempo, o corpo adquire relevância nas relações que se estabelecem entre os indivíduos” (GOELLNER, 2003, p. 35). Desde esse período, o ocupar-se de si mesmo ganha legitimidade, e, por conseguinte, a aparência do corpo recebe *status* de ser o corpo, onde o que está em jogo é uma moral das aparências.

Nesse sentido, a emergência, nos tempos atuais, de toda uma discursividade dirigida também aos homens para que cuidem do seu corpo, não só quanto ao vigor muscular e ao rendimento, como também para conservação e melhoria da aparência, tem suas condições de possibilidades no crescimento da indústria da beleza e da saúde ligadas a uma série de discursos preocupados com o corpo individual. Toda uma variedade de cosméticos, próteses esportivas, tatuagens, dietas individualizadas, suplementos e complementos alimentares, *personal traineer*, roupas para melhoria da performance atlética e muitas outras novidades, que não cessam de surgir, necessitavam ser ampliadas para além das mulheres enquanto um segmento consumidor.

Como apresentei anteriormente nas formulações teóricas do Capítulo 1, o conceito de gênero é relacional. Ele supõe que, para cada forma de feminilidade, se constitui uma forma de masculinidade; feminino e masculino dependem um do outro para definir-se, um está contido no outro. Tais formulações do conceito permitiram operar tanto sobre a construção social do feminino como também do masculino. Posso, nessa medida, afirmar que a masculinidade passa a ser percebida como culturalmente e discursivamente construída, variando em diferentes sociedades ou no interior de cada uma em diferentes períodos históricos.

A principal questão que se coloca na análise do diálogo acima transcrito é a de que a masculinidade não é tão natural quanto comumente se demonstra. Conforme João Trevisan (1998), o tornar-se homem é reforçado por uma oposição a tudo que possa fazê-lo assemelhar-se ao feminino. O autor acredita que, ao considerar ameaçador tudo aquilo que difere dele, o sistema masculino hegemônico evidencia a fragilidade de sua organização.

Com relação ao vestuário e à moda, desde muito cedo, meninos e meninas vão sendo diferenciados pelas roupas que lhes são vestidas, ensinando-se, desse modo, a cada sexo o que usar. A cor rosa marca desde móveis até roupas e acessórios de meninas, enquanto

que a cor azul emoldura uma bola de futebol ou animais selvagens, numa alusão clara à virilidade dos machos de várias espécies animais. O gosto e a preocupação com a moda têm de ser demonstrados pelas mulheres; as expressões contrárias, em boa parte das vezes, causam constrangimentos.

Desse ponto de vista, a masculinidade é um gênero minuciosamente vigiado que não permite pequenos desvios. A questão que se coloca aqui é: como, no caso dos grupos de iguais (como os/as jovens escolares), se transita por essas normas de feminilidades e masculinidades que a moda e o vestuário constituem? Já que ser homem demanda também um trabalho, um processo pedagógico.

Atualmente nem estranhamos mais quando vemos as mulheres de calça comprida; no entanto, não ocorre o mesmo quando homens usam saias ou pintam as unhas. As interdições referentes à moda estão tão enraizadas que dificilmente são questionadas. De acordo com José Dutra:

Há tantos anos associada à futilidade e aos caprichos “próprios das mulheres” ou ainda às “frescuras” e aos “afetamentos” próprios das “bichas”, é “natural” que a moda permaneça, nas representações coletivas, sendo uma técnica dispensável e não recomendável ao modelo de masculinidade que vigora. No entanto, não há nada que impeça o desenvolvimento de modelos alternativos de masculinidade, orientados por novas e diferentes concepções do que é ser homem (DUTRA, 2002, p. 367).

No que tange à moda feminina, esta vem, desde a era vitoriana, alternando-se em ciclos, mas mantendo a ênfase no princípio da sedução. Para os homens de negócios ou que ocupam cargos públicos, a moda fica cada vez mais discreta e ascética, tornando-os mais invisíveis e distintos, sendo a distinção uma ferramenta fundamental de prestígio e ascensão social (SOUZA, 1997). No entanto, entre os homens jovens que são citados pelas participantes da pesquisa, a tendência é completamente outra, muito mais próxima dos movimentos culturais/musicais que assumem posições mais andróginas, rebelando-se com normas de austeridade do vestuário masculino.

Talvez a grande ruptura com os modelos padronizados e ascéticos do vestuário masculino tenha ocorrido a partir da década de 60 do século passado, no bojo das lutas empreendidas pelos movimentos de contestação na Europa e em boa parte do mundo ocidental. Na esteira desses movimentos de contestação, emerge o movimento da contracultura, que utiliza as questões urbanas para desafiar o *status quo* da cultura de elite. A alta

costura e a moda *prête-à-porté* é alvo desse movimento, no qual as roupas de rua ou de inspiração étnica representam a ruptura com os modelos conservadores. Ao longo dos anos, a indústria da moda e do vestuário masculino vem realizando composições entre o estilo mais austero e o mais casual.

Já a década de 1980 caracteriza-se como um tempo em que as grandes lutas contestatórias não têm mais lugar. Sendo assim, a conjunção juventude/rebeldia, de lutas contra as grandes opressões, passa para protestos localizados em novos grupos. Surgem então espaços para uma “multiplicação de tribos”, como *punk*, *rock* e *heavy*, ligadas, na maioria das vezes, aos movimentos da música *pop*.

Esse processo de tribalização da juventude não tem cessado até os dias de hoje, com o surgimento de novas e renovadas tribos, como as de *surfes*, *clubbers*, *raps*, góticos e pagodeiros, ainda que com novas configurações e arranjos de força que instituem rupturas e tensões na construção e expressão das referências culturais dos jovens. Essa tribalização articula-se à participação no consumo de moda e do lazer oferecido pela indústria do entretenimento. Uma das características das novas tribos urbanas é o trânsito de jovens entre elas – sem necessariamente se apropriarem de seus códigos, os/as jovens apenas utilizam-se de alguns elementos estéticos de cada tribo. Uma tribo urbana é uma espécie de pacote de gosto musical, ídolos, roupas e acessórios, ao mesmo tempo em que pode ser simplesmente a expressão momentânea de preferência por uma moda ou por um artista *pop*.

Nesse contexto, os/as jovens encontram na mídia, no mundo do *show business* e no mercado de consumo a inspiração necessária para se expressarem, seja nos modos de vestir, seja na gestualidade que exibem. Assim, parece que as unhas pintadas de preto a que uma das jovens havia se referido conformam-se a diferentes tribos de inspiração musical no que se refere a adereços (*crucifixos*, *piercings*, correntes) e maquiagens (*rímel* e *sombra*) difundidos nos mercados de moda alternativos, como o “Mercado Mundo Mix³⁴” (MMM). A cor preta, nesses espaços, passa a significar rebeldia e contestação, ao mesmo tempo em que aponta para a possibilidade de múltiplas combinações.

³⁴ “O MMM pode ser considerado um parque *fashion* cultural onde se encontram roupas, cabeleireiros, maquiagens, acessórios, CDs, *bodypiercing* e uma rádio que toca durante todo o evento” (DUTRA, 2002, p. 382).

A suposta novidade seria a de que homens aderissem a esses artifícios para intervir na aparência. Segundo Dutra, os diferentes indivíduos aderem às modas porque “querem extrair satisfação, enviar mensagens novas, (...) se sentir contemporâneos, atualizados, ou mesmo à frente de seu tempo, querem se singularizar, sem correr o risco de parecerem ridículos” (DUTRA, 2002, p. 405). O autor segue afirmando que, por mais paradoxal que pareça, é inegável o desejo de pertencimento, de ser diferente e, ao mesmo tempo, ser aceito pelo grupo.

Recuperando as questões de gênero, quando alguns jovens homens na escola pintam as unhas, os ideais de masculinidade heterossexual usuais sofrem um abalo nas observações das garotas e dos garotos na medida em que o apreço e a observância das orientações da moda, tradicionalmente pertencem à esfera feminina. Quando os homens demonstram seu interesse pela moda de maneira não tão discreta, parece ocorrer um tensionamento que constrange a ousadia, atribuindo-lhes significações de “frescura” ou traços de efeminação.

Os mercados alternativos, como o MMM, nasceram ligados ao movimento GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes), portanto, com a bandeira política da diversidade. No entanto, o público consumidor desses mercados ampliou-se muito, permitindo que outros segmentos da população não necessariamente ligados ao GLS aderissem à moda e aos estilos não-convencionais. Os/as homossexuais e os/as bissexuais têm produzido rompimentos e antecipado mudanças estéticas e comerciais importantes no que se refere à moda, de certa forma, rompendo fronteiras e tornando mais ambíguas as posições de polaridade de gênero e reduzindo as diferenças no vestuário masculino e feminino. Cabe afirmar que há muitos e múltiplos sentidos em “ser homem”; portanto, os homens, mesmo os mais novos, têm podido vivenciar outras possibilidades de masculinidade, ainda que comedida e constantemente vigiadas.

Nesse contexto de multiplicação das masculinidades, um exemplo que já ganhou notoriedade foi o termo “metrossexual”. O jornalista inglês que o inventou, Mark Simpson, explica o que isso significa: “Metrossexual é o jovem que vive numa metrópole porque ali estão as melhores lojas, restaurantes, academias de ginásticas e cabeleireiros. Ele é consumista, mas a sua preferência sexual é irrelevante, porque o objeto de amor e prazer do metrossexual é ele mesmo” (Programa Globo Repórter 14/05/2004)..

O símbolo do homem metrosssexual é mesmo o jogador de futebol David Beckham, que não só usa maquiagem como faz as sobrancelhas. Em um vídeo realizado pela artista britânica Sam Wood Taylor, Beckham aparece dormindo em um quarto de hotel em Madri, depois de um jogo de futebol. Nas orelhas do jogador, brincos de brilhantes, e nas unhas, esmalte cintilante.

O programa afirma ainda:

Quem nunca empurrou carrinho de bebê ou usou creme hidratante nos olhos deve estar achando que o meio de campo do Real Madrid é gay. Não. David Beckham gosta tanto de mulher que, recentemente, se viu envolvido em um escândalo com uma espanhola, Rebecca Loos. O homem mais famoso do mundo simplesmente representa esta nova espécie: tradicional e macho na profissão e "dandy" e moderno na hora de lazer. É o metrosssexual, que veio para ficar (Idem).

Meu interesse nessa discussão não é o de realizar reflexões profundas sobre a sexualidade masculina, mas indicar o caráter agudo da recomposição pela qual as categorias relacionadas às identidades sexuais estão passando. Fernando Seffner também aponta para isso ao dizer que a nomeação de práticas sexuais, a produção de “sujeitos sexuais” (...) é um processo que opera de modo constante na sociedade, e no qual cada um de nós pode funcionar ora como sujeito, ora como objeto” (2003, p.12).

Seria impensável, até há pouco tempo atrás, que homens públicos como um atleta famoso (ainda mais no contexto de um esporte como o futebol, que é símbolo de virilidade) se disponha a ocupar-se, com tanto empenho, de cuidados estéticos tradicionalmente femininos como a maquiagem. Mesmo que no caso desse jogador de futebol e “estrela galáctica³⁵” que é David Beckham a mídia insista em afirmar que, apesar dos pesares, ele segue sendo “macho na cama”.

Referindo-se, pois, aos garotos, as jovens participantes discutiram o que entendiam como masculinidades aceitáveis:

Flávia – Eu gosto, eu acho bonitinho! Não precisa ficar com aquelas unhas todas podres. Não, ele não vai deixar de ser homem por isso, sabes? Isso é uma coisa conhecida como sendo da mulher... E eu acho que tem muito preconceito em relação ao homem se cuidar,

³⁵ É o apelido com que os principais jogadores do Real Madri como Ronaldinho, Zidane e Roberto Carlos são chamados, tanto pelos altos salários como pela penetração que estes alcançam na mídia.

até no cabelo... geral, sabe. Eu acho que tem muito preconceito, por mais que tenha evoluído o mundo. Acho que tem muito preconceito ainda sobre isso.

Denise – Cortar, tirar a cutícula, tudo bem, só não pintar de esmalte!

Suzana – De repente, passar uma base, eu acho que isso também é sinal de higiene.

Kátia – Não é que eu me importe, mas acho que é uma coisa que não combina muito, até porque é uma coisa que geralmente é da mulher.

Com relação às discussões acima, as jovens dividem-se entre as que apóiam amplamente, as que apóiam com certas reservas e as que não apóiam a absorção, pelos meninos, de hábitos convencionalmente tidos como femininos. Chama a atenção a questão do preconceito levantada pela jovem. O tom era definidor do debate, como se por si só resolvesse a questão. O termo “preconceito” remete a uma idéia, conceito ou opinião formados antecipadamente. Cabe lembrar aqui um artigo de Rosângela Soares e Rosimeri Aquino (2003), em que as autoras discutem, entre outras coisas, o programa especial da MTV chamado “Fica Comigo Gay”. Segundo elas, nos intervalos do programa, eram veiculadas vinhetas sobre temas relacionados a preconceito. Em uma dessas vinhetas, um texto dizia que “o pior dos preconceitos é ter preconceito” (p. 141). O preconceito, como algo politicamente errado, está ligado à idéia de assumir uma posição de forma apressada, ou melhor, ser intolerante.

A questão da tolerância vem sendo discutida e problematizada por grupos minoritários, principalmente os grupos das vertentes multiculturalistas que estão empenhados em obter reconhecimento das suas formas culturais e em ver-se representados na cultura nacional. A base deste debate está em destacar a diversidade das formas culturais do mundo contemporâneo. A principal crítica ao discurso da tolerância tem a ver com um *a priori* de que existe uma posição hierarquicamente superior, ou seja, uma certa superioridade que aceita ou tolera o outro e que seria igualada por sua suposta essência humana, sendo, nessa medida, que se tem o “apelo para o respeito, a tolerância e a convivência pacífica entre as culturas” (SILVA, 2000, p.85).

Quando as jovens participantes utilizam-se de um discurso “politicamente correto” com relação a ter ou não preconceito, operam de modo a posicionar o garoto ou os garotos que pintam as unhas, por exemplo, próximos da norma. A mesma jovem que, na discussão,

trouxe o argumento do preconceito disse depois que seu namorado também passa esmalte. Com isso, quero dizer que há uma tentativa de reafirmar a heterossexualidade dos garotos na medida em que a heterossexualidade feminina e masculina seria, para muitos dos discursos que circulam na cultura, a única forma sadia e normal de viver a sexualidade (LOURO, 2003).

Aceitando que os meninos demonstrem certos cuidados, como passar uma base, mas restringindo esse hábito a uma questão de higiene, as garotas podem estar apontando para a idéia de que unhas coloridas poderiam significar uma desestabilização da posição central ocupada pela masculinidade heterossexual. Segundo Louro: “A posição central é considerada a posição não problemática; todas as outras posições-de-sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas” (LOURO, 2003, p. 44).

Ao concluir este capítulo quero me reportar ao terceiro movimento que realizei ao utilizar a metáfora do caleidoscópio. Ao tentar selecionar os depoimentos para análise, me deparei com um sentimento - talvez pouco acadêmico – ou sensação de que as participantes da pesquisa “vomitavam” suas falas, ou seja, não eram falas elaboradas ou pensadas profundamente, elas apenas iam se manifestando em profusão, conforme eram provocadas por mim ou mesmo entre elas. Neste capítulo, apesar de ter arbitrado algum tipo de organização nas análises, procurei respeitar esse movimento incessante das falas das jovens. O olhar esteve nos fragmentos que discutem os conselhos ou exemplos familiares. Ou nos conselhos das revistas, ou nas diferenças que as jovens apontam existir entre elas e os guris. As jovens se constituem como sujeitos que se vêem e se mostram ocupadas em cuidar de si mesmas, o que não quer dizer que elas inventem as diferentes formas de cuidar. Segundo Foucault,

O sujeito constitui a si mesmo de uma maneira ativa das práticas do self, estas práticas, não obstante, não são algo que o indivíduo invente sozinho. São práticas que o indivíduo encontra em sua cultura e que são propostas, sugeridas e impostas a ele por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (FOUCAULT, 1987, p.11).

A norma vai sendo colocada em jogo pelas tecnologias de comunicação que estão apoiadas nos discursos científicos biomédicos. Deste modo, os cuidados com o corpo dependem ainda de um outro elemento que possa fazer os ajustes entre as possibilidades tecnológicas e a padronização de comportamentos exigida pelo mercado. Trata-se das rela-

ções de poder que realizam a passagem da norma ao risco. Posso exemplificar essa posição lembrando que muitas mulheres jovens se culpam pelo apetite, que funciona como marcador social potentes na medida em que pesa sobre a mulher gorda a ameaça de ela estar fora dos padrões da sociedade de consumo e o constrangimento sexual por estar fora do espectro do olhar social.

No último capítulo da dissertação, pretendo fazer o caminho de volta no texto, buscando destacar algumas análises que considero importantes para dar conta do movimento teórico na pesquisa que realizei.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE OS MODOS DE OLHAR

Ao redigir as considerações finais deste estudo, tenho por finalidade descrever resumidamente alguns pontos das análises realizadas nos capítulos anteriores a fim de que eu possa tecer considerações a respeito desta pesquisa.

Nas primeiras páginas da dissertação trouxe uma declaração de Mino Carta criticando determinadas revistas que se preocupavam com a forma e o peso das mulheres brasileiras. Numa pequena pausa entre o capítulo 4 e a feitura destas considerações finais, ao folhear as primeiras páginas da revista *Carta Capital*³⁶ do início do mês de dezembro deste ano, da qual o mesmo jornalista é o diretor e editor-chefe, surpreendi-me com o tópico abordado nas duas primeiras matérias. Tratava-se da mesma temática que, dois anos antes, o próprio Mino Carta tinha avaliado negativamente. As reportagens mantiveram-se fieis à linha editorial da revista, ou seja, seriedade, investigação jornalística, sem recorrer “ao faça isso ou faça aquilo”, que são marcas das majorias das publicações quando tematizam o corpo feminino. A primeira matéria tratava de um concurso de beleza no presídio feminino, tendo como manchete “As belas da cadeia”. A segunda reportagem contava a história de uma jovem negra, ex-catadora de lixo, que foi “descoberta” e está passando por um banho de loja (incluindo várias cirurgias plásticas) e preparando-se para seguir a carreira de modelo - “Making of de Cinderela” é como está intitulada a matéria.

Não se trata aqui, de condenar o esquecimento do jornalista ou exigir sua coerência, ainda mais que, na cena política brasileira, isto já se tornou lugar comum. Também não é o caso de analisar os discursos inseridos nas declarações ou nas reportagens, mas reafirmar a visibilidade da temática, nestes tempos contemporâneos, como afirma Sant’ Anna:

Numa cultura que reconhece as pessoa a partir daquilo que elas possuem e daquilo que elas conseguem acessar, ter um corpo e suas “senhas” de acesso, representa uma riqueza invejável. Por isso é preciso ostentar isto que se tem, frisar a posse, para si e para os outros. É preciso acreditar que o corpo que “se tem” é de fato totalmente possuído por seu proprietário, completamente disponível diante de suas vontades e seus sonhos (SANT’ ANNA, 2001b, p.19).

³⁶ Carta Capital, 1/12/2004, n°319, p.8-17.

Convoco a discussão dessa autora para refazer o percurso desta dissertação, para mais uma vez chamar atenção para alguns aspectos que tem contribuído para que as mulheres jovens privilegiem certas práticas culturais para cuidar do corpo.

Neste sentido, procurei argumentar como a noção de “corpo projeto” pode ser produtiva para compreender o movimento que as jovens participantes da pesquisa realizam em si mesmas. A potência desse investimento sobre seu próprio corpo ganha sentidos diversos nas vozes dessas garotas. Em nome da dimensão “saúde”, ou melhor, saúdes, realiza-se um conjunto de intervenções que visam aperfeiçoar, melhorar e modificar o corpo, destacando-se os exercícios físicos, a alimentação e o vestuário.

Para estarmos sintonizadas com a “nova ordem social” do corpo projeto é preciso que todos nós aprendamos sobre as mudanças quanto ao que precisa ser cuidado, quanto ao modo de cuidar e no que se espera ser ao cuidar de si. Cabe lembrar que esta nova ordem social não é neutra, ou seja, ela é um construto cultural que envolve uma série de relações de saber-poder e de lutas em torno de significações. Deste modo, além de posicionarem os sujeitos masculinos e femininos de formas diferentes, incluem demandas distintas, aos homens, às mulheres, aos idosos, aos/às jovens e às crianças.

Os discursos sobre saúde, articulados a uma série de outros discursos, como o publicitário, o estético, o familiar, o educacional e o do senso comum, produziram as condições para que as jovens participantes da pesquisa ocupassem determinadas posições de sujeito nas relações de cuidado que estabelecem com seu corpo.

Percebi que as mulheres jovens que participaram das discussões grupais ocupam posições de sujeito que são múltiplas e conflitantes. As noções de pertencimento, beleza, bem-estar, saúde e alimentação adequada oscilam o tempo todo. A variação vai desde as posições que têm afinidade com as normas estabelecidas nos discursos que constroem determinadas concepções como as mais corretas, até aquelas posições que as jovens constroem, de modos singulares, nas relações que têm no cotidiano escolar, familiar e no restante do meio social em que vivem.

Destaco, em seguida, alguns aspectos da teorização de gênero que pude empreender através da análise nas três unidades temáticas que organizei a partir da imagem do caleidoscópio.

Na unidade referente à primeira dimensão do cuidado, que defini como sendo provocada pelo reflexividade das observações dos outros, percebi que as falas das jovens sugerem que ocorre um esquadramento sobre o corpo feminino jovem através de um olhar sobre seus corpos que, na maioria das vezes, opera classificando suas atitudes no manejo do corpo. Isso acabaria por produzir, nas jovens, uma atitude reflexiva, de auto-observação, que as leva a preocuparem-se, a entristecerem e a desejarem modificar seus corpos e atitudes, mesmo que tenham de remeter para o futuro outras possíveis formas de intervir no corpo.

Um outro ponto refere-se ao modo como as jovens tomam para si os discursos que naturalizam a juventude como um período de inseguranças e, portanto, de subordinação. Somam-se a isso, posições que tendem a essencializar como inerentes à mulher aspectos relacionados aos modos como se vigiam e se criticam.

Quando se trata de um olhar sobre si mesmas, as jovens assumem um tom resignado por não estarem cumprindo integralmente os imperativos das políticas de promoção da saúde. Em relação aos discursos de promoção da saúde e de sua penetração no universo jovem e, especificamente, no das mulheres jovens, vê-se que desde muito cedo elas passam a ser responsabilizadas pela ausência ou não de doenças. Nessa medida, são cobradas a terem atitudes que evitem a diabetes, a obesidade, etc. O resultado mais comum é a autoculpabilização por suas atitudes quando não alteram suas rotinas em direção às normas de saúde e de feminilidade.

Nesse contexto, emerge das jovens a solução para as dificuldades em aderir às rotinas de dieta e fitness consideradas fundamentais para a boa saúde. Trata-se da força de vontade como um atributo necessário para a transformação em um sujeito melhor, em uma jovem melhor. A força de vontade opera como uma medida entre as escolhas atraentes, prazerosas, e as que são consideradas adequadas, de forma que as jovens passam a regular suas condutas em termos de moralidade.

As refeições, tidas como práticas ou momentos em que a comida é preparada e servida, são contrapostas aos lanches rápidos. As duas formas de comer obedecem a essa modalidade de escolhas que têm na força de vontade o seu parâmetro decisivo. É claro, isso não quer dizer que qualquer alimentação não carregue consigo outros valores, como noções de pertencimento ao grupo de iguais através dos lanches nos locais da moda, ou parti-

cipação nos ambientes familiares – o sentar-se à mesa, por exemplo - além de um possível *status* de classe por consumir determinado tipo de alimento, ou ainda, de praticidade e estilo jovem.

Outro ponto importante que atravessa as escolhas alimentares tem a ver com o conhecimento, cada vez mais disseminado pelos campos tecnocientíficos, sobre as calorias (energias) dos alimentos; os dados numéricos constituem discursos que definem e produzem materialidades. Nesse caso, as jovens poderiam controlar o que comem, ou o que deixam de comer, bem como as calorias gastas nos exercícios físicos. Um exemplo de como as jovens colocam em ação tais conhecimentos sobre as calorias dos alimentos são as falas sobre a prática de deixar de comer, ou reduzir o consumo de alimentos, nos dias que antecedem às festas.

Analisei, na última seção do segundo capítulo, como as jovens participantes significavam as práticas corporais de outras mulheres. Chamou a atenção que as práticas mais destacadas pelas jovens tinham a ver com vomitar ou deixar de comer a ponto de desmaiar. As jovens associaram tais comportamentos relativos à alimentação com patologias como a anorexia e a bulimia, que comumente são consideradas como “desordens” supostamente ligadas ao gênero feminino. Parece que algumas jovens que participaram da pesquisa têm se submetido a tais práticas em alguns momentos. O que indica não um diagnóstico psicopatológico, mas uma via de aprendizado ou de experimentação como tantas outras que realizam em suas vidas.

Nessa linha, posso pensar que, diversas formas culturais, como os discursos biomédicos estão diretamente implicados, na produção e legitimação das desigualdades de gênero, sendo exemplos as que apontam que determinadas condutas são naturalmente femininas - como forçar o vômito ou submeter-se a dietas severas - e que o conseqüente adoecimento de uma parcela das mulheres demonstraria a história de seus descontroles.

No terceiro capítulo desta dissertação, procurei explorar as discussões grupais em torno do cuidado, enfatizando as formas de controle e regulação que transformam a experiência das jovens consigo mesmas.

Na primeira parte desse capítulo, o vestuário configura-se como o vetor principal no modo como as jovens são vigiadas, tanto através dos discursos que naturalizam o apre-

ço e a vaidade como características femininas como o deslocamento que aparece nas falas das jovens ao afirmar que o garoto também é vaidoso, só que de um modo diferente. Diferente também o modo como a juventude percebe-se aderindo aos variados modos de se dotar de uma identidade, *punk*, *surfe* ou *grunge* e, principalmente, “mauricinhos e patricinhas”, que parecem incorporar pressupostos de masculinidades e feminilidades tradicionais, onde o primeiro termo se refere a um homem bem sucedido profissionalmente, enquanto que o segundo termo se conecta à idéia da mulher que é sustentada e que se ocupa com futilidades. As jovens participantes, ao que parece, mesmo que demonstrem ter a capacidade de consumo das patricinhas, não aceitam os valores e as posições de sujeito que tal identidade comporta.

Na segunda parte do capítulo procurei analisar fragmentos das discussões entre as jovens quando estas abordam as relações com seus familiares. Essa perspectiva permite que se possa perceber algumas das modalidades pelas quais as mulheres jovens são posicionadas e aprendem/ensinam lugares específicos para cada gênero. Segundo Foucault, tais práticas “(...) tomam corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas que as impõem e mantêm, ao mesmo tempo” (FOUCAULT, 1989, p. 10).

Os cuidados com o corpo relativamente aos hábitos alimentares integram uma rede de estratégias direcionadas ao modo de ser e agir das pessoas e da população. Dentre essas estratégias de transformar o corpo em direção à esbelteza, vai sendo ensinado para as mulheres jovens que as dietas para emagrecimento parecem algo natural, que toda mulher, em algum momento da vida, deve fazer dieta se quiser ter sucesso em termos de atratividade.

Pode-se dizer que o que está em jogo aqui são estratégias que são utilizadas por personagens diferentes – mãe/irmão/pai, que tratam de naturalizar funções e lugares sociais como sendo específicos de cada gênero. O pai e o irmão se ocupam do caráter e da aparência, enquanto a mãe cabe cuidar para que a filha aprenda a alimentar-se bem para cuidar da saúde. O corpo magro feminino não aparece como resultado de uma arbitrariedade genética ou hereditária, mas como um trabalho sobre si mesma, que pode resultar em beleza, atratividade, disciplina e saúde para as mulheres-jovens. É nessa medida que um apetite controlado, e vestir-se ou maquiar-se sem excessos articulam-se a uma série de mecanismos de automonitoramento e autodisciplinamento.

E na terceira parte, a análise focalizou a relação entre as jovens e pessoas que não pertencem ao seu grupo de iguais, mas que, ainda sim, participam da sua formação moral enunciando desde as preocupações com saúde até regimes de emagrecimento e normas de feminilidade.

Nas falas das jovens participantes chama a atenção, ao abordarem como as pessoas de outras gerações cuidam do corpo, uma tendência a balizar suas experiências em um possível aprendizado que a maturidade trará, afirmando que, nesses tempos contemporâneos, o que importa é aprender modos de viver o aqui e o agora. Mas isso não assegura que as jovens não fiquem confusas, que suas experiências e desejos não sejam conflitantes e que não se sintam culpadas quando ousam arriscar.

Outro aspecto a ser destacado é o de que a ameaça de adoecer, que parece ser uma das preocupações centrais das mulheres mais velhas, sugere a responsabilização pessoal pelas escolhas no manejo do cuidado e a culpabilização do próprio indivíduo caso venham a adoecer.

As questões de gênero articulam-se às regras da boa saúde tanto do ponto de vista de não se expor a “riscos”, escolhendo alimentos saudáveis, como as questões de se tornar ou manter-se atraente. Neste ponto, cabe lembrar, que para as jovens, a busca pela atratividade se estabiliza ou parece cessar no momento em que as mulheres vivem relações estáveis com os homens. Isso, como já afirmei anteriormente, pode significar uma forma de rejeitar outra obrigação/imposição social.

Na última unidade do cuidado olhei para os depoimentos procurando seguir o movimento incessante que as jovens produziram ao falar sobre o corpo. Na primeira parte, tratei de analisar as dúvidas que as jovens tem em relação aos cuidados corporais, em que visibilizei uma série de mecanismos de poder que buscam controlar os indivíduos. Neste sentido, os saberes estatísticos e as normas decorrentes estabelecem as chances e as possibilidades biológicas de regular e transformar o corpo.

Na segunda parte do capítulo procurei explorar alguns depoimentos das jovens que faziam um movimento de separar os valores em positivos e negativos. Os valores positivos na relação consigo mesmas, segundo as jovens, seriam o bem-estar, a eficiência, o diálogo com os pais e a tolerância. Enquanto os negativos a bebida, o fumo e falta de diálogo. Es-

ses valores implicam o cuidado a partir do risco como uma negatividade a ser evitada. “Tudo o que proporciona prazer, e que é nosso dever conquistar, pode implicar dependência e risco de morte prematura” (VAZ, 1999, p.107).

Na terceira divisão do capítulo procurei abordar a posição que as revistas dirigidas as jovens ocupam na regulação e nas escolhas que as jovens tem em relação aos cuidados com o corpo. Aí pude perceber que as revista e a mídia em geral ocupam um lugar quase tão central quanto o da mãe na gestão do corpo. A mídia tem um poder decisivo na forma de o poder ser exercido, tendo em vista que ela através das diferentes estratégias de sedução tenta gerenciar os hábitos de vida cotidianos e os riscos que se corre ao não fazer opção tida como correta, além de tentar constituir um consumo tido como para além da necessidade. Isso não quer dizer que as jovens aderem completamente aos discursos midiáticos, mas que estes discursos permanecem operando como mensagens que aparecem e desaparecem o tempo todo.

Na última divisão do capítulo abordei as questões de gênero articuladas à juventude que estão presentes, nas falas das jovens e acabam por separar comportamentos que seriam dos meninos e das meninas. Tais posições realizam uma hierarquização em que determinadas atitudes são consideradas femininas, como estar se examinando constantemente ou fazendo sacrifícios para estar bonita, enquanto que, para os garotos, seria mais fácil cuidar do corpo devido à diferença do metabolismo. No entanto, essa fronteira, no decorrer dos depoimentos, foi sendo deslocada, tanto em relação aos muitos cuidados que estão à disposição dos homens como às mudanças constantes da moda..

A produtividade das análises dos depoimentos em torno das questões do cuidado pode ser percebida nas muitas hesitações que as jovens demonstram nos momentos de fixar determinados modos de ser jovem na contemporaneidade. Pode-se pensar que problematizações como essas são interessantes na medida em que desestabilizam a fixidez dos processos de se tornar mulheres e homens jovens.

Faço esse caminho de volta como uma forma de pensar na mudança sobre a temática do cuidado que foi se desenrolando no decorrer deste estudo. Trata-se de uma mudança, de um movimento e, principalmente, de uma torção dos modos de olhar, e, neste sentido, o caleidoscópio passou desde um olhar de fora, a um olhar para dentro, ou como diria Deleuze em relação às preocupações de Foucault com o duplo “uma interiorização do lado de

fora”. Deste modo, posso afirmar que as meninas que participaram da pesquisa fizeram um jogo entre a consequência de uma escolha e o prazer que podemos obter dessa escolha. A hesitação, quando ela aparece, é aquela entre fazer e não fazer algo, entre o prazer e o risco, entre a emoção imediata e o futuro simulado; em todo o caso, a sensação é de não terminar nada nunca. Estaremos sempre aprendendo a pesquisar e a cuidar do corpo...

Trago como comecei uma estrofe da música de Herbert Vianna: “Se tudo tem que terminar assim/ Que pelo menos seja até o fim/ Pra gente não ter mais que terminar”.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUCHAIN, Ana Luiza. *Aspectos históricos da anorexia nervosa*. In: NUNES, APOLINÁRIO et al, Transtornos alimentares e obesidade, Porto Alegre, p.13-20, ArtMed, 1998.

ABELASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

ADELMAN, Miriam. *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina?* In: *Revista dos Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, 1999.

ANDRADE, Sandra. *Uma boa forma de ser feliz: Representações de corpo feminino na revista Boa Forma*, Porto Alegre, UFRGS/FACED, Dissertação de Mestrado, 2002.

_____. *Mídia impressa e educação de corpos femininos*. In: GOELLNER, S. NECKEL, J e LOURO, G. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

AQUINO, Rosimeri e SOARES, Rosângela. *Juventude, escola e mídia*. In: GOELLNER, S. NECKEL, J e LOURO, G. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

BARTHES, Roland. *O jogo do Caleidoscópio*. In: ____ *O grão da voz*. Lisboa: 1982.

BIRMAN, Joel. *Entre Cuidado e Saber de Si: Sobre Foucault e a Psicanálise*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2000.

BIVAR, Antônio. *O que é punk?* São Paulo, Brasiliense, 1982.

BORDO, Susan. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*. In: BORDO, S & JAGGAR, A. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BORDO, Susan. (1997) *Reading the slender body*. In: Kathryn Woodward (eds). *Identity and difference*. London, The Open University, pp. 167-181.

BRAY, Abigail. *The anorexic body: Reading Disorders, Cultural Studies*, Routledge, 1996, p. 413 – 414.

BRUMBERG, Joan. *The body project: an intimate history of american girls*. New York: Random House, 1997.

CABEDA, S, CARNEIRO, Denise Laranjeira (org). *O corpo ainda é pouco: Seminário sobre a contemporaneidade*, Feira de Santana/ Organizadoras: Feira de Santana, NUC/UEFS, 2000.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

CASTIEL, David. Quem vive mais morre menos? Estilo de riscos e promoção da saúde. In: PALMA, ESTEVÃO e BAGRICHEVSKY (Orgs.) *Saúde em debate na educação física*, Blumenau: Edibes, 2003.

CHERNIN, Kim. *The Obsession: reflections on tyranny of slenderness*, New York, Harper and Row, 1981.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.20, n.2, p.31 – 42, jul/dez.1995.

COSTA, M. SILVEIRA, R. SOMMER, L. Estudos culturais, educação e pedagogia. In: *Revista Brasileira de Educação*. Nº 23, Mai/ Jun/Jul/Ago, 2003.

CUBIDES: TOSCANO e VALDERRAMA (ed). “Viviendo a toda” – Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Série Encuentros, Fundacion Universidad Central, Santa Fé de Bogotá: Paidós, p. 69-83. 1998.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*, São Paulo, Ed. SENAC, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*, São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Conversações*, Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO DA LINGUA PORTUGUESA. Objetiva, São Paulo. 2003

DORNELLES, Leni, *Meninas no Papel*. UFRGS/FADED, Tese de Doutorado, Porto Alegre, 2002.

DUTRA, José Luis. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”: A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDEMBERG, RAMOS. *Nú e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro, Record, 2002, p. 359 - 412.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, v. 1, 1994.

_____. *O processo civilizador: Formação do estado e civilização*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, v. 2, 1993.

EWALD, François. *Foucault a norma e o direito*, Lisboa, Veja, 1993.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDEMBERG, RAMOS. *Nú e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro, Record, 2002, p. 189- 264.

FAUX, Dorothy Schefer et al. *Beleza do século*. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2000.

FERREIRA & NASCIMENTO (org). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*, Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

FERNÁNDEZ, M; SAINZ, A; GRAZON, M. *Treinamento físico-desportivo e alimentação da infância à idade adulta*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2002.

FIGUEIRA, Márcia. *Representações do corpo feminino na revista Capricho: saúde, beleza e moda*. Porto Alegre, UFRGS/ESEF. Dissertação de Mestrado, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, Tese de Doutorado, 1996.

_____. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FLANDRIN & MONTANARI (org). *História da alimentação*, São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Grall, 1979.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Grall, 1987.

_____. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Grall, 1995.

_____. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1989.

_____. *Arqueologia do saber*, 1987, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Verdade e poder* In: *Microfísica do Poder*, Graal, Rio de Janeiro, 2002.

FRAGA, Alex. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada*, Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

_____. *Evangelho do agito: uma forma de ativar o corpo e regular a vida*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, Proposta de tese, 2002.

_____. *A boa forma de João e o estilo de Fernanda*. In: LOURO, NECKEL, GOELLNER (Orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo*, Petrópolis, Vozes, 2003.

FREITAS, Maria. *Mulher Light: corpo, dieta e repressão*. In: FERREIRA e NASCIMENTO, *Imagens da mulher na cultura contemporânea*, NEIM/UFBA, Salvador, 2002, p. 23-24.

FREYRE, Gilberto, *Modos de homem & modas de mulher*, Rio Janeiro, Record, 1997.

GASTALDO, Denise. É a educação em saúde “saudável”? Repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.1, p. 147-168, jan.- jun.1997.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

GIARD, Luce. Narrativas de espaços. In: CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*, Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo, UNESP, 1993.

GIL, Marta López. *El cuerpo, el sujeto, la condición de mujer*. Buenos Aires, Biblos, 1999.

GIROUX, Henri. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GROSS, Michael. *Modelo – O mundo feio das mulheres lindas*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.

GOELLNER, S. NECKEL, J e LOURO, G. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOLDEMBERG, RAMOS. A civilização das formas: o corpo como valor. In: Nú e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Rio de Janeiro, Record, 2002, p.19-40.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 17-46, jul.-dez., 1997.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JAGGAR, A. & BORDO, S. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

BARBOUR, R. S. e KITZINGER, J. *Developing focus group reseach: politics, teory and practice*. London,1999.

KLEIN, Carin. “... Um cartão [que] mudou nossa vida”? Maternidade veiculadas/instituídas pelo Programa Nacional Bolsa-Escola. Porto Alegre: UFRGS/FACED, Dissertação de Mestrado, 2003.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T.T. (Org.). *O sujeito da educação*, Petrópolis, Vozes, 1984.

LOURO, Guacira. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.

_____. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, p101-132, jul./dez. 1995.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado*. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, NECKEL, GOELLNER (Orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo*, Petrópolis, Vozes, 2003.

LUPTON, Débora. Corpos, prazeres e práticas do eu, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 15-48, jul./dez. 2000.

MACHADO, Roberto. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, 2002.

MALSON, Helen. *The Thin Woman: Feminism, post-structuralism and the social psychology of anorexia nervosa*. London, Routledge, 1998.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca.. In: GOLDEMBERG, RAMOS (orgs). *Nú e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro, Record, 2002, p.79-138.

MARGULLIS, Mario, (2001). Globalización y cultura. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Argentina: Universidad de Buenos Aires. Disponível em: <http://www.fsoc.uba.ar/Publicaciones/Sociedad/Soci09/margulis.html>. Acesso em 20/03/2004.

MEYER, Dagmar. *Identidades traduzidas: cultura teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul, Sinodal, 2000a.

_____. Saúde da Mulher: Indagações sobre a produção de gênero. *O mundo da Saúde*, São Paulo, v.23, n. 2, p. 113-119, mar./abr. 1999.

_____. Gênero e Saúde: a construção dos corpos femininos a partir do pós-estruturalismo e dos estudos culturais. *Revista Ciências da Saúde*. UFSC, Florianópolis, v. 17, n. 1, jan/jun. 1998.

_____. As mamas como constituintes da maternidade: Uma história do passado? *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.25, n.2, p. 117-133, jul./dez. 2000b.

MEYER, D. OLIVEIRA, D. SANTOS, L. MONTANO, D. Educação, saúde, gênero e mídia: um estudo sobre HIV/AIDS – DSTs com agentes comunitários/as de saúde do Programa de Saúde da Família, Relatório Final, Porto Alegre, 2003.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. NECKEL, J, *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.1 (jan/mar), 2004

MEYER, D. e SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER e SOARES (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, 2004.

MIRA, Carlos. Exercício físico e saúde: da crítica prudente. In: PALMA, ESTEVÃO e BAGRICHEVSKY (Orgs.) *Saúde em debate na educação física*, Blumenau: Edibes, 2003.

MORGAN & AZEVEDO. Aspectos socioculturais. In: NUNES, APOLINÁRIO et al, *Transtornos alimentares e obesidade*, Porto Alegre, p.86-96, ArtMed, 1998.

NAHAS, Marcus. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceito e sugestões para um estilo de vida ativo*, Londrina: Midiograf. 2003.

NETLLETON, Sarah. Governando o perigoso self: Como ter saúde, dinheiro e sabedoria, p, 208-222. In: PETERSEN, A . BUNTIN, B. *Foucault health and medicine*. London: Routledge, 1997.

NUNES, Maria Angélica. *Prevalência de comportamentos alimentares anormais e práticas inadequadas de controle de peso em mulheres de 12 a 29 anos em Porto Alegre*, Pelotas: UPPEL/ FAMED, Dissertação de Mestrado, 1997.

NUNES, M. e RAMOS, D. Anorexia Nervosa: Classificação Diagnóstica e Quadro Clínico. In: *Transtornos alimentares e obesidade*, Porto Alegre: Artmed, 1998.

OLIVEIRA, Dora Lucia Leidens de. *Brazilian adolescent women talk about HIV/AIDS risk reconceptualizing risk sex – What implication for health promotion ?* London, University of London/ Institute f Educacion, 2001.

_____, A ‘nova’ saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação, 25 p. Porto Alegre, 2004, Trabalho não publicado.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, ORLANDI & VEIGA-NETO (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

PALMA, A. Estevão, A. BAGRICHEVSKY, M. Análise sobre os limites da interferência causal no contexto investigativo sobre o exercício físico e saúde. In: PALMA, ESTEVÃO e BAGRICHEVSKY (Orgs.). *Saúde em debate na educação física*, Blumenau: Edibes, 2003.

PINOTTI, Dricca. *De menina à mulher: Tudo que você precisa saber para sobreviver à adolescência e se transformar em uma mulher de sucesso*, São Paulo, Alegro, 2001.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: Hucitec, 1989.

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T.T. *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 173 - 210.

PROGRAMA FANTÁSTICO, veiculado em 08/02/2004.

www.globo.com.br/programafantastico/html), acessado em 19/02/2004..

PROGRAMA GLOBO REPÓRTER veiculado em 14/05/2004

<http://redeglobo6.globo.com/Globoreporter/html>, acessado em 12/08/2004. Globo repórter.

REVISTA PENSE LEVE, n° 120, p.16, 2002.

REVISTA VEJA, Edição Especial, agosto de 2003, p. 44-45.

REVISTA CARTA CAPITAL, 1/12/2004, n°319, p.8-17.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para la discusión. In: *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação. N° 23, Mai/Jun/Jul/Ago, 2003.

ROSE, Nikolas. Como deve se fazer a história do Eu? *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.26, n.1, p. 33-57, jan./jun. 2001.

SANT'ANNA, Denise B. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, ORLANDI & VEIGA-NETO (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

SANT' ANNA, Denise B. Bom para os olhos, bom para o estômago: o espetáculo contemporâneo da alimentação. In: PRO-POSIÇÕES, Revista quadrimestral da Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, vol. 14, n. 2 maio/ago. 2003.

_____. É possível realizar uma história do corpo. In: SOARES, C. *Corpo e história*, Autores Associados, Campinas, 2001.

_____. *Corpos de Passagem* – ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

_____. (org). Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.) *Políticas do corpo: Elementos para a história das práticas corporais*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos Santos. Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo. Porto Alegre: UFRGS/FACED, Dissertação de Mestrado, 1998.

_____, A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...*Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 2000.

SCHIEBINGER, Londa. Esqueletos no Armário: as primeiras ilustrações do esqueleto feminino na anatomia do século XVIII. In: GALLAGHER, C & LAQUEUR, T. *The making of the Modern Body*, Califórnia, University of California Press, 1987.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da Masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, Tese de Doutorado, 2003.

SENNETT, Richard. *A corrosão do carácter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Lisboa, Terramar, 2000.

SERRA, Giane e SANTOS, Elisabeth. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2003.

SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Ana M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Autores Associados, Campinas, 2001.

SILVA, Tomás Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

_____. (org). *Nunca Fomos Humanos: nos rastros dos sujeitos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

SOARES, Carmen. PRO-POSIÇÕES, *Revista quadrimestral da Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas*, vol. 14, n. 2 maio/ago. 2003

SOARES, Rosângela e MEYER, Dagmar. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas? In: *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação. Nº 23, Mai/ Jun/Jul/Ago, 2003., p. 136 –148.

SOUZA, Nádia Geiza Silveira de. *Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...*Porto Alegre, UFRGS/ICBS, Tese de doutorado, 2001.

_____. Implicações dos Estudos Culturais em experiências de alunas da disciplina de prática de ensino do curso de pedagogia. I Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, Canoas, Anais, R020, p. 37, 2004.

STEINBERG, Shirley 1997. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: SILVA, Luis Heron; Azevedo, José; SANTOS, Edmilson (Orgs.) *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED, 1997.

TREICHLER, Paula. AIDS, homophobia, and biomedical discourse: an epidemic of signification. In: PARKER, R & AGGLETON, P. (Orgs.). *Culture, society and sexuality –a reader*. Califórnia: UCL Press, 1998. p. 357-386.

TOSCANO e VALDERRAMA (ed). “Viviendo a toda” – Jóvenes, territorios culturais y nuevas sensibilidades. *Série Encuentros*, Fundación Universidad Central, Santa Fé de Bogotá: Paidós, p. 69-83, 1998.

VALIENTE, Henrique. *Anorexia y bulimia: El corsé de la autodisciplina*. In: CUBIDES; TOSCANO e VALDERRAMA (ed). “Viviendo a toda” – Jóvenes, territorios culturais y nuevas sensibilidades. *Serie Encuentros*, Fundación Universidad Central, Santa Fé de Bogotá: Piados, p. 69 – 83, 1998.

TREVISAN, João. Seis balas num buraco só: a crise do masculino. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. *Corpo e Risco*. [PDF](#) [59kb]. Fórum Média, Viseu, v. 1, n. 1, p.101-111, 1999..

VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Crítica pós-estruturalista e educação*, Porto Alegre, Sulina, 1995.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo a Sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.35 – 82.

WEINBERG, Cybelle (org.). *Geração delivery: Adolescer no mundo atual*. São Paulo, Sá, 2001.

7 ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa, intitulada “Práticas corporais e os cuidados com o corpo: como jovens estudantes aprendem a usar estratégias de cuidado consigo ” justifica-se pela ausência de estudos que problematizem as práticas corporais do ponto de vista das ciências sociais e humanas. O objetivo desta pesquisa é explorar os pontos de vista das adolescentes estudantes no Colégio de Aplicação da UFRGS, sobre como se constituem as aprendizagens para manterem-se ou modificarem seus corpos.

A participante da pesquisa fará parte junto com outras jovens, de reuniões, quando serão discutidos assuntos pertinentes à temática da pesquisa.

Pelo presente Termo de Consentimento declaro que fui esclarecida(o), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios do referido Projeto de Pesquisa.

Fui igualmente informada(o):

1. Da garantia de receber respostas a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida sobre os procedimentos de risco, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso me traga nenhum tipo de prejuízo.
3. Da segurança de que não serei identificada(o) e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a minha privacidade e da ausência de custos pessoais.
4. Do compromisso do pesquisador em proporcionar informação atualizada obtida durante estudo, ainda que esta possa afetar minha vontade de continuar participando. O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é o mestrando José Geraldo S. Damico, orientada pela Prof. Dra. Dagmar E. Meyer (Fone: 33168159) e co-orientado pela Prof. Dra. Dora L. L. de Oliveira (Fone: 33165428).

Data...../...../.....

Assinatura da(o) responsável,

Assinatura da voluntária

Assinatura do responsável pela pesquisa

ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS – COLÉGIO APLICAÇÃO/UFRGS

I Encontro

- a) apresentando o processo da pesquisa – (em círculo/ a participante tocará no ombro da colega ao lado, apresentando-se como se fosse a colega tocada - Técnica de apresentação – 20 min.
- b) Negociação das regras e avaliação – 20 min.
- c) Intervalo c/lanche – 20 min.
- d) Tópico: As adolescentes em geral cuidam do seu corpo? E vocês cuidam?- 25 min.

II Encontro

- a) Relembrando as regras – 15 min.
 - b) Atividade de integração – Role-play
Tópico: escrevendo a nossa história – 45 min.
Como vocês aprendem a cuidar do corpo? E com quem?
 - c) Intervalo c/lanche– 15 min.
- Grupo focal – discussão sobre o tema do encontro e geração de tópicos para os próximos encontros – 30 min.

III Encontro

- a) Atividade de Integração – 30 min. (confecção de painel – colagem)
- b) Tópico: Quais práticas corporais vocês consideram importante para cuidar do corpo?
- c) Intervalo c/lanche– 15 min.
- d) Grupo focal – discussão e geração de tópicos para os próximos encontros – 45 min.

IV Encontro

- a) Atividade de integração – 30 min. (elaborar um teste de perguntas sobre o cuidado com o corpo – com pontuação)
- b) Tópico: Vocês acham que essa preocupação com o corpo atinge homens e mulheres da mesma maneira?
- c) Intervalo c/lanche– 15 min.
- d) Grupo focal – discussão e geração de tópicos para os próximos encontros – 45 min.

V Encontro

- a) Atividade de Integração. Articulando dieta/consumo e beleza – Escrever duas colunas para uma revista fictícia: o grupo será dividido em dois, um grupo escreve uma carta para uma revista e o outro responde a carta – 30 min.
- b) Tópico: Quais são as principais dúvidas de vocês com relação aos cuidados com o

- corpo e para quem vocês recorrem para resolver tais dúvidas?
- c) Intervalo c/lanche– 15 min.
 - d) Grupo focal – avaliação, discussão e geração de tópicos para o próximo encontro – 45min.

VI Encontro

- a) Atividade de Integração – (retomar a produção dos grupos anteriores) 25 min.
Tópico: Espaço aberto para discutir tópicos gerados nos grupos anteriores – 30 min.
- b) Intervalo – 10 min.
- c) Grupo focal – retomada das idéias levantadas nos encontros anteriores e a opinião das participantes e do pesquisador sobre o processo de pesquisa – 35min.
- d) Confraternização – 25 min.